

**UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO**

**SUELLEN MANZATO DELLA COLETTA**

**NACIONALISMO E COSMOPOLITISMO: ANÁLISE DA  
CRISE EUROPEIA DE REFUGIADOS**

BAURU  
2015

**SUELLEN MANZATO DELLA COLETTA**

**NACIONALISMO E COSMOPOLITISMO: ANÁLISE DA  
CRISE EUROPEIA DE REFUGIADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para Relações Internacionais, sob orientação da Profa. Ma. Roberta Cava.

**BAURU  
2015**

C694n	<p data-bbox="518 1473 965 1507">Coletta, Suellen Manzato Della</p> <p data-bbox="518 1547 1300 1688">Nacionalismo e cosmopolitismo: análise da crise europeia de refugiados / Suellen Manzato Della Coletta. -- 2015. 120f. : il.</p> <p data-bbox="571 1731 1125 1765">Orientadora: Profa. Ma. Roberta Cava.</p> <p data-bbox="518 1807 1300 1912">Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP.</p> <p data-bbox="518 1955 1300 2054">1. Refugiados. 2. Europa. 3. Nacionalismo. 4. Cosmopolitismo. 5. Islamofobia. I. Cava, Roberta. II. Título.</p>
-------	--

**SUELLEN MANZATO DELLA COLETTA**

**NACIONALISMO E COSMOPOLITISMO: ANÁLISE DA CRISE  
EUROPEIA DE REFUGIADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para Relações Internacionais, sob orientação da Profa. Ma. Roberta Cava.

Banca examinadora:

---

Profa. Ma. Roberta Cava  
Universidade do Sagrado Coração

---

Profa. Ma. Beatriz Sabia Ferreira Alves  
Universidade do Sagrado Coração

---

Prof. Me. Fábio José de Souza  
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 10 de dezembro de 2015.

Com muito amor e carinho, ao melhor avô  
do mundo, que dorme com os anjos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Profa. Ma. Roberta Cava por me orientar na elaboração deste trabalho; à Ana Paula, pelo apoio e compreensão; a Jeremy, pelo carinho, paciência e por acreditar no meu potencial; à Rafaela, Julia e Nathalia, pela amizade e companheirismo durante quatro anos e por esclarecer minhas dúvidas e angústias nas madrugadas; aos meus avós, que sempre cuidaram de mim; à mulher mais poderosa na minha vida e a melhor mãe, que é pai ao mesmo tempo, que cuidou de mim com tanto amor e dedicação, que lutou e trabalhou arduamente para que eu pudesse cursar o ensino superior. Obrigada por tudo.

“The right to asylum is a human right and everyone who applies for political asylum should be treated fairly and, if appropriate, be taken in with all of the associated consequences.”

Jürgen Habermas

## RESUMO

O presente trabalho analisa a entrada em massa de refugiados muçulmanos na Europa, devido aos conflitos civis no Oriente Médio, especialmente na Síria. O objetivo desta análise visa relacionar a presença de refugiados muçulmanos no continente europeu com a islamofobia e com o ressurgimento de movimentos nacionalistas, também sugerindo a hipótese de que este fator pode aumentar a popularidade de partidos políticos de extrema direita, que são anti-imigração. Esta pesquisa de método qualitativo analisa o fenômeno da migração em massa na Europa através das teorias do nacionalismo e cosmopolitismo, dando atenção às opiniões de vários países europeus, como a Alemanha, França e Hungria. Quanto à teoria cosmopolita, é preciso averiguar o lugar que o refugiado possui em qualquer sociedade, tendo em mente a suposição teórica do cosmopolitismo de que todos os indivíduos da Terra são iguais uns aos outros. Das duas teorias, somente uma delas é capaz de explicar como os refugiados serão tratados na Europa num futuro próximo. Os resultados evidenciam que a crise de refugiados muçulmanos influencia a ascensão de movimentos nacionalistas europeus, que por sua vez são influenciados pela ascensão da extrema direita. Ambos os grupos possuem um forte discurso islamofóbico. As conclusões determinam que a teoria que melhor explica a situação dos refugiados na Europa é a teoria nacionalista, visto que, por serem muçulmanos, muitos europeus vêem os refugiados como invasores, terroristas, e não como irmãos e irmãs habitantes do mesmo planeta, que possuem o direito de serem bem vindos em qualquer lugar, como propõe a teoria cosmopolita.

**Palavras-chave:** Refugiados. Europa. Nacionalismo. Cosmopolitismo. Islamofobia.



## **ABSTRACT**

The present work analyzes the mass entry of Muslim refugees in Europe due to civil conflicts in the Middle East, especially in Syria. The goal of this analysis aims to relate the presence of Muslim refugees in the European continent with islamophobia and with the resurgence of nationalist movements, also suggesting the hypothesis that this factor may increase the popularity of far-right political parties, which are anti-immigration. This qualitative research analyzes the mass migration phenomenon in Europe through the nationalist and cosmopolitan theories, regarding the opinions of various European countries such as Germany, France and Hungary. As for the cosmopolitan theory, it's necessary to investigate the position that the refugee occupies in any society, keeping in mind the cosmopolitan theory assumption that all Earth individuals are equal to one another. Of both theories, only one of them is capable of explaining how refugees will be treated in Europe in the near future. The results show the Muslim refugee crisis influences the resurgence of European nationalist movements, which in turn are influenced by the rise of the far-right. Both groups have a strong islamophobic discourse. The conclusions determine the theory that best explains the refugee situation in Europe is the nationalist theory, seeing that for being Muslims, many Europeans see refugees as invaders and terrorists, not as brothers and sisters inhabiting the same planet, who have the right to be welcome anywhere, as suggested by the cosmopolitan theory.

**Keywords:** Refugees. Europe. Nationalism. Cosmopolitanism. Islamophobia.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Charges de Charlie Hebdo.....	65
--	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados  
AIG – American International Group  
BBC – British Broadcasting Company  
BCE – Banco Central Europeu  
CAD – Comitê de Assistência ao Desenvolvimento  
CBS – Columbia Broadcasting System  
CDO – Colateralized Debt Obligation  
CDS – Credit Default Swaps  
CECA – Comunidade Europeia do Carvão e do Aço  
CEE – Comunidade Econômica Europeia  
CIJ – Corte Internacional de Justiça  
EURATOM – Comunidade Europeia de Energia Atômica  
FBI – Federal Bureau of Investigation (Agência Federal de Investigação)  
FMI – Fundo Monetário Internacional  
FRONTEX – Força de Controle de Fronteiras Externas da Europa  
KKK – Ku Klux Klan  
OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico  
OMS – Organização Mundial da Saúde  
ONU – Organização das Nações Unidas  
PEGIDA – Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes  
(Europeus Patriotas Contra a Islamização do Ocidente)  
TNP – Tratado de Não-Proliferação Nuclear  
TPI – Tribunal Penal Internacional  
UE – União Europeia  
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 CAPÍTULO I – AS TEORIAS NACIONALISTA E COSMOPOLITA.....</b>	<b>17</b>
2.1 O CONCEITO DE ESTADO PARA MAX WEBER.....	17
2.2 O CONCEITO DE NAÇÃO.....	18
2.3 NACIONALIDADE E IDENTIDADE NACIONAL.....	21
2.4 SOBRE NACIONALISMO E PATRIOTISMO.....	21
2.5 NACIONALISMO.....	22
2.6 A GLOBALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DE UMA NOVA ORDEM MUNDIAL.....	25
2.7 COSMOPOLITISMO.....	27
2.8 COSMOPOLITISMO E GLOBALIZAÇÃO.....	40
<b>3 CAPÍTULO II – A CRISE MIGRATÓRIA NA EUROPA.....</b>	<b>42</b>
3.1 A FORMAÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA.....	43
3.2 A CRISE FINANCEIRA DE 2008.....	45
3.3 A SITUAÇÃO SÓCIOECONÔMICA NA UNIÃO EUROPEIA.....	51
3.4 A SITUAÇÃO POLÍTICA E SOCIOECONÔMICA NA ÁFRICA E ORIENTE MÉDIO.....	55
3.4.1 Violência e imigração na Síria.....	57
3.5 REFUGIADOS NA EUROPA.....	59
3.6 OPINIÃO EUROPEIA FRENTE À ENTRADA DESCONTROLADA DE REFUGIADOS.....	61
3.6.1 Alemanha.....	61
3.6.2 França.....	63
3.6.3 Hungria.....	66
3.6.4 Grécia.....	67
3.6.5 Reino Unido e Grã Bretanha.....	68
3.7 ISLAMOFOBIA.....	69
3.8 POLÍTICA DE CONCESSÃO DE ASILO A REFUGIADOS NA EUROPA.....	74
3.9 ASCENÇÃO DA EXTREMA-DIREITA NA EUROPA.....	76
3.10 A EUROPA E OS REFUGIADOS.....	80

<b>4 CAPÍTULO III – A ATUAÇÃO DA ONU NA CRISE DE REFUGIADOS NO ORIENTE MÉDIO E O SISTEMA INTERNACIONAL.....</b>	<b>83</b>
4.1 A ONU NA CRISE DE REFUGIADOS.....	83
4.2 INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS, DIREITO INTERNACIONAL E COSMOPOLITISMO.....	87
4.3 A COMUNIDADE INTERNACIONAL E A QUESTÃO DOS REFUGIADOS.....	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	100
ANEXOS.....	109



## 1 INTRODUÇÃO

A Europa tem sido há alguns anos um dos principais destinos de pessoas do Oriente Médio que querem sair ou já saíram de seus países devido às conturbações políticas e socioeconômicas da região. A comunidade internacional, entretanto, constantemente falha na negociação, adoção e implementação de medidas que podem aliviar a situação do Oriente Médio.

A Organização das Nações Unidas (ONU) manda seus enviados para o local e eles voltam de mãos vazias, sem a previsão de um armistício ou de um cessar-fogo. Tal cenário se deve ao fato de que o Conselho de Segurança da ONU possui em sua composição o motivo que causa sua ineficiência: seus membros permanentes, com poder de veto nas votações, raramente têm a mesma opinião ou os mesmos interesses. Para a Rússia, por exemplo, não há interesse em acabar com a guerra na Síria porque o país se beneficia com a venda de armamentos ao governo de Bashar al-Assad.

Como os conflitos e a miséria na região não têm fim, não há outra solução para as pessoas que ali vivem a não ser ir embora e buscar refúgio em outros lugares. A Europa, mesmo tendo uma alta taxa de desemprego em alguns países devido a crise do Euro, é quase um paraíso comparada ao Oriente Médio e um bom lugar para recomeçar, tanto pela proximidade do continente europeu quanto pelas boas condições de vida oferecidas pelos países que foram menos atingidos pela crise de 2008. Mas a jornada até a Europa não é fácil.

No capitalismo, sempre há alguém que conseguirá se beneficiar de uma situação, não importa o quão ruim ela seja. A maioria dos refugiados depende de algum meio de transporte para chegar à Europa, de alguém para levá-los até lá. Assim, muitos traficantes lucram com o desespero alheio e a esperança de proporcionar à esposa, filhos ou netos uma vida melhor que aquela que eles tinham na zona de conflito.

As precárias embarcações carregam muito mais pessoas do que conseguem suportar; algumas afundam ou tombam no caminho. Quase toda semana há notícias trágicas sobre um barco ou bote inflável que carregava refugiados. Felizmente, muitos conseguem chegar ao continente europeu. É um número muito alto de refugiados, que começou a aumentar já no começo de 2015 e mais ainda no segundo semestre do ano.

A Europa não estava preparada para receber tantos refugiados tanto no aspecto econômico (devido à crise financeira de 2008 que atingiu fortemente a zona do Euro) quanto no aspecto psicológico e ideológico. Muitos europeus são acolhedores, mas é possível perceber o quão preconceituosa pode ser uma parte da população europeia. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, houve um aumento no número de ataques a políticos pró-imigração e aos próprios refugiados.

Diante destes fatos, o trabalho adotou duas abordagens teóricas. A teoria nacionalista será discutida como uma forma de relacionar a entrada descontrolada de refugiados na Europa com uma possível ascensão dos movimentos nacionalistas. Primeiramente, analisaremos a diferença entre nacionalismo e patriotismo, dois termos com significados diferentes e altamente divergentes. Em seguida, explicaremos alguns dentre os inúmeros tipos de nacionalismo com a intenção de elucidar qual tipo de nacionalismo se manifesta na Europa.

Já a teoria cosmopolita tem o objetivo de comparar o lugar que o refugiado ocupa na sociedade com uma das principais ideias da teoria, a de que nenhum ser humano é diferente do outro; todos somos exatamente iguais e possuímos os mesmos direitos como britânicos ou brasileiros, pois não importa em qual países nascemos, ainda somos habitantes do mesmo planeta. Mais adiante, discutiremos também se a sociedade internacional contemporânea faz parte de uma sociedade cosmopolita, tal qual foi idealizada por Immanuel Kant, ou se ela ainda é baseada no Direito Internacional e suas regras, positivadas ou não, estando este Direito inserido numa ordem unimultipolar.

As duas teorias se relacionam diretamente, ao passo que o movimento nacionalista tenta diferenciar o estrangeiro do nacional, tentando fazer com que o primeiro seja tratado de uma maneira inferior ao segundo, enquanto a teoria cosmopolita propõe que todos recebamos o mesmo tipo de tratamento indiferente da nacionalidade que possuímos, porque somos todos seres humanos. Tendo em vista a valorização da identidade nacional presente em alguns movimentos nacionalistas e o apoio ao multiculturalismo proposto pelo cosmopolitismo, qual corrente teórica melhor explica o futuro dos refugiados muçulmanos na Europa?

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro trata-se das contribuições teóricas; o segundo capítulo relaciona as teorias com a temática do trabalho. Já a terceira parte discutirá a atuação da ONU e suas agências especializadas na crise dos refugiados, através de uma atenção especial ao Oriente



Médio. Debateremos também as características de uma ordem internacional cosmopolita, comparando-a com o próprio sistema internacional atual como o conhecemos.

O preconceito sofrido pelos refugiados do Oriente Médio será trabalhado dentro do conceito de islamofobia, visto que os refugiados desta região são em sua maioria, se não quase todos, muçulmanos. A islamofobia intensificou-se principalmente depois dos ataques de 11 de setembro de 2001 contra o Pentágono e World Trade Center, nos Estados Unidos da América.

Catorze anos se passaram desde os trágicos acontecimentos, mas os muçulmanos continuam a ser vítimas do preconceito no mundo todo. A atuação do grupo terrorista intitulado Estado Islâmico piora ainda mais a situação dos muçulmanos não fundamentalistas, visto que o resto do mundo ainda não desenvolveu a capacidade de saber a diferença entre pessoas boas e más, fundamentalistas e não-fundamentalistas, englobando todos os muçulmanos num único grupo cujo objetivo primordial é destruir o Ocidente e dominar o planeta.

Desta forma, um assunto polêmico a ser tratado no âmbito deste trabalho, é o uso da *burka* e *hijab*, vestimentas que escondem o cabelo ou boa parte do corpo das mulheres muçulmanas, controverso na Europa e banido em alguns locais. Sua proibição é justificável, levando em consideração a opressão de gênero das muçulmanas exaltada pelos ocidentais, ou isso interfere na liberdade de expor sua identidade religiosa?

A hipótese desta pesquisa diz respeito à situação política da União Europeia. A presença de refugiados no bloco pode aumentar a popularidade de partidos da extrema direita, cujos principais discursos giram em torno da criação de medidas mais eficazes para impossibilitar a entrada de refugiados na Europa, além de deportar os que já estão lá. Serão usados como exemplos para dar força à esta hipótese países como a França, Dinamarca, Holanda, Suécia, República Tcheca e Polônia. Este trabalho também visa relacionar a ascensão de movimentos nacionalistas na Europa com um potencial aumento da popularidade da extrema direita.

Como referencial teórico desta pesquisa de metodologia qualitativa, utilizaremos as contribuições literárias de grandes nomes como George Orwell, Eric Hobsbawm, Alexander J. Motyl, Max Weber, Nicolau Machiavel, Benedict Anderson, Ernest Gellner, Jean-Jacques Rousseau e David Held. Para os demais tópicos,

serão mencionados trechos das obras dos autores Panagiotis Petrakis, Panteis Kostis, Dionysis Valsamis, Charles Ferguson, Raghuram Rajan, Teresa Caverio, Krisnah Poinasamy, Jutta Allmendinger, Ellen von den Driesch, Antony O. Ong'ayo, Beate Winkler, Shaista Gohir, Richard Wolin, Aristoteles Constantinides e Corinne Lewis.

Serão também utilizadas notícias de jornais como Forbes, Tresor, BBC, RTE, Greek Reporter, The Guardian, Foreign Policy, FT, Amnesty International, Politico, Mondo Weiss, The New York Times, The Telegraph, International Business Times, The Sydney Morning Herald, Telesur TV, The Washington Post, The Salvation's Army, Council of Foreign Relations, Al Jazeera, Time, Euronews, Newsweek, New Europe, EU Observer e CBC News, além de informações dos sites oficiais da União Europeia.

## 2 CAPÍTULO I – AS TEORIAS NACIONALISTA E COSMOPOLITA

Para analisar a teoria nacionalista sob a qual esta pesquisa está embasada, deve-se primeiramente discutir sobre as definições de Estado, nação, nacionalidade e identidade nacional utilizando como referência as obras de Max Weber, Nicolau Machiavel, Benedict Anderson, Ernest Gellner, Eric Hobsbawm e Alexander J. Motyl.

Feita esta discussão, analisaremos o nacionalismo e suas correntes, enfatizando as correntes que mais se assemelham com os propósitos deste trabalho.

A seguir, será apresentada a teoria do cosmopolitismo tomando por base os autores David Held e Immanuel Kant.

### 2.1 O CONCEITO DE ESTADO PARA MAX WEBER

As melhores palavras que podem definir e simplificar o conceito de Estado são as palavras território e governo. O Estado não é o território em si, mas não pode existir sem ele ao passo que o Estado é a máquina que controla e defende o território.

O governo, de acordo com algumas ideias de Machiavel<sup>1</sup>, pode ser desenvolvido por alguém que chegou ao poder por meio de sua família, como ser filho de outra pessoa que já está no comando, ou ele pode ter alcançado o poder através da violência. Um território governado encontra-se numa situação oposta à anarquia. A anarquia caracteriza-se pela ausência completa de um governo. Embora não esteja presente no âmbito interno dos países em que o Estado se faz presente, é uma característica que pertence ao sistema internacional entre Estados, ideia defendida por teóricos realistas como Hans Morgenthau.<sup>2</sup> Neste sistema, não há um poder regulador acima dos países que possa regular ou condenar suas ações. Logo, não existe governo na arena internacional.

No âmbito interno dos países, entretanto, o Estado moderno, de acordo com o sociólogo alemão Max Weber<sup>3</sup> em sua obra *A Política como Vocação*, é definido pelos “meios peculiares que lhe são próprios, como é peculiar a toda associação

---

<sup>1</sup> MACHIAVELLI, Niccolò. **O Príncipe**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. pp. 6-8.

<sup>2</sup> A teoria realista das Relações Internacionais coloca o Estado como o principal ator da área internacional, com a total ausência de um governo que possa subjulgar suas ações.

<sup>3</sup> WEBER, Max. **A política como vocação**. 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003. p. 8.

política: o uso da força física”. Weber ainda cita o comissário de guerra bolchevique Leon Trostky em Brest-Litovsk:<sup>4</sup> “qualquer Estado baseia-se na força”.

Para o autor, então, o Estado detém o monopólio da força nos limites de um território definido. Mas ela não é o único meio do Estado, apenas um elemento específico dele. Diz-se que o Estado detém o monopólio da força porque é o único ente autorizado a usá-la dentro do território: a violência usada por e entre entes particulares será reprimida por ele.

O Estado também caracteriza-se por uma relação de homens que dominam seus iguais e sua existência depende dessa relação entre os poderes dominantes e dominados. Ernest Gellner em *Nations and Nationalism* defende o ponto que nem todos os Estados sentem a necessidade de possuir o monopólio da violência legítima. O autor cita como exemplo o Iraque sob tutela britânica após a Primeira Guerra, que tolerava invasões tribais sob a condição de que os invasores se declarassem à delegacia mais próxima antes e depois das invasões, “deixando um organizado e burocrático relato de massacre e ganhos”.<sup>5</sup>

Desta forma, a concepção de Estado difere da de nação, como veremos a seguir.

## 2.2 O CONCEITO DE NAÇÃO

Diversos autores acreditam que os elementos principais que definem uma nação são a etnia e o idioma de um povo: dentro de uma nação, todas as pessoas devem pertencer à mesma etnia e falar a mesma língua.

Segundo Benedict Anderson, professor emérito de Estudos Internacionais, Governo e Estudos Asiáticos, a nação define-se em uma “comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”.<sup>6</sup> Sua obra “Comunidades Imaginadas: As Origens do Nacionalismo” foi originalmente publicada em 1983, período que precedeu o fim da Guerra Fria. Menos de uma década mais tarde, a Iugoslávia, que pertencia ao bloco socialista da

---

<sup>4</sup> O tratado de armistício Brest-Litovsk foi assinado em 1918, colocando um fim na participação russa na Primeira Grande Guerra.

<sup>5</sup> GELLNER, Ernest. **Nations and Nationalism**. 1. ed. Oxford: Editora Basil Blackwell, 1983. p. 14.

<sup>6</sup> ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. 1. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008. p. 32.

União Soviética, dividiu-se em 7 países após uma sucessão de conflitos<sup>7</sup> motivados por movimentos nacionalistas de pessoas que não queriam ficar unidas numa só nação, pois haviam 7 identidades nacionais diferentes ali.

Para o autor, a comunidade é imaginada porque nem os habitantes dos menores países irão todos se conhecer uns aos outros, mas entre eles há esta ideia em comum de que eles partilham de uma mesma coisa entre si: eles fazem parte do mesmo lugar, que compartilham a mesma nacionalidade.

É limitada porque possui um limite territorial, pois “nenhuma delas imagina ter a mesma extensão da humanidade”<sup>8</sup> ainda que este limite possa aumentar ou diminuir ao longo do tempo, através de acordos ou disputas. No entanto, a reformulação de limites territoriais é algo que raramente acontece no século XXI, o que é um fato positivo e negativo ao mesmo tempo.

É um fato positivo, pois é difícil imaginar que um líder europeu tente invadir e conquistar territórios próximos de seu país nos dias de hoje. Praticamente impossível. Por outro lado, é negativo pois no processo de formação de fronteiras liderado pelas potências imperialistas do século XIX e XX, vários territórios foram estabelecidos sem que os habitantes tivessem este sentimento citado por Benedict Anderson, o de pertencer ao mesmo lugar e compartilhar a mesma identidade. Neste caso, pessoas de etnias diferentes foram agrupadas no mesmo lugar e forçadas a conviver entre si.

As consequências de tal ato podem ser desastrosas, como o genocídio ocorrido em Ruanda, no continente africano, em 1994, onde os membros das etnias Hutu e Tutsi entraram em conflito no contexto de uma guerra civil que ocorria no país. Nem mesmo as tropas das Nações Unidas foram capazes de interferir no conflito que dizimou cerca de 1 milhão de pessoas no país.

A nação é soberana a partir do momento em que os ideais do Iluminismo e da Revolução Francesa destroem a legitimidade da ordem divina sobre o governo de um território. O Estado agora encontra-se livre da dominação divina e passa a ser, portanto, soberano.

E, por fim, é uma comunidade pelo sentimento de fraternidade que proporciona às pessoas que nela vivem. Anderson acredita, que independentemente

---

<sup>7</sup> WILDE, Robert. The Wars of the Former Yugoslavia. **About.com**, c2015. Disponível em: <<http://europeanhistory.about.com/od/thebalkansandturkey/a/The-Wars-Of-The-Former-Yugoslavia.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

<sup>8</sup> ANDERSON, op. cit., p. 32.

da desigualdade e exploração que podem existir nesse território, “a nação sempre é concebida como uma camaradagem horizontal”<sup>9</sup>. Foi este sentimento de fraternidade que fez com que tantas pessoas morressem por suas nações nos dois últimos séculos. Tal ato é denominado por muitos de nacionalismo, termo que é muitas vezes confundido com patriotismo. A diferença entre os dois será analisada adiante.

Colocada a definição de nação, deve-se discutir brevemente a respeito de sua formação. Para Eric Hobsbawm, historiador britânico conhecido por suas contribuições ao Marxismo, em *Nações e Nacionalismo desde 1870*, o elemento necessário para criar-se uma nação é “a vontade de sê-la”.<sup>10</sup> Se, por exemplo, os habitantes do Rio Grande do Sul dizem que o estado deve se separar do resto do Brasil, seguindo a linha de raciocínio do autor, ali poderia existir uma nação. Todavia sabemos que atualmente o processo da formação de um país é bem mais complexo que isso.

Dentre um dos passos necessários para uma nação ser definitiva, o país deve ser reconhecido como um Estado legítimo e soberano na esfera internacional por outros países. Um claro exemplo desta situação é a Palestina, uma área do Oriente Médio próxima a Israel que tem sua soberania reconhecida por muitos países, mas não a possui devido a interesses divergentes dos Estados Unidos e alguns países da Europa, que são contra sua soberania.

Já no caso do Rio Grande do Sul, a região ainda deveria passar por um processo de secessão da unidade federativa no Brasil, o que não apresenta legalidade segundo o primeiro artigo da constituição brasileira.<sup>11</sup>

Os habitantes do Rio Grande do Sul que apoiam a separação do estado do Brasil argumentam que não se identificam com o Brasil, por isso preferem ter outra nacionalidade que não seja a brasileira.

---

<sup>9</sup> ANDERSON, op. cit., p. 50.

<sup>10</sup> HOBBSAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1870: Programa, Mito e Realidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1990, p. 20.

<sup>11</sup> Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Cf. <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 11 nov. 2015.

### 2.3 NACIONALIDADE E IDENTIDADE NACIONAL

A nacionalidade nada mais é que um título conferido pelo Estado à pessoa que nasceu naquele lugar. É o que faz alguém ser brasileiro, americano, argentino. Em outras palavras, a nacionalidade é a ligação, o vínculo formal e legal que o indivíduo tem para com o seu Estado.<sup>12</sup> Para ser nacional de um Estado, não é necessário ter uma ligação emocional com ele. Esta ligação emocional é chamada de identidade nacional. Um indivíduo é brasileiro, americano ou argentino não só por ter nascido nestes países, mas também porque se sente emocionalmente ligado a eles, por amor, orgulho e respeito. A identidade nacional é o elemento chave do patriotismo e do nacionalismo, termos que serão discutidos a seguir.

### 2.4 SOBRE NACIONALISMO E PATRIOTISMO

Os termos patriotismo e nacionalismo são muitas vezes usados como sinônimos ou confundidos entre si,<sup>13</sup> não só pelos leigos mas também por muitos autores no âmbito da Ciência Política. É difícil entrar num consenso sobre os seus significados. A concepção de que as duas palavras referem-se à ligação emocional pela pátria está correta, mas o ponto chave da diferença diz respeito ao grau deste sentimento.

George Orwell, famoso crítico, jornalista e escritor britânico, faz um contraste entre as definições no sentido de atitudes agressivas e defensivas. O autor vai à direção oposta do que aparenta ser o consenso entre muitos autores, que o patriotismo é agressivo e o nacionalismo não. Segundo Orwell, patriotismo significa devoção a um lugar e a um meio de vida particular. O indivíduo patriota acredita que este lugar e meio de vida são os melhores do mundo, mas ele não tem a intenção de fazer com que outras pessoas aceitem sua opinião. Ele apenas valoriza seu país. Sua natureza é defensiva.<sup>14</sup>

Já o nacionalismo, para Orwell, não pode ser separado do desejo de conquistar o poder: “O principal objetivo de um nacionalista é sempre adquirir mais

---

<sup>12</sup> A palavra nacionalidade também é confundida com cidadania e existem debates extensos sobre as diferenças e semelhanças entre uma e outra. Muitos estudiosos afirmam que a cidadania é o ato de ser um cidadão, de cumprir seus deveres para com a sociedade que pertence.

<sup>13</sup> GARDNER, Zen. Patriotism vs Nationalism – The Deliberately Blurred Line. **ZenGardner.com**. c2015. Disponível em: <<http://www.zengardner.com/patriotism-vs-nationalism-the-deliberately-blurred-line/>> Acesso em: 11 nov. 2015.

<sup>14</sup> ORWELL, George. Notes on Nationalism. **Resort**, c2015. Disponível em: <<http://www.resort.com/~prime8/Orwell/nationalism.html>> Acesso em: 11 nov. 2015.

poder e mais prestígio, não para si mesmo mas para o seu país, no qual ele submergiu sua individualidade.”<sup>15</sup> Sua natureza é, portanto, agressiva. Porém, em nenhum momento George Orwell defende a ideia de que um nacionalista seja leal ao seu governo. Sua proposição é válida para os fins deste trabalho, a partir do momento em que o nacionalismo do contexto analisado tenha surgido do descontentamento da população europeia perante os governos de seus respectivos países.

Logo, no âmbito do presente trabalho, o nacionalismo nasce com o desequilíbrio do status quo dentro de um país e representa os esforços da população para defender sua nação de uma ameaça.

## 2.5 NACIONALISMO

Esta pesquisa pretende analisar o ressurgimento do nacionalismo na Europa como resultado da entrada desenfreada de migrantes no continente europeu. Nesta etapa, serão apresentados alguns tipos de nacionalismo, dentre os quais os tipos que melhor exemplificam o contexto do nacionalismo na União Europeia. É certo permitir que *eles* se juntem a *nós*? Esta é a questão primordial que norteia o movimento na Europa. E a palavra em itálico só enfatiza como boa parte da população europeia se sente em relação aos imigrantes de países emergentes ou de terceiro mundo. Seria este descontentamento puro egoísmo ou há razões socioeconômicas que justifiquem o fato dessas pessoas não querer ainda mais pessoas em seus países?

Não se sabe ao certo o que surgiu primeiro, a nação ou o nacionalismo. Há nações que são formadas a partir do nacionalismo e há nacionalismos que são formados dentro de uma nação já estabelecida há séculos. Dois argumentos tentam explicar as causas do nacionalismo: os argumentos primordialista e modernista.<sup>16</sup>

O argumento primordialista é baseado na teoria da evolução das espécies de Charles Darwin.<sup>17</sup> Sua perspectiva define o nacionalismo como um reflexo de uma tendência evolucionária que permite que seres humanos se organizem em grupos distintos baseados nas semelhanças de sua origem. Portanto, esta teoria do

<sup>15</sup> ORWELL, op. cit.

<sup>16</sup> MOTYL, J. Alexander. **Encyclopedia of Nationalism**. 1. ed. Waltham: Editora Academic Press, 2000. pp. 272-273, 508-509.

<sup>17</sup> A teoria da evolução das espécies do cientista Charles Darwin contesta a visão criacionista de que Deus criou os seres humanos há milhares de anos da maneira que somos hoje, enquanto Darwin acreditava que descendemos dos primatas a partir de um processo evolutivo.



nacionalismo o define como o resultado de uma evolução, na qual os seres humanos passam a se identificar e se reunir com indivíduos que possuem as mesmas características entre si, como por exemplo um grupo étnico.

O argumento modernista apresenta o nacionalismo como um fenômeno recente, fruto das sociedades modernas caracterizadas por uma economia industrial que garante o sustento da sociedade, uma autoridade central capaz de manter a ordem e a unidade da nação e uma (ou mais) comunidade de pessoas que possuem uma língua em comum.

Não convém escolher apenas um dos argumentos para explicar o nacionalismo ao passo que ambos são válidos. Partir-se-á da suposição que o nacionalismo é de fato um fenômeno que se inicia com o surgimento do Estado moderno, e seus elementos, tais como o etnocentrismo,<sup>18</sup> fazem parte da história da civilização humana desde os tempos dos povos antigos gregos e hebreus, que se sentiam superiores aos outros povos.

A teoria nacionalista pressupõe a existência de vários tipos de nacionalismo, como o nacionalismo de esquerda, anti-colonial, cívico, étnico, ultranacionalismo, entre outros.

O nacionalismo de esquerda<sup>19</sup> tem como objetivo promover a igualdade social, a autodeterminação<sup>20</sup>, e a soberania popular, além de apresentar aversão ao imperialismo dos países de primeiro mundo como os Estados Unidos da América.

Seguindo a linha do pensamento imperialista, surge o nacionalismo expansionista<sup>21</sup>, comum na época de glória do continente europeu no período de colonização e extensa exploração do continente africano no século XIX. Também é expresso na doutrina do Destino Manifesto dos Estados Unidos,<sup>22</sup> e no interesse de Adolf Hitler em invadir países europeus para aumentar o território que, de acordo com ele, deveria ser da Alemanha.

---

<sup>18</sup> O etnocentrismo define uma etnia, uma cultura como a melhor do mundo, sendo todas as outras inferiores a ela.

<sup>19</sup> NACIONALISMO de Esquerda x nacionalismo de Direita. **Economia Política Brasil**, c2009. Disponível em: <<http://economiapoliticabrasil.blogspot.com.br/2009/01/nacionalismo-de-esquerda-x-nacionalismo.html>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

<sup>20</sup> O direito que uma nação tem de se auto-governar, de cuidar de seus próprios assuntos sem sofrer intervenções por outros países.

<sup>21</sup> NACIONALISMO expansionista. **ABC.es**, c2015. Disponível em: <[http://www.abc.es/hemeroteca/historico-10-12-2005/abc/Opinion/nacionalismo-expansionista\\_1012882804004.html](http://www.abc.es/hemeroteca/historico-10-12-2005/abc/Opinion/nacionalismo-expansionista_1012882804004.html)>. Acesso em: 11 nov. 2015.

<sup>22</sup> A doutrina prega a crença de que os Estados Unidos foram eleitos por Deus para dominar o mundo. É uma justificativa para o expansionismo geopolítico da nação norte-americana.

Ao contrário do nacionalismo expansionista, existe o nacionalismo anti-colonial<sup>23</sup> que fomentou o processo de descolonização em muitos países de terceiro mundo da África e Ásia no período pós-guerra.

O nacionalismo cívico<sup>24</sup> é uma forma não preconceituosa do nacionalismo que afirma que a nação consiste de todas as pessoas que voluntariamente aceitam a ideologia política do país, sem levar em conta a raça, religião ou idioma destes indivíduos. Este tipo de nacionalismo é comum em países que foram construídos por imigrantes de vários países, como os Estados Unidos e Brasil. Contudo, suas características pacíficas contradizem a suposição de que o nacionalismo surge a partir de um problema e em muitas situações podem causar violência.

Um fato interessante deste países resume-se na concessão de nacionalidade a uma pessoa nascida em um destes países enquanto sendo filha de cidadãos estrangeiros. A concessão é baseada no princípio *jus soli*,<sup>25</sup> o que significa que qualquer pessoa nascida naquele território recebe o status de americano ou brasileiro mesmo que seus pais sejam estrangeiros.

Já o nacionalismo étnico,<sup>26</sup> por sua vez, define a nação por caráter de uma etnicidade, idioma, religião e costumes em comum. Para os nacionalistas étnicos, não é o Estado que cria a nação, e sim a nação que cria o Estado. O que mantém os membros desta nação unidos são as características étnicas pré-existentes. Só é membro de uma nação quem tem raízes hereditárias nela. Neste caso, a nacionalidade somente é concedida ao membro cujo pai ou mãe nasceu naquele país, baseada no princípio *jus sanguinis*.<sup>27</sup>

O ultranacionalismo é um nacionalismo étnico mais radical, adotado principalmente pela extrema direita, com teor populista e até mesmo fascista. Uma

---

<sup>23</sup> NACIONALISMO anti-colonial. **Segunda Guerra Mundial**, c2011. Disponível em: <<http://segundaguerramundial2011-m01.blogspot.com.br/2011/10/nacionalismo-anti-colonial.html>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

<sup>24</sup> MARQUES, Thomas. Nacionalismo. **Ordem ou Regresso**, c2013. Disponível em: <<http://ordemouregresso.blogspot.com.br/2013/08/nacionalismo.html>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

<sup>25</sup> Jus soli, do latim direito de solo, é o princípio que permite que um país conceda a sua nacionalidade a qualquer pessoa nascida em seu território, independente do fato se os pais dessa pessoa são nacionais deste país ou não.

<sup>26</sup> MARQUES, loc. cit.

<sup>27</sup> O princípio jus sanguinis, do latim direito de sangue, determina que a concessão da nacionalidade a alguém não leva como base o local de nascimento, mas sim se esta pessoa tem um ou ambos os pais nascidos naquele país.

Muitos casais brasileiros vivem em países que adotam este princípio e como consequência seus filhos nascidos nestes países não tinham nacionalidade alguma, porque o Brasil não garantia nacionalidade brasileira a filhos de brasileiros residentes no exterior (exceto se os pais estivessem cumprindo serviço militar). No entanto, a legislação do Brasil foi modificada (Emenda Constitucional nº54/2007) para que estas crianças pudessem receber a nacionalidade brasileira.

das suposições do ultranacionalismo é a de que uma nação deve possuir homogeneidade étnica para poder conduzir com êxito a manutenção da ordem política e sócio-econômica do país.<sup>28</sup>

Foi uma perigosa combinação de ultranacionalismo com nacionalismo expansionista que fez com que a Alemanha na Segunda Guerra Mundial perseguisse, torturasse e matasse milhões de pessoas que eram consideradas inferiores à raça ariana, além de ter invadido vários países como a Polônia e a Rússia para conquistar territórios.

O nacionalismo étnico e o ultranacionalismo são as duas principais formas de nacionalismo utilizadas nos âmbitos desta monografia. A ascensão destes movimentos é impulsionada pela globalização e os efeitos negativos que ela proporciona no mundo.

## 2.6 A GLOBALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DE UMA NOVA ORDEM MUNDIAL

A ordem bipolar, constituída por dois países poderosos (Estados Unidos e URSS) e instaurada no sistema internacional após a Segunda Guerra Mundial está sendo substituída. Não se sabe ao certo, no entanto, qual a denominação desta ordem. As opiniões são divergentes entre inúmeros estudiosos. Pode ser multipolar, com vários países apresentando uma importância muito relevante internacionalmente, ou poder ser unimultipolar, com as características da multipolaridade mas ainda com um país que continua sendo mais poderoso que todos os outros, econômica e militarmente, como os Estados Unidos da América.

Contudo, mesmo sendo a maior potência militar do mundo, os estudiosos das Relações Internacionais acreditam que o poder dos Estados Unidos vêm entrando em declínio a um certo tempo, enquanto a China vem se apresentando como o gigante econômico que não só influencia grande parte da economia mundial, mas também detém boa parte dos títulos da dívida externa dos Estados Unidos. Se a economia da China retrai, os Estados Unidos são os primeiros a sentirem os efeitos de uma crise econômica chinesa.

O fato é que o século XXI é marcado pelo declínio da influência do Ocidente no mundo, principalmente na economia. Antes, os Estados Unidos lideravam a saída

---

<sup>28</sup> MARQUES, loc. cit.

de uma crise econômica. Hoje, as economias asiáticas conseguem se reerguer de uma crise mais rápido que os Estados Unidos.<sup>29</sup>

Outro ponto que recebe muito destaque no século XXI são os efeitos negativos da globalização, que não aparenta ser tão inclusiva e positiva em todos os aspectos como era vista anteriormente. A economia dos países são tão interligadas, tão interdependentes que um desequilíbrio no setor imobiliário de um país pode gerar uma crise econômica no continente do outro lado do oceano e, como num efeito dominó, se difundir pelo resto do mundo.

O período pós Segunda Guerra Mundial, em particular, é marcado por frequentes e intensas crises econômicas, algo que foi ainda mais intensificado pela adoção do capitalismo como ideologia econômica pela maior parte dos países. A cada duas décadas o mundo presencia pelo menos uma crise e sua frequência dobrou desde o colapso do sistema de Bretton Woods.<sup>30</sup>

Um argumento interessante destacado por David Held em *Cosmopolitanism: Ideals and Realities*, confirma uma tendência importante da globalização. A interdependência presente entre os países proporcionada pela integração comercial e facilitada pelo processo globalizacional diminui as chances de países entrarem em guerra. Este fato também foi previsto por Immanuel Kant em *A Paz Perpétua: Um Projeto Filosófico em 1795*:

É o espírito comercial que não pode coexistir com a guerra e que, mais cedo ou mais tarde, se apodera de todos os povos. Porque entre todos os poderes (meios) subordinados ao poder do Estado, o poder do dinheiro é decerto o mais fiel, os Estados vêem-se forçados (não certamente por motivos da moralidade) a fomentar a nobre paz e a afastar a guerra mediante negociações, sempre que ela ameaça rebentar em qualquer parte do mundo, como se estivessem por isso numa aliança estável, pois as grandes coligações para a guerra, por sua natureza própria, só muito raramente podem ocorrer e, ainda com muito menos frequência, ter êxito.<sup>31</sup>

As teorias da conspiração prevêm uma guerra mortífera entre Estados Unidos e China, mas a realidade atual é completamente diferente. Por que estes dois países entrariam em conflito armado quando uma relação amistosa e cordial pode proporcionar lucros e benefícios a ambas as partes? No entanto, ao passo que

<sup>29</sup> HELD, David. **Cosmopolitanism: Ideals and Realities**. 1. ed. Cambridge: Editora Polity, 2010. p.

3. <sup>30</sup> GLOBAL recession. **The Guardian**, Londres, 10 jul 2001. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/business/2001/jul/10/globalrecession>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

<sup>31</sup> KANT, Immanuel. **Perpetual Peace: A Philosophical Sketch**. 1. ed. Indianapolis: Editora Hackett, 2003. p. 33.

a globalização diminuiu o risco de guerra entre países, ela aumentou a possibilidade de sérios conflitos entre atores não estatais e Estados falidos.<sup>32</sup>

Conflitos entre atores não estatais e Estados falidos são de complicada resolução, podendo durar décadas. É fácil pensar em intervenções conduzidas pelas potências ocidentais para colocar um ponto final nestas hostilidades, mas o fato é que a estratégia militar do Ocidente está desgastada e muitas vezes não há interesse em cessar os conflitos, pois a região afetada pode não ter nenhuma importância geopolítica para as poderosas nações. Ou, ainda, há o interesse em manter o conflito também por razões geopolíticas.

A globalização também influenciou o aumento da fiscalização da Internet por autoridades governamentais relacionadas à segurança. Além disso, ela possibilitou o surgimento de novas armas que apresentam riscos à segurança nacional dos países, como os ataques cibernéticos e a espionagem.

Estes aspectos da globalização colocam em contradição as teorias clássicas das Relações Internacionais como o realismo e liberalismo<sup>33</sup> e dão lugar a mais uma teoria, o cosmopolitismo. Neste sentido, David Held encerra a primeira parte de seu livro com uma frase icônica: *Ou, para resumir, o realismo está morto; vida longa ao cosmopolitismo!*<sup>34</sup>

## 2.7 COSMOPOLITISMO

A teoria do cosmopolitismo apresenta os humanos como seres igualitários, não importa sua nacionalidade. Immanuel Kant idealizava uma sociedade internacional governada por uma entidade republicana, que formulasse e colocasse em vigor uma lei cosmopolita que seria válida para todas as pessoas do mundo.

---

<sup>32</sup> Um ator não estatal de relevância pode ser um grupo dentro de um país que reivindica mudanças dentro do escopo governamental, como a oposição. Um Estado falido é caracterizado por uma péssima situação política onde a corrupção prevalece e a economia nacional encontra-se extremamente deteriorada. Geralmente o Estado é onipresente, autoritário e tenta fazer sua força através da violência extrema. A ajuda internacional é fundamental para o “funcionamento” destes países. Exemplos: Coreia do Norte e Síria.

<sup>33</sup> Se os países agissem de acordo com a teoria realista, eles ainda resolveriam seus desentendimentos por meio da guerra. No entanto, vários outros meios de solução de controvérsia prevalecem atualmente. No caso do liberalismo, a teoria afirma que o comércio entre os países e a democracia possibilita a cooperação na arena internacional, dificultando o surgimento de conflitos. Mas o capitalismo e o comércio em si também geram graves assimetrias no âmbito interno de muitos países, que conseqüentemente resultam em alguma forma de conflito. E ainda, a própria prática da democracia atualmente não condiz com o verdadeiro conceito da ideologia em muitos lugares.

<sup>34</sup> HELD, op. cit., p. 14.

David Held, por sua vez, utiliza os processos da globalização para explicar o cosmopolitismo.

Sua relevância para este trabalho relaciona-se com a visão que algumas pessoas têm sobre o refugiado, que é caracterizado como um invasor que não merece ter os mesmos direitos que os nacionais do país onde ele busca refúgio.

Segundo as concepções de Thomas Hobbes, filósofo inglês engajado na filosofia política, o ser humano é naturalmente mal. No estado de natureza, não há regras que possam limitar as ações deste mesmo ser humano: “E o que é o pior de tudo, o medo contínuo, o perigo de uma morte violenta; e a vida do homem, solitária, pobre, nojenta, brutal e curta.”<sup>35</sup>

A ausência de regras é sinônimo de anarquia. Sem as regras, o indivíduo pode fazer o que bem entender, pode roubar ou matar e não ser subjulgado. Isso gera uma situação de insegurança constante. Por este motivo, os seres humanos decidiram transferir sua liberdade incondicional para um corpo que possui autoridade máxima, um Estado, garantindo assim a segurança da sociedade.

É importante notar que este fato é apenas uma suposição do filósofo Jean-Jacques Rousseau em *O Contrato Social*,<sup>36</sup> e não um dado histórico. Sendo verdade ou não, o ponto crucial é que em determinado momento os seres humanos abdicaram da sua liberdade infinita e, dando este poder para o Estado, tivemos a chance de desenvolver as regras que norteiam nossas ações, garantem nossos direitos e obrigações até hoje, como as regras do direito civil, tributário, constitucional.

Estes direitos fazem parte do Direito Público. A anarquia foi superada no âmbito interno dos países e hoje não é mais viável retornar ao antigo padrão de liberdade incondicional: ao longo dos anos fomos condicionados a respeitar hierarquias, a obedecer às regras.

Na arena internacional, entretanto, a princípio esta característica não foi ao todo superada. A teoria realista vê o Estado como Hobbes via o ser humano no estado de natureza, como um ser arrogante cujo um dos interesses é tomar para si o que pertence ao outro, sem ser submetido a regras ou a uma força maior. Os teóricos idealistas discordam, pois os ideais democráticos e a cooperação no

---

<sup>35</sup> HOBBS, Thomas. **Leviathan**. 1. ed. Seattle: Editora CreateSpace, 2011. p. 78. Tradução nossa.

<sup>36</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. **The Social Contract**. 1. ed. Seattle: Editora CreateSpace, 2011. pp. 11-15.

comércio internacional levam os Estados a evitar a guerra, conseqüentemente estabelecendo a paz mundial.

Não convém aqui aderir a uma ou outra perspectiva, pois o analista que tenta entender teorias através de uma única ótica limita seu trabalho e não consegue ver o mundo com outros olhos. O realismo e liberalismo têm seus pontos fortes e fracos, mas são concretos.

Não temos uma autoridade competente o suficiente para controlar os Estados, mas certamente temos conjuntos de regras como a Carta das Nações Unidas e a Declaração dos Direitos Humanos, as quais a princípio devem ser respeitadas pelas partes contratantes. É o que chamamos de Direito Internacional, ou Direito das Gentes, que pode ser dividido em Direito Internacional Público e Direito Internacional Privado, o primeiro tendo a capacidade de regular as ações dos Estados e Organizações Internacionais e o segundo tendo responsabilidade pelas ações dos entes privados das relações internacionais, como pessoas e empresas.<sup>37</sup>

Pensando em todas estas hipóteses e levando em consideração a natureza perversa do ser humano antes de transferir sua liberdade incondicional a uma autoridade reguladora, Immanuel Kant, em *A Paz Perpétua*, propõe condições que possibilitam a existência da paz permanente no mundo.<sup>38</sup> Esta paz permanente, perpétua, deve atingir os povos a nível global. É diferente do que vivemos hoje. Por mais que seja difícil dois países ou mais entrarem em conflito bélico direto, percebemos o aumento e a disseminação das guerras civis entre o governo (na maioria das vezes, autoritário) de um país e sua população, como a Síria. Este é o principal fator que contribui para a entrada descontrolada de refugiados do Oriente Médio na Europa, tema central deste trabalho.

A primeira condição defendida por Kant estabelece que a constituição civil dos Estados deve ser republicana, pois convém a separação daquele que executa as leis e daqueles que as elaboram, ao contrário de uma constituição despótica

---

<sup>37</sup> Supondo que uma empresa X brasileira que comercializa com a empresa Y da Bélgica entre em desacordo com esta última devido a falta de pagamento. A empresa brasileira quer fazer a empresa belga pagar, mas a empresa belga se recusa a pagar porque diz que o produto foi recebido muito além do prazo combinado, causando prejuízo à empresa. Os trâmites percorridos para processar a empresa belga no Brasil seriam extremamente custosos e demorados, e a empresa belga nunca aceitaria uma decisão emitida fora de sua jurisdição, proferida no país da empresa rival, que pode muito bem ter beneficiado a empresa brasileira. Para isso, as partes em conflito podem recorrer ao Direito Internacional e resolver seus problemas num órgão especializado e imparcial, como a Corte de Arbitragem em Haia, na Holanda.

<sup>38</sup> KANT, op. cit., pp. 12-25.

onde só uma pessoa ou um grupo de pessoas elaboram e executam as leis.<sup>39</sup> A constituição republicana não deve ser confundida com a democrática, pois a mera sugestão da formação de uma constituição democrática pressupõe a existência de um poder conduzido por todos, onde todas as pessoas poderiam formular leis.

E, ainda, Kant acredita que em uma constituição onde o súdito não é um cidadão (ou seja, uma constituição que não é republicana), a guerra torna-se algo simples e banal:

Pelo contrário, numa constituição em que o súbdito não é cidadão, e que portanto não é uma constituição republicana, a guerra é a coisa mais simples do mundo, porque o chefe do Estado não é um membro do Estado, mas o seu proprietário, e a guerra não lhe faz perder o mínimo dos seus banquetes, das suas caçadas, dos palácios de recreio, das festas cortesãs, etc., e pode, portanto, decidir a guerra como uma espécie de jogo por causas insignificantes e confiar indiferentemente a sua justificação por causa do decoro ao sempre pronto corpo diplomático.<sup>40</sup>

A segunda proposta defende que a sociedade internacional deve ser fundada numa federação de Estados livres, uma federação de paz composta de Estados republicanos que supere o estado de natureza internacional onde o mais forte sempre prevalece. Esta federação distingue-se de um tratado de paz (ou tratado de armistício) que tem o objetivo de por fim em uma única guerra. A federação visa acabar com todas elas, colocando um fim no estado de guerra e instituindo a paz perpétua.<sup>41</sup>

Immanuel Kant propõe ainda a formação do direito cosmopolita, um complemento necessário às leis nacionais e internacionais que dá ao ser humano a capacidade de se manifestar e ser ouvido pelas comunidades políticas sem uma delimitação e restrição artificial como as fronteiras dos países.<sup>42</sup> Esta teoria foi mais tarde desenvolvida por David Held.<sup>43</sup>

David supõe a abordagem de três tipos de cosmopolitismo. O primeiro deles foi desenvolvido pelos estóicos,<sup>44</sup> os primeiros no mundo a se definirem como cosmopolitanos, tentando substituir o papel político da *polis* na sociedade pela política dos cosmos, possibilitando que a humanidade vivesse em harmonia. Esta

---

<sup>39</sup> KANT, op. cit., p. 12.

<sup>40</sup> Ibid., p. 13.

<sup>41</sup> Ibid., pp. 15-19.

<sup>42</sup> Ibid., pp. 20-22.

<sup>43</sup> HELD, op. cit., p. 15.

<sup>44</sup> Os estóicos fundaram o Estoicismo, uma escola de pensamento elenístico fundada em Atenas no século III AC.



política dos cosmos se refere a uma política universal e pode ser resumida da seguinte forma: ao invés de cada área, cada território ter suas leis específicas, por que não ter uma única política universal para todos? Kant toma como base este argumento para sugerir que embora o mundo tenha países diferentes, ao final todos somos habitantes do mesmo lugar: a Terra.

Por mais que vivamos no mesmo planeta, não temos liberdade de circulação. A existência de países diferentes pressupõe a existência de regras diferentes, e qualquer país tem a autoridade de permitir ou negar a entrada de um nacional de outro país em seu território.

Ao entrar na fronteira de outro território, estamos sujeitos a entrevistas, simples ou complicadas, até mesmo vergonhosas e cabe ao policial ou oficial de imigração da fronteira decidir se podemos entrar ou não. Frequentemente pessoas passam por situações constrangedoras pois devido ao preconceito religioso, étnico, racial e outros, não são permitidas a entrar num país como simples visitantes.

Deve-se fornecer prova de tudo: prova de vínculo do país em que vive, seja ele familiar ou empregatício, qualquer coisa que te obrigue a voltar e não te permita ficar naquele outro país por um período longo; prova das reservas do hotel em que vai ficar; de quanto dinheiro tem; por que quer entrar naquele país; se conhece algum nacional de lá; e assim por diante.

As entrevistas podem durar um minuto ou o indivíduo pode ser levado a uma sala com policiais que irão conferir seus documentos e talvez fazer mais perguntas. Isto faz com que as pessoas se sintam como se tivessem cometido um crime e precisam provar sua inocência. Logo, esta liberdade de circulação é limitada.

Este trabalho refere-se justamente à hospitalidade dos nacionais europeus para com os refugiados do continente africano que estão migrando para a Europa em grandes números e sua relação com a ascensão do nacionalismo no continente europeu, como será abordado adiante.

O Terceiro Artigo definitivo para a Paz Perpétua de Kant estabelece que o direito cosmopolita deve limitar-se às condições da hospitalidade universal. A hospitalidade traduz-se no “direito de um estrangeiro de não ser tratado com hostilidade em virtude da sua vinda ao território estrangeiro.”<sup>45</sup> Este território pode admitir o estrangeiro em seu território ou não, mas “enquanto o estrangeiro se

---

<sup>45</sup> KANT, op. cit., p. 20.

comportar amistosamente em seu lugar, o outro não o deve confrontar com hostilidade.”<sup>46</sup>

Kant afirma que não existe um direito de hóspedes que possa assistir estes estrangeiros, mas há um direito de visita baseado no conceito de propriedade comum da superfície da Terra que encontra força no argumento de que o fato de alguém ser um habitante da Terra garante a ele o direito de poder circular livremente por ela.<sup>47</sup> Esse argumento, a princípio, não leva em consideração a soberania de um Estado em aceitar ou negar quem nele deseja entrar.

Na transição entre a verdadeira política mundial e os princípios do cosmopolitismo, há um conjunto de ideias denominadas de “direito público democrático”, o que, segundo David Held, é uma “pré-condição para a existência de uma ordem cosmopolita.”<sup>48</sup> Para discutir-se estas ideias, é preciso primeiro redefinir o conceito de soberania aceito atualmente nas relações internacionais. Nesta concepção, o Estado possui total controle de um território unificado.

De acordo com Held, após a Segunda Guerra Mundial e o estabelecimento do regime dos direitos humanos, surge um modelo liberal de soberania que redesenha essa relação entre o Estado e seus cidadãos, baseando a legitimidade política deste Estado na proteção e garantia dos direitos humanos básicos. Contudo, as relações internacionais atuais sugerem uma revisão deste conceito porque nem todas as soberanias aderem a esta concepção liberal.<sup>49</sup> Pelo contrário, temos Estados que condenam outros Estados a violarem os direitos humanos, mas estes primeiros sequer assinaram a Declaração de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas.

Logo, David Held sugere que este modelo de soberania liberal seja substituído por um modelo cosmopolita que vai redefinir a “atribuição do poder político legítimo como um todo”, uma abordagem que desafia o conceito de fronteiras fixas e territórios governados somente pelo Estado. Neste modelo, a comunidade política perde seu lugar como poder central e as políticas democráticas e os processos de tomada de decisão fazem parte de uma estrutura muito maior de

---

<sup>46</sup> KANT, op cit., p. 21.

<sup>47</sup> Ibid., pp. 21-22.

<sup>48</sup> HELD, op. cit., p. 17.

<sup>49</sup> Ibid., p. 18.

interação política, na qual as decisões são influenciadas por fatores que vem de dentro e de fora do Estado-nação.<sup>50</sup>

Este modelo é chamado de soberania cosmopolita, uma soberania que perde o controle de fronteiras estabelecidas e territórios governados somente por Estados. No lugar dela, existe um quadro de relações políticas e atividade regulatórias que são moldadas e formadas por uma estrutura cosmopolitana. É uma concepção na qual o Estado-nação se define, o que, no entanto, não sugere que os Estados sejam redundantes.

Nesta perspectiva, os Estados não seriam mais definidos como fontes centrais e legítimas de poder dentro de suas fronteiras. Os Estados precisam, então, se realocar para uma estrutura cosmopolita abrangente que faria com que as leis dos Estados-nações focassem em questões como desenvolvimento legal, reflexão política e mobilização.<sup>51</sup>

Os problemas que enfrentamos hoje, como mudanças climáticas, crises financeiras e as constantes ameaças de grupos terroristas, chamam a atenção para a adoção de uma política comum que seja capaz de lidar e combater estes problemas. Segundo Held, o cosmopolitismo não pode ser considerado mais uma maneira pela qual o Ocidente pode estender seu imperialismo e sua ideologia para o resto do mundo.<sup>52</sup> Sem esta estrutura, as decisões serão tomadas com base no poder político e econômico dos atores envolvidos, ou, pior ainda, as decisões nem serão tomadas devido aos conflitos de interesses.

Considerando tais conflitos, um país pode reconhecer que as mudanças climáticas estão afetando populações do mundo todo e elas causarão danos irreversíveis para as gerações futuras. No entanto, ele pode não querer adotar as medidas necessárias para combater este problema, por conta dos altos custos e dos interesses de atores não-estatais como empresas locais e transnacionais.

David Held sugere a existência de três concepções do cosmopolitismo. A primeira, já discutida aqui, refere-se aos estoicos, os primeiros a se considerarem indivíduos cosmopolitas, que queriam substituir a política da *polis* por uma política universal sob a qual a humanidade pudesse viver em harmonia. Este pensamento foi

---

<sup>50</sup> HELD, op. cit., pp. 18-19.

<sup>51</sup> Ibid., pp. 100-101.

<sup>52</sup> Ibid., p. 19.

desenvolvido através da ideia do filósofo estoico Seneca<sup>53</sup> de que o ser humano faz parte de dois mundos: um mundo local ao qual fomos designados no nosso nascimento (pode pensar-se em nacionalidade), e outro mundo que é “verdadeiramente grande e comum”.<sup>54</sup>

A lealdade deve ser atribuída primeira e principalmente à humanidade e não para a nação, etnia e classe. Isto não significa que os indivíduos devem ignorar seus problemas locais e seus conterrâneos, mas eles devem reconhecer que têm obrigações mais importantes para com a humanidade como um todo e para com as necessidades que proporcionarão o desenvolvimento da humanidade.

Partindo desta concepção surge a noção básica do cosmopolitismo de que cada pessoa é um “cidadão do mundo” e acima de tudo deve cumprir suas obrigações para com a humanidade em geral.

A segunda concepção do cosmopolitismo surge quando o termo “cidadão global” é introduzido no Iluminismo no século XVIII e utilizado nas obras de Immanuel Kant, que relacionou o conceito de cosmopolitismo com o conceito do “uso público da razão”.<sup>55</sup> Para este teórico, as pessoas são confinadas nas organizações da sociedade civil e não têm a oportunidade de explorar novos limites e crenças. E, como membros de uma sociedade cosmopolita, eles podem e devem gozar de usar a sua razão livremente e sem restrições, numa esfera livre de uma autoridade ditatorial.

É importante mencionar que este direito pode ser estendido ao intercâmbio de bens e ideias entre pessoas de outros países, mas não se relaciona à estadia permanente de um indivíduo em outro país. O direito cosmopolita está relacionado com o direito de visita, também mencionado por Kant em Paz Perpétua, mas não diz respeito à aquisição de residência permanente ou nacionalidade em outro território. Isto limita a utilização do cosmopolitismo para argumentar que o refugiado deve ter direito de asilo político, mas a teoria ainda é válida para discutir sobre o tratamento que os refugiados muçulmanos recebem na Europa.

A terceira e última concepção do cosmopolitismo é composta por três elementos. O primeiro deles propõe que o maior exemplo de unidades de interesse moral são os seres humanos e não os Estados ou alguma outra forma de

---

<sup>53</sup> Seneca foi um filósofo estoico, estadista e humorista romano.

<sup>54</sup> HELD, op. cit., p. 40.

<sup>55</sup> Ibid., p. 15.

organização humana. A humanidade pertence a um único domínio moral onde cada indivíduo merece ser igualmente respeitado, não importa a sua origem e lugar onde foi criado. Este elemento é baseado no princípio do individualismo igualitário.<sup>56</sup>

O segundo elemento é chamado de princípio de reconhecimento recíproco, e enfatiza que uma pessoa tem o mesmo valor que a outra e que todos têm igual participação no domínio ético universal, devendo, portanto, respeitar o status das outras pessoas “como uma unidade básica de direito moral”. Para este elemento ser estabelecido na sociedade, é necessário que todas as pessoas gozem de um status de igualdade tendo respeito às instituições tomadoras de decisões de suas comunidades. A aceitação destas políticas devem ser derivadas do debate público e, se alguém for excluído deste processo, esta pessoa sofrerá uma desvantagem com relação aos outros por participarem menos das decisões que têm influência direta em suas vidas.<sup>57</sup>

O terceiro elemento enfatiza que os dois primeiros elementos (status de igualdade e reconhecimento recíproco) exigem que cada pessoa deve gozar do tratamento imparcial de sua reivindicação, ou seja, um tratamento “baseado em princípios sobre os quais todos poderiam agir.”<sup>58</sup> O cosmopolitismo define como injustas, portanto todas as práticas e instituições que são baseadas em princípios que nem todos podem adotar.

O autor cita ainda outros elementos necessários para formar uma comunidade cosmopolita além do elemento que caracteriza todos os habitantes da Terra como iguais. Dentre eles estão o princípio de agência ativa, de consenso, tomada de decisões coletivas sobre assuntos públicos que envolva processos de votação, inclusão, evitar sérias injúrias e sustentabilidade.<sup>59</sup>

O princípio de agência ativa denota a capacidade dos seres humanos de serem autodeterminados, reflexivos e conscientes; dá oportunidades e obrigações e reflete a maneira como cada pessoa faz valer suas reivindicações. Este princípio determina que as pessoas têm um nível igualado de auto-determinação.<sup>60</sup>

O princípio de responsabilidade pessoal complementa os dois primeiros princípios e diz respeito às diferenças, pois as pessoas sempre irão aderir a projetos

---

<sup>56</sup> HELD, op. cit., pp. 44-45.

<sup>57</sup> Ibid., p. 45.

<sup>58</sup> Ibid., p. 46.

<sup>59</sup> Ibid., p. 69.

<sup>60</sup> Ibid., p. 70.

culturais, econômicos e sociais e que isso é um fato que precisa ser aceito. As diferenças precisam ser bem vindas. Além disso, os indivíduos devem ter consciência de suas ações porque elas podem afetar a vida e a liberdade de outras pessoas:

Os atores devem estar cientes de, e responsáveis pela consequência de [suas] ações, diretas ou indiretas, planejadas ou não planejadas, as quais podem restringir radicalmente ou delimitar as escolhas dos outros. Indivíduos possuem direitos pessoais e também obrigações pessoais.<sup>61</sup>

O princípio do consenso, por sua vez, reconhece que, para haver êxito em todos os princípios anteriores, é necessário que exista um processo político não coercitivo no qual as pessoas podem “negociar e garantir oportunidades de vida e interconexões”.<sup>62</sup>

O quinto princípio, denominado “tomada de decisão coletiva sobre assuntos públicos através de procedimentos de votação”, deve ser interpretado junto com o princípio de consenso. A tomada de decisão coletiva implica na participação de inúmeras partes que têm interesse no assunto, sem exclusão, mas não significa que o consenso deve depender de todas elas.<sup>63</sup>

É muito difícil chegar a uma conclusão e muitas vezes uma minoria pode não aprovar a solução e travar uma decisão que tem grande importância para um determinado grupo da sociedade. Portanto, é necessário que seja adotada a regra majoritária onde prevalece a decisão da maioria. Se o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas utilizasse esta regra ao invés da regra de unanimidade, talvez o órgão pudesse ser mais ativo e participativo do que é atualmente.

O princípio de inclusão e subsidiariedade está diretamente ligado ao princípio anterior, ao fato que determina que as partes que serão afetadas por uma solução devem participar das negociações do processo de tomada de decisão. Além disso, se a resolução em questão se refere a outro país ou outra região, é necessário que a organização envolvida tenha uma área de operação ampla, como a ONU, que tem um quadro de operação mundial, ao invés de se pensar numa organização europeia cuja área de operação se limita ao continente europeu, sendo encarregada de

---

<sup>61</sup> HELD, op. cit., p. 71. Tradução nossa.

<sup>62</sup> Ibid., p. 71. Tradução nossa.

<sup>63</sup> Ibid., p. 72.

discutir um assunto e propor uma solução que diz respeito a países do sul da África.<sup>64</sup>

O penúltimo princípio, chamado de anulação de danos graves (“*avoidance of serious harm*”) indica que no processo de tomada de decisão deve-se lidar primeiro com as questões de vida ou morte que atingem pessoas contra a sua vontade e sem o seu consentimento e deixar os assuntos menos graves para depois.<sup>65</sup> Se adotássemos este princípio, talvez a guerra na Síria já teria chego ao fim.

O oitavo e último princípio da sustentabilidade condena todo e qualquer método de mudança econômica e social que cause danos ecológicos e interfira com as escolhas das gerações futuras.<sup>66</sup> Dentre todos os princípios, este pode ser um dos mais importantes se levarmos em consideração a ameaça do aquecimento global e o quão pouco fazemos para reverter esta situação.

Embora o cosmopolitismo seja concebido por muitos estudiosos como uma ideia futurística e talvez utópica, algumas de suas ideias de fato são presentes nas Relações Internacionais, ao passo que muitos países já foram pressionados a adotarem direitos, cumprir obrigações e fazer parte de regimes como o regime de direitos humanos que leva em consideração muito mais que a nacionalidade de alguém. Para a teoria, não importa se alguém é holandês ou africano, o fato de esta pessoa ser um ser humano é suficiente para que ela seja considerada igual, livre para expressar suas opiniões e tão importante como qualquer um, pois, antes de sermos americanos ou argentinos, negros ou brancos, somos acima de tudo, membros da raça humana.

Há, porém, algumas razões que tornam o estabelecimento de uma sociedade cosmopolita difícil e improvável, pois a teoria não leva em conta a distribuição de poder e desigualdade num mundo controlado pelo comércio e finanças. A teoria não considera também o argumento que a globalização inclui e exclui os seres humanos de seus benefícios simultaneamente, pois ao passo que alguns países enriquecem cada vez mais, desenvolvendo-se científica e tecnologicamente, outros empobrecem cada dia mais devido à exploração do sistema capitalista, já que um país desenvolvido compra uma matéria prima de um país pobre e depois revende este produto transformado em outro a um preço muito maior. Assim, muitos países

---

<sup>64</sup> HELD, op. cit., p. 72.

<sup>65</sup> Ibid., p. 73.

<sup>66</sup> Ibid., p. 74.

lucram absurdamente com o comércio e suas populações ainda sofrem com o subdesenvolvimento enquanto apenas uma minoria toma conta do capital.

Também é difícil tornar a teoria cosmopolita algo verídico em todos os seus aspectos simplesmente pelo fato de que está intrínseco na mente do ser humano que não somos todos iguais e, pior ainda, algumas características faz um povo acreditar que ele é melhor que o outro.

Para David Held, o direito cosmopolita de Immanuel Kant é muito fraco para argumentar sobre a liberdade de movimento de pessoas e ideias, pois de fato o ser humano tem o direito de visitar qualquer lugar do mundo, mas este direito é muito limitado pois depende de vários outros fatores.<sup>67</sup> A hospitalidade universal de Kant também é colocada em cheque quando as pessoas envolvidas não são meros turistas, mas sim refugiados.

Em muitos lugares, uma pessoa que procura refúgio em um país por estar fugindo de um conflito mortífero e devastador em sua terra natal é vista como um invasor e consumidor dos recursos públicos limitados, um sanguessuga de direitos sociais. Nas palavras do autor:

Pois num mundo onde bens e serviços possuem maior oportunidade de locomoção do que as pessoas, o direito cosmopolita por si só não abrirá portas o suficiente para estrangeiros e estrangeiros com necessidade de entrada, refúgio ou residência em outro país.<sup>68</sup>

No entanto, o cosmopolitismo não é composto de ideais utópicos que devem ser considerados para uma outra era. Pelo contrário, a teoria se vê presente em diversos regimes e instituições como a Declaração Universal de Direitos Humanos que, embora não seja aceita por todos os Estados, se relaciona diretamente com o direito cosmopolita ao passo que tanto a declaração como a concepção de Immanuel Kant defendem primordialmente a igualdade do ser humano independente de cor, religião ou nacionalidade.

Para David, os desafios globais que enfrentamos atualmente serão melhor discutidos numa ordem cosmopolita legal formada por quatro instituições: legal, política, econômica e sócio-cultural.

Uma ordem cosmopolita legal requer o estabelecimento de um sistema global legal interconectado que lide com os elementos criminais, de direitos humanos e leis ambientais e também é necessário que os países se submetam à jurisdição da Corte

---

<sup>67</sup> HELD, op. cit., p. 53.

<sup>68</sup> Ibid., pp. 53-54. Tradução nossa.



Internacional de Justiça (CIJ) e ao Tribunal Penal Internacional (TPI), além de criar uma nova corte internacional para os direitos humanos e outra para o meio ambiente.

O cosmopolitismo político prevê que instituições e organizações de governança regional e global são suplementos necessários às instituições políticas do Estado. Desta forma, os direitos e obrigações de cada indivíduo só funcionarão corretamente se, juntamente com as suas constituições nacionais, eles estiverem subordinados a regimes, leis e instituições regionais e globais. Os requerimentos necessários para uma ordem cosmopolita política englobam, então, uma rede de instituições democráticas do âmbito local para o global e “o estabelecimento de efetivas forças internacionais de segurança como última opção de uso de poder coercitivo em defesa do cosmopolitismo.”<sup>69</sup>

O cosmopolitismo econômico diz respeito à intervenção na vida econômica, não para controlar e regular o mercado, mas para garantir uma base de auto-determinação e do princípio de agência ativa, conceitos já discutidos anteriormente, devido às assimetrias entre os países causadas pela globalização e pelo liberalismo. Outros objetivos do cosmopolitismo econômico incluem expandir a base representativa de instituições financeiras internacionais para os países em desenvolvimento e mercados emergentes, criar mecanismos de taxação globais como criar impostos para o consumo de carbono e recursos naturais e por último, transferir recursos para aqueles que são mais vulneráveis economicamente.<sup>70</sup>

O cosmopolitismo cultural surge com a globalização e o desenvolvimento dos meios de comunicação que permite-nos conhecer tudo sobre outra cultura sem que seja necessário sair de casa. Portanto, resulta da interconexão entre seres humanos, culturas, ideias, músicas etc. Para isso, é importante que a interconexão entre as comunidades em vários setores como o econômico e político esteja crescendo; é importante criar soluções coletivas “em âmbito local, nacional, regional e global”;<sup>71</sup> e acima de tudo, é preciso celebrar a diversidade e diferença enquanto tentamos ver as coisas de acordo com outras perspectivas.

---

<sup>69</sup> HELD, op. cit., pp. 105-107. Tradução nossa.

<sup>70</sup> Ibid., pp. 107-110.

<sup>71</sup> Ibid, p. 111.

## 2.8 COSMOPOLITISMO E GLOBALIZAÇÃO

Assim, diante do que foi exposto até então por este trabalho, o Estado é caracterizado pelo governo de um território. A nação compreende o Estado e seus súditos e é definida através de fronteiras estabelecidas. A nacionalidade é o vínculo legal que um indivíduo possui com o seu Estado. Já a identidade nacional é um vínculo emocional que este mesmo indivíduo possui para com o seu país. Esta identidade pode ser manifestada através do patriotismo ou pelo nacionalismo, conceitos divergentes mundo afora.

A postura adotada no presente trabalho é a de que o patriotismo é nada mais que o amor e devoção a um meio de vida particular, como o típico estadunidense vestindo roupas com estampas da bandeira norte americana no dia 4 de julho, dia da independência dos Estados Unidos da América, cantando o hino nacional com a mão no peito e uma lágrima escorrendo no rosto.

O nacionalismo, por sua vez, é um sentimento muito mais forte que o patriotismo, pois nasce de um distúrbio no *status quo*. Pode apoiar o Estado ou se rebelar completamente contra ele. Este é o estadunidense vestindo roupas com estampas da bandeira norte americana, protestando contra os ataques do 11 de setembro de 2001 e apoiando a posição unilateralista e intervencionista dos Estados Unidos no Oriente Médio. É o jovem americano recém formado da *high school* que se alista no exército, é mandado para o Iraque ou Afeganistão e não se importa em matar milhares de civis inocentes para capturar um grupo de terroristas.

O fato é que o nacionalismo possui várias vertentes. Assim, como conclusão preliminar, cabe analisar quais tipos de nacionalismo se encaixam no contexto deste trabalho e ainda se estes movimentos representam um perigo para o continente europeu, visto que em meados do século XX este movimento proporcionou o levante da pior guerra já vista na história da humanidade, a Segunda Guerra Mundial, e no fim do século levou ao início da guerra na ex-Iugoslávia. Condiz afirmar que não chegaremos à estas proporções novamente devido ao avançado nível de integração no qual a Europa chegou, mas isto não elimina a possibilidade de conflitos menores e localizados como os que serão apresentados no decorrer da análise.

Os efeitos positivos e negativos da globalização dão lugar a mais uma teoria de extrema relevância para esta obra. O cosmopolitismo coloca o ser humano como indivíduo igualitário, não diferente dos outros que habitam este planeta. É uma

abordagem que merece mais destaque em tempos onde a nacionalidade define o valor de uma pessoa. Porque somos mais que brasileiros ou ingleses, somos habitantes do mesmo planeta e devemos todos gozar dos mesmos direitos.

O cosmopolitismo propõe o direito de visita, que permite-nos visitar qualquer lugar do planeta. Propõe também o direito de hospitalidade universal, que determina que um indivíduo que se comporta amistosamente no país ao qual está visitando deve ser tratado com muito respeito. Sugere ainda a formulação de uma lei universal que regule as atividades dos seres humanos, que garanta seus direitos e o cumprimento de suas obrigações.

Muitos dizem que o cosmopolitismo é uma ideia para uma era futura, ou até mesmo utópica, pois os Estados nunca aceitarão ceder a sua soberania a um órgão supranacional. Talvez não aceitem mesmo, mas isto não impede que alguns princípios do cosmopolitismo sejam observados nas relações internacionais contemporâneas, onde vários países adotam regimes como o Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP) e são signatários da Declaração dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas. Vale ressaltar que esta última é o mais perto que conseguimos chegar de uma lei cosmopolita universal estabelecida por Immanuel Kant.

Nenhuma teoria jamais se aplicará perfeitamente nas relações sociais internacionais, mas todas elas são primordiais para analisar o passado, organizar o presente e estabelecer metas concretas para o futuro.

### **3 CAPÍTULO II – A CRISE MIGRATÓRIA NA EUROPA**

O segundo capítulo propõe uma análise da formação da União Europeia e os tratados que proporcionaram o desenvolvimento do bloco, como o Tratado de Roma e o Tratado de Maastricht.

Propomos aqui discutir as verdadeiras causas da crise financeira de 2007-2008 que afetou praticamente o mundo todo, explicando em detalhes os fatores que levaram à crise antes mesmo de ela acontecer. É um assunto necessário a ser trabalhado visto que a crise é o maior fator que contribuiu para a situação sócio-econômica europeia, o próximo ponto a ser analisado.

Alguns países europeus, principalmente os que se localizam no sul da Europa e foram os mais afetados pela crise, dependiam ou ainda dependem de instituições financeiras como o Fundo Monetário Internacional (FMI) para conceder-lhe empréstimos para que os países possam pagar suas contas. Mas todo empréstimo tem um preço, e além de devolver o dinheiro à instituição com júros no futuro, os países foram obrigados a adotar as controversas medidas de austeridade que promovem cortes profundos em setores fundamentais para as populações. Evidentemente, muitas pessoas se revoltaram contra seus governos.

Coincidentemente, estes países do sul da Europa também são a porta de entrada dos refugiados que estão migrando em massa para o continente. A maioria destes refugiados estão fugindo da péssima situação política e sócio-econômica da África e do Oriente Médio, pois grande parte da região sofre com a miséria e conflitos políticos envolvendo os Estados, civis e o Estado Islâmico.

Grande parte dos refugiados são também muçulmanos. É de comum entendimento que os adeptos do Islamismo passaram a enfrentar muito preconceito após os ataques terroristas cometidos contra os Estados Unidos, a Espanha e a Inglaterra. O termo utilizado para definir esta aversão aos muçulmanos é chamado de islamofobia.

A presença de muçulmanos na Europa causa descontentamento entre parte da população europeia. O principal objetivo deste capítulo é, então, relacionar o problema da migração em massa de refugiados muçulmanos com a ascensão de movimentos nacionalistas e partidos da extrema direita no continente europeu, além de medir a força destes movimentos.

### 3.1 A FORMAÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA

Devido à enorme devastação do continente europeu causada pela Segunda Guerra Mundial, bem como todas as guerras anteriores que aconteciam frequentemente, em 1950 é criada a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA) para unir os países europeus política e economicamente com o objetivo de promover uma paz duradoura no continente. Os seis membros fundadores foram a França, Bélgica, Países Baixos, Luxemburgo, Alemanha e Itália. O contexto internacional da época se dá pelo início da Guerra Fria e a luta da União Soviética pelo controle dos países do leste europeu. Em 1957, foram assinados os Tratados de Roma, que criaram a Comunidade Econômica Europeia (CEE) e também a Comunidade Europeia de Energia Atômica (EURATOM).

Os anos 1960 foram muito produtivos para o bloco após a criação da CEE, pois os países membros pararam de cobrar impostos de fronteira<sup>72</sup> no comércio entre si, além de assumir um controle conjunto na produção agrícola, garantido alimentos suficientes para a população e até mesmo apresentando um superávit nesta produção.<sup>73</sup>

Na década de 1970 ocorre a primeira entrada de mais membros no bloco, sendo eles o Reino Unido, a Irlanda e Dinamarca. A situação econômica e energética do grupo sofre com a crise do petróleo causada pela guerra entre árabes e israelitas em 1973. Por outro lado, as ditaduras de direita em países europeus como Portugal e Espanha chegam ao fim, e o bloco europeu entra, assim, em consenso para ajudar financeiramente as áreas mais pobres do continente, de modo a promover a criação de empregos e melhorias na infra-estrutura. A partir de 1979, com o aumento da influência do Parlamento Europeu, todos os cidadãos dos países membros passam a escolher diretamente os representantes do órgão.<sup>74</sup>

Entre 1980 e 1986, Grécia, Portugal e Espanha tornam-se os mais novos membros do bloco e ocorre a assinatura do Ato Único Europeu, que oferece as bases para um programa de 6 anos criado para resolver a questão do livre comércio nas fronteiras do bloco e para estabelecer o Mercado Único.<sup>75</sup> Esta década é

---

<sup>72</sup> Referentes à entrada e saída de produtos de um país; importação e exportação.

<sup>73</sup> THE HISTORY of European Union. **Europa.eu**, c2015. Disponível em: <[http://europa.eu/about-eu/eu-history/index\\_en.htm](http://europa.eu/about-eu/eu-history/index_en.htm)>. Acesso em: 06 out. 2015.

<sup>74</sup> Ibid.

<sup>75</sup> O conceito Mercado Único, ou Mercado Comum, caracteriza-se como a terceira fase num processo de integração econômica e vem depois da formação da Área de Livre Comércio e União Aduaneira.

marcada pelo declínio da União Soviética e, conseqüentemente, a queda do Muro de Berlim na Alemanha, unificando o país que viria a ser o mais poderoso da Europa mais tarde. A Alemanha ficou dividida entre oeste e leste por 28 anos. O controle da parte oeste pertencia à Europa e o leste à União Soviética.<sup>76</sup>

A década de 1990 é marcada pelo fim do comunismo que dividia a Europa. Em 1993 é assinado o Tratado de Maastricht, que cria a União Europeia e, em 1999, é assinado o Tratado de Amsterdã, no qual os países membros se comprometeram a promover o progresso econômico e social para suas populações, levando em conta o princípio do desenvolvimento sustentável e reforçando a proteção ambiental. O acordo também destaca o esforço da União em estabelecer uma política de segurança e política externa comum. O objetivo fundamental do Tratado de Amsterdã é fazer com que os povos da União Europeia se unam ainda mais, e que as decisões sejam feitas abertamente e o mais próximo dos cidadãos quanto possível.<sup>77</sup>

O estabelecimento de um mercado comum pressupõe a livre circulação de bens, capitais e mão de obra. No entanto, segundo Petrakis, Kostis e Valsamis, o mercado de trabalho é o mercado menos unificado dentro da zona do Euro:

O background cultural e as diferenças nos idiomas têm agido como barreiras ao movimento da população. Uma característica distinta da zona do euro hoje é a de que, mesmo que haja altas taxas de desemprego em muitos países (principalmente naqueles da periferia) a translocação de pessoas que procuram trabalho para outros países é limitada.<sup>78</sup>

Embora o acordo tenha sido assinado em 1985, o Acordo Schengen, que recebeu o nome de uma pequena vila de Luxemburgo, entrou em efetividade em 1995 e prevê a livre circulação (sem ser necessária a apresentação de passaporte)

---

Neste terceiro processo, considerado avançado, os países do bloco estabelecem o livre movimento de fatores de produção (capitais e mão-de-obra), bens e serviços entre os países membros. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/mercosul/blocos/introd.htm>>. Acesso em 06 out. 2015.

<sup>76</sup> THE HISTORY of European Union. loc. cit.

<sup>77</sup> TREATY of Amsterdam: Amending the Treaty on European Union, the Treaties Establishing the European Communities and Certain Related Acts. **Europarl**, c2015. Disponível em: <<http://www.europarl.europa.eu/topics/treaty/pdf/amst-en.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2015.

<sup>78</sup> PETRAKIS, E. Panagiotis; KOSTIS, C. Pantelis; VALSAMIS, G. Dionysis. **European Economics and Politics in the Midst of the Crisis: From the Outbreak of the Crisis to the Fragmented European Confederation**. 1 ed. Berlim: Editora Springer, 2013. p. 35. Tradução nossa.

entre as pessoas que se encontram em um dos países que fazem parte do acordo, que totaliza 26 assinaturas.<sup>79</sup>

O acordo vale tanto para a circulação de nacionais europeus como estrangeiros, embora estes últimos precisem passar por uma única verificação no momento de entrada ao continente. Depois, são livres para circularem livremente dentro da Área Schengen. Um dos pontos negativos deste acordo é que, embora ele tenha abolido as fronteiras internas dos países europeus, acabou requerindo um controle maior das fronteiras com países não-europeus, e todos os países que servem de entrada para estrangeiros. A circulação interna no continente foi facilitada, mas a burocracia para ser admitido na Europa aumentou.<sup>80</sup>

No novo milênio, a União Europeia estabelece o Euro como nova moeda para alguns países do bloco. Nem todos os membros da União Europeia adotaram o Euro, como a Dinamarca e o Reino Unido. Estes países são fortes o suficiente para se recusarem a adotar a moeda. Já para outros países como a Croácia, um dos membros mais novos da UE, a entrada na Zona do Euro e adoção da moeda é obrigatória e não facultativa.

O Euro trouxe ao mesmo tempo benefícios e problemas para a União Europeia. A circulação de bens ficou muito mais fácil já que as transações passam a ser feitas na mesma moeda; e também se torna muito cômodo viajar para outros países sem precisar trocar de moeda. No entanto, a disparidade entre as economias dos países da Zona do Euro contribuiu para que a Europa entrasse numa grave recessão em 2008, refletindo o colapso do mercado imobiliário e financeiro nos Estados Unidos.

### 3.2 A CRISE FINANCEIRA DE 2008

O sonho americano não difere muito do que muitos brasileiros desejam: ter um bom emprego e uma casa própria. A vontade de não depender de aluguéis mensais foi um dos fatores que impulsionaram a pior crise que o mundo já viu desde a queda da Bolsa de Valores de Nova York em 1929. O maior fator, no entanto, foi a

---

<sup>79</sup> São signatários do Acordo Schengen os seguintes países: Áustria, Bélgica, República Tcheca, Dinamarca, Estônia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Islândia, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Noruega, Polônia, Portugal, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Suécia, Suíça e Liechtenstein. Alguns desses membros tais como Noruega e Islândia nem fazem parte da União Europeia mas participam do Acordo Schengen.

<sup>80</sup> SCHENGEN visa countries list. **Schengen Visa Info**, c2015. Disponível em: <<http://www.schengenvisainfo.com/schengen-visa-countries-list/>>. Acesso em 06: out. 2015.

sede do setor privado americano em lucrar muito num curto período de tempo. O alvo mais fácil para fazer isso acontecer era o consumidor que desejava comprar um imóvel. Conforme noticiado pela Forbes:

Em 2006, mais de 84 por cento das hipotecas subprime<sup>81</sup> foram concedidas por financiadoras privadas. Estas firmas concederam cerca de 83 por cento dos empréstimos subprime a pessoas de baixa e média renda. Dentre os 25 maiores credores em 2006, só uma cumpria as leis e regulamentos de hipotecas e todas as outras eram isentas de regulações federais. As seguradoras não-bancárias fizeram 12 milhões de dólares em hipotecas subprime que no total valiam mais de 2 trilhões de dólares.<sup>82</sup>

A partir da década de 1940, com a devastação da Europa pela Segunda Guerra Mundial e o ataque de bombas atômicas ao Japão nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, os Estados Unidos passaram a ser a economia mais próspera do mundo, sem passar por uma única crise financeira pelos próximos 40 anos. Um dos motivos que contribuíram para tal fato era o forte regulamento do mercado financeiro pelo Estado. A maioria dos bancos eram negócios locais e eles eram proibidos de usar os depósitos de seus clientes para a especulação.

Em 1980, o mercado financeiro explodiu. Parte dos bancos financeiros foram adquiridos pelo governo americano, fazendo com que estes bancos ganhassem muito dinheiro de compradores de ações.<sup>83</sup> Assim, pessoas que trabalhavam no mercado financeiro começaram a enriquecer absurdamente.

Entretanto, desde a década de 1980 os Estados Unidos vêm passando por crises financeiras devido à desregulamentação excessiva do sistema financeiro, uma causando mais dano que a outra, enquanto um grupo de pessoas enriquecia.

Em 1981, sob a presidência de Ronald Reagan, os Estados Unidos iniciaram um período de 30 anos de desregulamentação financeira. No ano seguinte, a administração Reagan estendeu a desregulamentação para companhias de poupança e empréstimos, permitindo que essas empresas fizessem investimentos arriscados com o dinheiro de seus clientes.

---

<sup>81</sup> As hipotecas e empréstimos subprime são destinados à pessoas com pontos baixos de crédito nos Estados Unidos. No Brasil, é o equivalente a ter o “nome sujo” no Serasa. Nos Estados Unidos, pessoas com baixo crédito são devedoras de grandes quantias ou jovens que não conseguiram construir seus créditos ainda. Para uma pessoa construir seu crédito ela precisa pagar todas as suas contas em dia, como contas de cartão de crédito e a mensalidade de empréstimos.

<sup>82</sup> SWIFT, Jonathan. Lest We Forget: Why We Had a Financial Crisis. **Forbes**, Nova York, 22 nov 2011. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/stevedenning/2011/11/22/5086/>>. Acesso em: 06 out. 2015. Tradução nossa.

<sup>83</sup> Ações são pequenas parcelas do capital social de uma empresa, permitindo ao indivíduo que a possui ser sócio desta empresa, e participar dos lucros e prejuízos dela.



A desregulamentação do mercado financeiro funciona como a distribuição de petróleo num navio petroleiro: cada compartimento comporta o mesmo volume e deve ser preenchido igualmente para que o equilíbrio do navio não seja afetado. Sem os compartimentos, o petróleo move-se livremente de acordo com o movimento do navio. Sem a desregulamentação do mercado financeiro, os bancos agem da maneira que quiser sem se importar em roubar bilhões de dólares pelo caminho.

No fim dos anos 1980, muitas destas empresas foram à falência, o que custou cerca de 124 bilhões de dólares aos Estados Unidos, além de acabar com as economias de seus clientes que foram parar nos bolsos dos executivos destas companhias. O governo americano promoveu uma investigação de um dos executivos destes bancos, mas este contratou um economista para fazer-lhe uma boa crítica, conforme citado no documentário Inside Job produzido em 2010:

Um dos casos mais extremos foi o de Charles Keating. Em 1985, quando reguladores federais começaram a investigá-lo, Keating contratou um investigador chamado Alan Greenspan. Nesta carta aos reguladores, Greenspan elogiou os seus seguros planos de negócio e sua competência e disse que ele não via riscos em permitir Keating a usar o dinheiro de seus clientes em investimentos. Keating supostamente pagou 40 mil dólares a Greenspan. Charles Keating foi preso pouco tempo depois. Já Alan Greenspan, o Presidente Raegan o nomeou presidente do banco central americano, a reserva federal. Greenspan foi renomeado pelos presidentes Clinton e George W. Bush. Durante a administração Clinton, a desregulamentação [do mercado financeiro] continuou com Greenspan e com os secretários do Tesouro Robert Rubin, anteriormente presidente do banco de investimentos Goldman Sachs e Larry Summers, um professor de economia em Harvard.<sup>84</sup>

Como é possível notar pela passagem, é evidente a influência que os grandes bancos possuem no governo norte-americano, tanto no lado Democrata quanto no Republicano.<sup>85</sup> E também é válido afirmar que a crise não foi causada pelos desequilíbrios naturais do mercado financeiro, e sim pelo interesse de uma minoria que lucra de maneira suja com o dinheiro de milhões de pagadores de impostos.

O ex-prefeito de Nova York, Michael Bloomberg, porém, discorda que a culpa seja do setor privado:

Não foram os bancos que criaram a crise imobiliária. Foi, simplesmente, o Congresso que forçou todo mundo a conceder empréstimos para pessoas que estavam no limite. Agora, eu não

---

<sup>84</sup> INSIDE JOB. Direção: Charles Ferguson. Produção: Charles Ferguson e Audrey Marrs. Nova York: Sony Pictures, c2015. 1 DVD.

<sup>85</sup> Democrata e Republicano são os maiores partidos políticos nos Estados Unidos e os únicos com presença no governo norte americano.

estou dizendo que foi uma política terrível, porque muitas daquelas pessoas que adquiriram casas ainda as têm e eles não teriam conseguido-as sem o empréstimo. Mas foram eles que pressionaram Fannie e Freddie a conceder muitos empréstimos imprudentes, se você me permite. Foram eles que pressionaram os bancos a emprestar para todo mundo. E agora nós queremos caluniar os bancos por eles serem um alvo. É fácil culpá-los e o Congresso certamente não admitirão a culpa.<sup>86</sup>

A esse respeito, Eric Helleiner, professor de Ciência Política da Universidade de Waterloo, no Canadá, em entrevista aos produtores do documentário *Inside Job*, afirma que a crise iniciou-se nos Estados Unidos com a explosão da bolha imobiliária e com o crescimento da inadimplência hipotecária, principalmente as hipotecas *subprime* destinadas às pessoas com crédito baixo (por já serem devedores no mercado).

Antes da explosão da bolha, um número muito alto de pessoas com crédito baixo conseguiu empréstimos *subprime*, já que os bancos e agências seguradoras não se preocupavam se iriam receber o dinheiro do empréstimo de volta porque eles teriam o dinheiro garantido vindo de outro lugar sem depender do pagamento do cliente.<sup>87</sup> Este novo sistema ficou conhecido como cadeia de securitização, que conectava trilhões de dólares em hipotecas e outros tipos de empréstimos com investidores do mundo todo.

No sistema antigo, a pessoa que contraía um empréstimo de hipoteca pagava o dinheiro mensalmente ao seu credor. Os credores eram cautelosos ao conceder um empréstimo porque as hipotecas levam anos para ser completamente pagas, entre 15 e 30 anos dependendo do valor do imóvel.

Já no sistema de securitização, os credores vendiam as hipotecas para bancos de investimentos. Estes bancos, por sua vez, transformavam estas hipotecas em vários outros tipos de empréstimos<sup>88</sup> como empréstimo para compra de automóvel, pagamento de anuidade da universidade e pagamento da dívida de cartão de crédito para criar derivados<sup>89</sup> complexos chamados de CDO (Collateralized Debt Obligation). Estes derivados eram mais tarde vendidos para investidores que geralmente não tinham conhecimento da corrupção que existia por trás do sistema.

---

<sup>86</sup> SWIFT, loc. cit., Tradução nossa.

<sup>87</sup> FERGUSON, Charles. **Inside Job: the financiers who pulled off the heist of the century**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 36.

<sup>88</sup> Ibid., p. 31.

<sup>89</sup> Derivados são um contrato entre duas partes que especifica as condições nas quais o pagamento será feito entre elas. Eles são frutos de ativos secretos como ações, contratos ou trocas.

Neste sistema, quando os donos dos imóveis hipotecados pagavam a hipoteca mensal, o dinheiro ia diretamente para os investidores do mundo todo que compraram os derivados CDO. Desta forma, os bancos pagavam agências avaliadoras como Standard & Poor's e Moody's para valorizar os títulos CDO.

Muitos destes títulos receberam a avaliação AAA ou *triple A*, o que no mundo dos investimentos é a melhor avaliação que existe.<sup>90</sup> Significa que estes títulos são extremamente seguros, que a chance do investidor receber seu dinheiro de volta é altíssima. Os títulos eram “abençoados” e extremamente maquiados pelas agências avaliadoras, porque na verdade os investidores tinham uma chance muito baixa de receber seu dinheiro de volta já que os títulos eram financiados por donos de imóveis da categoria subprime, geralmente de renda baixa, que poderiam parar de pagar a hipoteca a qualquer momento. A inadimplência era um fator altamente possível ao passo que os empréstimos possuíam taxas de júros altíssimas, o que tornava seus pagamentos mensais muito caros.<sup>91</sup>

Contudo, mesmo com a ameaça da inadimplência, os credores não se importavam em conceder este tipo de empréstimo porque recebiam na hora o dinheiro de uma hipoteca vendida aos bancos de investimentos que no sistema antigo levaria 30 anos para ser liquidada. Logo, continuaram a conceder mais e mais empréstimos para lucrar cada vez mais. Enquanto isso, os bancos vendiam os empréstimos transformados em derivados para investidores do mundo todo, principalmente dos Estados Unidos e Europa. Quanto mais derivados eram vendidos, mais os bancos lucravam. O sistema todo era uma bomba-relógio.

Como praticamente qualquer pessoa conseguia adquirir um empréstimo e comprar um imóvel ficou mais fácil, o preço dos imóveis subiu 194% em 2007, de acordo com informações do documentário Inside Job, enquanto, de acordo com outras fontes, na verdade o preço de imóveis nos Estados Unidos caiu em 2007 após uma alta de quase 60% entre 2000 e 2006.<sup>92</sup>

Deste modo, em quem devemos acreditar? O fato é que nenhuma autoridade especializada do governo americano conduziu grandes investigações no sistema mesmo sabendo que algo ruim poderia acontecer, justamente porque as pessoas

<sup>90</sup> ABOUT Moody's Ratings. **Moody's**, c2015. Disponível em: <<https://www.moody.com/Pages/amr002002.aspx>>. Acesso em: 18 out. 2015.

<sup>91</sup> SWIFT, loc. cit.

<sup>92</sup> THE BURSTING of the US house price bubble. **Tresor**, c2015. Disponível em: <<https://www.tresor.economie.gouv.fr/file/326995>>. Acesso em: 11 out. 2015.

mais interessadas, como Alan Greenspan, bloqueavam qualquer tipo de investigação pois aquilo era uma forma de regulamentação governamental, o grande monstro inimigo dos neoliberais.

Durante o crescimento da bolha, os bancos de investimentos passaram a pegar muito dinheiro emprestado para comprar empréstimos e transformá-los em derivados CDO. A proporção de dinheiro emprestado em alguns bancos chegou a ter uma relação de 33 para 1, 33 sendo o total emprestado e 1 o dinheiro próprio do banco.<sup>93</sup>

Outra bomba-relógio prestes a explodir era o American International Group (AIG), a maior companhia de seguros globais, que estava vendendo uma quantidade enorme de derivativos denominados Credit Default Swaps (CDS), que funcionavam como uma política de seguro para os investidores que possuíam os derivados CDO. O investidor que adquiria um derivado CDS pagava uma determinada quantia à agência AIG. Se o derivado CDO se tornasse ruim, a AIG prometia pagar aos investidores o valor que perderiam com o título.

O problema é que os especuladores<sup>94</sup> também podiam comprar derivados CDS da American International Group para apostar contra os derivados CDO que eles não possuíam. Com a desregulamentação do mercado financeiro, a AIG não precisou separar dinheiro para cobrir eventuais perdas. Ao invés disso, pagou um total de 3,5 bilhões de dólares a seus empregados que conseguiam assinar contratos de vendas de derivados CDS.<sup>95</sup> Caso os derivados CDO se tornassem ruins no futuro, a AIG não teria dinheiro para pagar nem os investidores e nem os especuladores. A firma estava correndo um risco necessário que poderia levar o grupo à falência e levar o sistema financeiro como um todo ao colapso.

O governo americano e os grandes bancos vinham sendo avisados da alta possibilidade de uma crise de grande repercussão global desde 2004, com a acusação do *Federal Bureau of Investigation* (FBI) sobre uma série de casos de fraude hipotecária. Em 2005, Raghuram Rajan, Conselheiro Econômico e Diretor de Pesquisa do Fundo Monetário Internacional (FMI) avisou que grandes incentivos tais como participar de atividades de alto risco que possuem um retorno maior poderiam fazer com que firmas se auto-destruissem (como aconteceu com a AIG) e

---

<sup>93</sup> SHERMANN, Bret. Leverage, the Downside; An attempt to simplify. **Wall Street Law**, c2014. Disponível em: <<http://wallstreetlaw.typepad.com/sherman/leverage-ratio/>>. Acesso em: 18 out. 2015.

<sup>94</sup> Investidores sofisticados que se arriscam em operações de alto risco.

<sup>95</sup> FERGUSON, op. cit., p. 36.

consequentemente levar a uma crise financeira global.<sup>96</sup> A crise teve início em 2007, quando milhares de hipotecas *subprime* deixaram de ser pagas.

Em 2008, o banco de investimentos Bear Stearns foi comprado pelo JP Morgan e, pouco tempo depois, o governo dos Estados Unidos tentou salvar Fannie Mae e Freddie Mac, duas firmas que possuíam milhares de hipotecas subprime. O banco americano Lehman Brothers declarou falência no mesmo ano, causando pânico no mundo todo. Em seguida, a crise se espalhou pela Europa a partir do momento em que bancos do Reino Unido, França e Islândia também anunciaram bancarrota.<sup>97</sup>

Para salvar os bancos, os governos de alguns países injetaram dinheiro nestas instituições mas adquiriram uma alta dívida pública durante a medida. Entre 2008 e 2011, a Comissão Europeia aprovou a ajuda de 4.5 trilhões de euros ao setor financeiro, injetando dinheiro em bancos como Lloyds TSB no Reino Unido e Bayern LB na Alemanha.<sup>98</sup> O processo culminaria na crise da zona do euro, levando muitos críticos a questionarem o estabelecimento de união monetária na União Europeia, como será abordado a seguir.

### 3.3 A SITUAÇÃO SÓCIOECONÔMICA NA UNIÃO EUROPEIA

Os países mais afetados pela crise financeira de 2008 são os que se encontram na periferia da Europa, como a Irlanda, Espanha, Portugal e Grécia.<sup>99</sup> Nestes países, a taxa de desemprego cresceu, o que para os autores Petrakis, Kostis e Valsamis, influencia não só a economia mas também a política destes países:

Baixas taxas de emprego têm consequências econômicas e políticas. As consequências econômicas incluem a acumulação de capital, a composição de demanda total e arrecadação de impostos. Isto causa confusão no nível político, fortalecendo as forças anti-sistêmicas. Este processo é principalmente evidente nos países centrais, do leste e sudeste da Europa. Efetivamente, podemos certificar que a

---

<sup>96</sup> RAJAN, Raghuram. **Has financial development made the world riskier?** 1 ed. Cambridge: National Bureau of Economic Research, 2005, p. 12.

<sup>97</sup> KINGSLEY, Patrick. Financial crisis: timeline. **The Guardian**, Londres, 7 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/business/2012/aug/07/credit-crunch-boom-bust-timeline>>. Acesso em: 18 out. 2015.

<sup>98</sup> CAVERO, Teresa; POINASAMY, Krishnah. **A Cautionary Tale: the True Cost of Austerity and Inequality in Europe**. 1. ed. Oxford: Editora Oxford GB, 2013, p. 6.

<sup>99</sup> PETRAKIS, KOSTIS, VALSAMIS. op. cit., pp. 22-23.

Grande Recessão exacerbou a desigualdade, o que leva à instabilidade econômica.<sup>100</sup>

Para corrigir o déficit da balança de pagamento,<sup>101</sup> muitos países recorreram à ajuda do Banco Central Europeu (BCE) e do Fundo Monetário Internacional a fim de conseguir empréstimos para corrigir as diferenças na economia. Como qualquer empréstimo, o dinheiro deve ser devolvido ao credor, muitas vezes com um valor acima do inicial devido às taxas de juros. Logo, ao conceder o empréstimo, as instituições credoras determinam medidas com o propósito de auxiliar estes países a pagarem seus empréstimos no futuro.

Fazem parte das medidas, conhecidas como medidas de austeridade, o aumento dos impostos internos, corte no número de funcionários públicos e cortes profundos em áreas essenciais como educação, saúde e segurança social, trazendo desemprego e instabilidade econômica e política na União Europeia. Como consequência, gera-se uma instabilidade no bloco todo, com países ameaçando abandonar a zona do Euro e retornar à sua moeda anterior, como a Grécia, ou até mesmo sair definitivamente da União Europeia, como o Reino Unido, que, em 2017, terá um referendo popular para determinar se a população quer que o Reino Unido continue ou não na UE.<sup>102</sup>

Os cortes na previdência social também afetaram bastante a economia, tornando a superação da pobreza muito difícil. Portugal, Irlanda e Reino Unido limitaram a capacidade do pobre de obter ajuda governamental por estar desempregado e não conseguir arcar com os custos de vida em seu país.<sup>103</sup>

Outras medidas de austeridade referem-se à privatização de entidades públicas para reduzir o déficit orçamentário, como a venda de companhias de energia, de tratamento de água e setores da saúde. Dentre todos estes, o pior é a privatização da saúde, pois torna caro um serviço que deveria ser de qualidade e gratuito. No Brasil, muitas pessoas preferiram migrar para o serviço privado por conta das falhas do serviço público, mas os planos de saúde ficaram tão sobrecarregados que hoje por determinação governamental foram obrigados a

---

<sup>100</sup> PETRAKIS, KOSTIS, VALSAMIS. op. cit., pp 29-30. Tradução nossa.

<sup>101</sup> A balança de pagamento é o cálculo do que um país vende menos o que ele compra, ou o tanto que o governo investe no país menos a arrecadação de impostos. Um país que apresenta déficit na balança de pagamentos perdeu mais dinheiro do que ganhou.

<sup>102</sup> A GUIDE to the UK's planned in-out EU referendum. **BBC**, Londres, 10 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/uk-politics-32810887>>. Acesso em: 18 out. 2015.

<sup>103</sup> CAVERO, POINASAMY, op. cit., p. 9.

transferir parte de seus clientes para outros provedores. Com isso, muitas clínicas privadas se recusam a atender pessoas que fazem parte destes planos.

Para as autoras Jutta Allmendinger e Ellen von den Driesch, respectivamente presidente e pesquisadora do Centro de Ciência de Berlim para Pesquisa Social (Wissenschaftszentrums Berlin für Sozialforschung), os economistas e políticos querem nos fazer acreditar que o crescimento econômico é capaz de eliminar a desigualdade social, diminuindo então a necessidade de criação de políticas que garantam benefícios à população.

No entanto, segundo as autoras, o crescimento econômico na Europa foi acompanhado por um aumento da desigualdade nas últimas décadas.<sup>104</sup> Em países com um índice alto de desigualdade social, muitas pessoas não têm acesso a elementos básicos como educação e trabalho, o que as impedem de crescer. Ao negar o acesso a estes serviços básicos à estas pessoas, o capital humano e a perspectiva de crescimento são destruídos, conforme cita um europeu:

Meu plano era encontrar um emprego. Eu não ligava se não era na minha área. Eu queria trabalhar – numa loja de roupas, num supermercado, limpando, que seja. Eu tirei meu bacharel do meu curriculum vitae. Eu tirei que estava fazendo mestrado. Ninguém quer uma graduanda limpando banheiros.<sup>105</sup>

O trecho acima recorda-nos da situação vivenciada pela população jovem da Finlândia, um dos melhores países da Europa no que diz respeito a direitos sociais. O país oferece educação gratuita desde o jardim de infância até o doutorado tanto para finlandeses quanto para estrangeiros.

No entanto, muitos recém-graduados reclamam que não conseguem arrumar emprego, e recebem auxílio do governo por estarem desempregados. Eles preferem não trabalhar em lugares que aceitam mão-de-obra menos qualificada (como zeladores que limpam banheiros), porque o dinheiro que ganhariam por trabalhar nestes lugares é a mesma quantia do auxílio que recebem do governo.

A austeridade na Europa tem reflexo em outros lugares do mundo também: por conta dos cortes no orçamento, alguns países decidiram cortar pacotes de assistência ao desenvolvimento nos países emergentes. Em 2012, a ajuda dos 15 membros da União Europeia que participam do Comitê de Assistência ao

---

<sup>104</sup> ALLMENDINGER, Jutta; VON DEN DRIESCH, Ellen. **Social Inequalities in Europe: Facing the Challenge**. 1. ed. Berlim: Social Science Center, 2014. p. 6.

<sup>105</sup> Ibid., p. 11. Tradução nossa.

Desenvolvimento (CAD) foi de 63.8 bilhões de dólares, uma queda de 7.3% desde 2011.<sup>106</sup>

A Islândia, por sua vez, adotou outros tipos de medidas, e por este motivo é considerada um dos países que melhor lidaram com a crise. Ao contrário do resto do mundo, a economia islandesa voltou a crescer através do aumento de impostos sobre famílias de renda alta, protegendo as famílias de média e baixa renda dos cortes no orçamento. Também aumentou os salários a 1.5 por cento. O nível de crescimento em países que não focaram exclusivamente na austeridade para combater a crise vai totalmente contra o argumento de que a austeridade cria condições para um crescimento fortalecido.<sup>107</sup>

As previsões apresentam um número adicional de 15 a 25 milhões de pessoas na Europa vivendo em condições de pobreza por volta de 2025, o que equivale às populações dos Países Baixos e da Áustria juntas. Os países mais afetados pela crise podem passar a ser as nações que mais apresentam desigualdade no Ocidente,<sup>108</sup> fato já comprovado se compararmos a Grécia e a Alemanha, dois países da União Europeia com situações sócioeconômicas opostas.

A Alemanha, um dos países mais poderosos do bloco, em junho de 2015 apresentou uma taxa de desemprego de 6.4%, tendo 1000 desempregados a cada 2.786 milhões de pessoas. É o nível mais baixo de desemprego desde a reunificação da Alemanha em 1990 após a queda do muro de Berlim no ano anterior.<sup>109</sup> Dados de outra fonte apresentam o nível de desemprego na Alemanha a 4.5 por cento.<sup>110</sup>

Na Grécia, uma das nações mais afetadas pela crise financeira, 1 em cada 3 gregos enfrenta condições de pobreza ou está desempregado. 22.1% do país vive na pobreza, 21.5% passam necessidades, e 17.2% dos gregos pertencem a famílias onde nenhum membro da família está empregado.<sup>111</sup> O país possui a maior taxa de

---

<sup>106</sup> ALLMENDINGER; VON DEN DRIESCH, op. cit., p. 15.

<sup>107</sup> Ibid., p. 15.

<sup>108</sup> Ibid., 21.

<sup>109</sup> GERMAN unemployment steady at historic low in September. **RTE**, Dublin, 30 set. 2015. Disponível em: <<http://www.rte.ie/news/business/2015/0930/731338-german-unemployment/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

<sup>110</sup> UNEMPLOYMENT statistics. **Eurostat**, c2015. Disponível em: <[http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Unemployment\\_statistics](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Unemployment_statistics)>. Acesso em: 19 out. 2015.

<sup>111</sup> CHRYSOPOULOS, Philips. EUROSTAT: 1 In 3 Greeks Is Poor Or Facing Unemployment. **Greek Reporter**. Atenas, 17 out. 2015. Disponível em: <<http://greece.greekreporter.com/2015/10/17/eurostat-1-in-3-greeks-is-poor-or-facing-unemployment/>>. Acesso em: 19 out. 2015.



recém-graduados desempregados de acordo com a revista Forbes, baseada em dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

A taxa é a maior entre os países membros da organização, seguida pela Espanha com 14.9%. A Noruega, outro membro da OCDE, tem uma taxa de 1.8%, a mais baixa da pesquisa.<sup>112</sup> O nível total de desemprego na Grécia atinge 25.2% da população de acordo com dados de junho de 2015.<sup>113</sup>

Além disso, o país, por ser localizado no sul da Europa e fazer fronteira com a Turquia, está recebendo um grande número de refugiados vindos do Oriente Médio. Para muitos migrantes, a Grécia é parte do percurso para se chegar à Alemanha,<sup>114</sup> o país europeu que mais recebe refugiados. Desde o dia 1 de janeiro até 14 de agosto de 2015, a Grécia recebeu 158.456 refugiados. Só na segunda semana de agosto 21 mil refugiados chegaram ao litoral do país.<sup>115</sup> O motivo da grande entrada de refugiados no continente europeu deve-se à instabilidade política da África e Oriente Médio, que em consequência geram conflitos civis de difícil resolução.

A instabilidade político e socioeconômica do continente africano e do Oriente Médio será analisada a seguir.

### 3.4 A SITUAÇÃO POLÍTICA E SOCIOECONÔMICA NA ÁFRICA E ORIENTE MÉDIO

Quando ouvimos a palavra “África”, automaticamente vemos imagens ruins em nossas mentes, como miséria extrema e guerras civis. Tal como o Brasil, após seu descobrimento, a maioria dos recursos naturais da África são explorados pelos países de primeiro mundo. O continente passou pelo processo de descolonização após a Segunda Guerra Mundial, mas a influência das grandes nações na África ainda é pesada e pode ser a responsável por boa parte dos problemas do território.

O autor, doutor e pesquisador da Universidade de Utrecht, Antony Otieno Ong’ayo, sugere que a instabilidade política e outros problemas do continente são

---

<sup>112</sup> ZIKAKOU, Ioanna. Greece Has The Largest Number of Unemployed Graduates. **Greek Reporter**. Atenas, 14 out. 2015. Disponível em: <<http://greece.greekreporter.com/2015/10/14/greece-has-the-largest-number-of-unemployed-graduates/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

<sup>113</sup> UNEMPLOYMENT statistics. **Eurostat**, c2015. Disponível em: <[http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Unemployment\\_statistics](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Unemployment_statistics)>. Acesso em: 19 out. 2015.

<sup>114</sup> WHY is EU struggling with migrants and asylum? **BBC**, Londres, 21 set. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-24583286>>. Acesso em :19 out. 2015.

<sup>115</sup>. NUMBER of refugee arrivals to Greece increase dramatically. **United Nations High Commissioner for Refugees**, c2015. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/55d32dcf6.html>>. Acesso em 19 out. 2015.

frutos da própria liderança dos governantes africanos. Por mais que a implementação da política tenha sido baseada no sistema moderno de Estados, na realidade ela foi bem diferente disto. Muitas comunidades africanas abandonaram seus costumes no período colonial, mas isto não impediu que a implementação da política com bases num sistema moderno fosse distorcida.<sup>116</sup>

Mesmo com a independência, os colonialistas não queriam perder a influência no continente africano. As novas constituições foram negociadas em capitais ocidentais. Logo, é possível afirmar que os interesses imperialistas foram inscritos nas cláusulas no momento de sua elaboração. Antony afirma que o problema de liderança esteve presente desde o estabelecimento dos novos Estados africanos, pois ela pertencia aos neocolonialistas e os libertadores africanos tornaram-se opressores de seus próprios povos. A liderança não está engajada na produção, invenção, construção ou no trabalho. Ela se direciona a atividades do tipo intermediário, sua vocação é fazer o sistema circular e “fazer parte da festa”.<sup>117</sup>

Outro fator que tem um papel negativo no continente, para Antony Ong’ayo, está diretamente relacionado com a questão do desenvolvimento e migração:

As condições políticas e econômicas ameaçadoras na África contribuem enormemente com o êxodo de pessoas altamente qualificadas e pessoas com baixa educação na África. [...] Muitas pessoas estão saindo como solicitadores de asilo ou refugiados num número de países. Eles estão fugindo de guerras civis e regimes opressores trabalhando em conjunto com interesses especiais externos. [...] O resultado final é a migração, forçada ou voluntária, e o destino final é o norte. [...] Os países do norte desenvolvem respostas para lidar com a migração que são contraproducentes. Por essa razão, a migração é vista como um problema nos países destinatários, devido a um entendimento insensível, que leva a reações impróprias.<sup>118</sup>

Ainda, segundo este autor, a situação político-econômica da África é um resultado de uma junção de fatores domésticos como repressão, líderes corruptos, resquícios da era colonial, estados “inchados”, estruturas políticas insuficientes e destruição da democracia de cima para baixo.

Entretanto, a atuação de outros países na África contribuem para o agravamento destas características, principalmente por conta de todos os recursos

---

<sup>116</sup> ONG’AYO, O. Antony. **Political instability in Africa: where the problem lies and alternative perspectives**. 1. ed. Amsterdã: The African Diaspora Policy Centre, 2008. p. 2.

<sup>117</sup> Ibid., p. 4. Tradução nossa.

<sup>118</sup> Ibid., pp. 8-9. Tradução nossa.

presentes no continente, como o petróleo.<sup>119</sup> Para o autor, os recursos naturais do território são mais uma maldição do que uma bênção, pois as empresas vêm explorando os recursos por décadas, seus lucros nunca apresentam baixa e o dinheiro deste lucro nunca é repassado às comunidades dos locais explorados.

Contudo, de acordo com Ong'ayo, as influências internacionais não são inteiramente ruins, pois fizeram com que as populações se unissem em prol da mudança, cenário que fica evidenciado no acontecimento da Primavera Árabe iniciada em 2011, durante a qual os povos de países árabes pediam o fim da ditadura e instauração da democracia.

Um dos países onde o fenômeno da Primavera Árabe foi presente é a Síria, localizada no Oriente Médio, mas ao passo que muitos dos países conseguiram estabelecer regimes democráticos e seguiram em frente, uma guerra civil foi iniciada no país no mesmo ano e até o presente momento não teve fim.

A seguir, discorreremos sobre a Síria, o país que mais sofre com a violência no Oriente Médio.

### **3.4.1 Violência e imigração na Síria**

Em março de 2011, na cidade de Deraa, protestos movidos pela população a favor da instituição da democracia na Síria culminaram com a prisão e tortura de adolescentes; a força militar também abriu fogo contra as pessoas que estavam protestando. Em seguida, a população síria começou a exigir a resignação do presidente Bashar al-Assad.

Meses depois, a oposição começou a se armar e a lutar contra as forças do governo de Assad. A violência aumentou e logo a oposição e as forças pró-Assad estavam guerreando pelo controle para controlar as cidades do país.<sup>120</sup> Além da característica política do conflito, existe também o fator religioso, pois a oposição caracteriza-se como sunitas, enquanto o presidente e seus guerrilheiros são alauítas.

Os muçulmanos sunitas e alauítas compartilham da mesma religião – o Islamismo – mas os rituais e a interpretação da lei islâmica diferem entre os dois grupos. Para os alauítas, após a morte de Mohammed, a sucessão política deveria

---

<sup>119</sup> ONG'AYO, op. cit., p. 4.

<sup>120</sup> SYRIA: The story of the conflict., **BBC**, Londres, 9 out. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-26116868>>. Acesso em: 23 out. 2015.

ser dada a quem tivesse o sangue de Mohammed, mas os sunitas não concordavam com isto. A identidade dos alauítas baseia-se na vitimização devido ao assassinato de Husayn, neto do profeta Mohammed, e dizem ser marginalizados pela maioria sunita, que compõe 1.6 bilhões de pessoas e representa 85 por cento de todos os muçulmanos do mundo.<sup>121</sup>

Até agosto de 2015 cerca de 250 mil pessoas foram mortas no conflito sírio. Em 2014, os Estados Unidos queriam intervir no país mas não receberam apoio político suficiente da comunidade internacional para tanto. O país fornece armamento para os rebeldes sírios que fazem parte da oposição.

O debate a respeito do conflito atualmente gira em torno da participação russa nele. A Rússia, de acordo com a mídia ocidental, tem sido uma forte aliada do presidente sírio, apoiando a capital do país, Damasco, econômica, política e diplomaticamente, fornecendo ainda armamentos ao governo da Síria para combater tanto os opositores quanto o grupo terrorista Estado Islâmico, que luta pelo controle do território sírio sem estar ao lado dos opositores do governo de Assad mesmo sendo um grupo islâmico sunita.<sup>122</sup>

O Estado Islâmico se intitula como Estado porque os terroristas que o fundou “declaram formalmente o estabelecimento de um califado – um Estado governado de acordo com a lei islâmica, ou Sharia, pelo substituto de Deus na Terra, ou califa”.<sup>123</sup> O grupo exige que os muçulmanos declarem lealdade ao líder Ibrahim Awad Ibrahim al-Badri al-Samarrai e migrem para o território controlado pelo grupo, que atualmente consiste em partes do território do Irã, Iraque, Síria, Jordânia e Líbano.<sup>124</sup> O grupo, caracterizado por sua brutalidade extrema, é outro responsável pela migração descontrolada de refugiados muçulmanos na Europa, conforme refletiremos a seguir.

<sup>121</sup> THE SUNNY-Shia Divide. **US Council of Foreign Relations**, c2015. Disponível em: <[http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=ppc-Google-grant-sunni\\_shia\\_infoguide&gclid=Cj0KEQjwtaexBRCohZOAoOPL88oBEiQAr96eSGe3-s2AtB9mL8M59M9nI0sSmfNNghSjIreMHg5zeeYaAmHi8P8HAQ#](http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=ppc-Google-grant-sunni_shia_infoguide&gclid=Cj0KEQjwtaexBRCohZOAoOPL88oBEiQAr96eSGe3-s2AtB9mL8M59M9nI0sSmfNNghSjIreMHg5zeeYaAmHi8P8HAQ#/)>. Acesso em: 23 out. 2015.

<sup>122</sup> STANDISH, Reid. Russian troops are in Syria and we have the selfies to prove it. **Foreign Policy**, 8 set. 2015. Disponível em: <[http://foreignpolicy.com/2015/09/08/russian-troops-are-in-syria-and-we-have-the-selfies-to-prove-it](http://foreignpolicy.com/2015/09/08/russian-troops-are-in-syria-and-we-have-the-selfies-to-prove-it/)>. Acesso em: 23 out. 2015.

<sup>123</sup> WHAT is Islamic State. **BBC**, Londres, 8 out. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-29052144>>. Acesso em: 23 out. 2015.

<sup>124</sup> ISIS'S advance in Iraq. **Financial Times**, Londres, 6 nov. 2015. Disponível em: <[http://www.ft.com/ig/sites/2014/isis-map](http://www.ft.com/ig/sites/2014/isis-map/)>. Acesso em: 23. Out. 2015.

### 3.5 REFUGIADOS NA EUROPA

A Convenção de Refugiados da Organização das Nações Unidas, de 1951, define um refugiado como alguém que:

[...] temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.<sup>125</sup>

Este instrumento legal faz recomendações ao tratamento de refugiados, determina que a convenção deve ser aplicada sem discriminação por raça, religião, sexo e país de origem. Inclui também o princípio de não-devolução (*non-refoulement*), o qual determina que o Estado Contratante (o que recebe o refugiado) não pode expulsá-lo ou devolvê-lo contra a sua vontade para um território onde o refugiado sofra perseguição.

Para atender às novas mudanças internacionais, devido ao surgimento de novos tipos de conflitos, e para incluir novos fluxos de refugiados sob a proteção da Convenção (já que a Convenção só incluía eventos datados de até 1951 e desde então surgiram novas categorias de refugiados que não se enquadravam na Convenção), em 1966 foi criado o Protocolo relativo ao Estatuto dos Refugiados.<sup>126</sup> Sendo assim, a Convenção e o Protocolo são os principais instrumentos internacionais que determinam o status de refugiado.

A força de controle das fronteiras externas da Europa (FRONTEX), que monitora as diversas áreas de entrada de refugiados no continente, estima que só em 2015, no período entre janeiro e outubro, mais de 710 mil refugiados atravessaram as fronteiras europeias.<sup>127</sup> Grande parte destes refugiados estão

<sup>125</sup> Convenção relativa ao estatuto dos refugiados (1951). **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**. c2015. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados)>. Acesso em: 24 out. 2015.

<sup>126</sup> Protocolo de 1967 relativo ao estatuto de refugiados. **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**, c2015. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos/?tx\\_danpdocumentdirs\\_pi2%5Bmode%5D=1&tx\\_danpdocumentdirs\\_pi2%5Bpointer%5D=0&tx\\_danpdocumentdirs\\_pi2%5Bsort%5D=doctitle,sorting,uid&tx\\_danpdocumentdirs\\_pi2%5Bdownload%5D=yes&tx\\_danpdocumentdirs\\_pi2%5Bdownloadtyp%5D=stream&tx\\_danpdocumentdirs\\_pi2%5Buid%5D=595](http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos/?tx_danpdocumentdirs_pi2%5Bmode%5D=1&tx_danpdocumentdirs_pi2%5Bpointer%5D=0&tx_danpdocumentdirs_pi2%5Bsort%5D=doctitle,sorting,uid&tx_danpdocumentdirs_pi2%5Bdownload%5D=yes&tx_danpdocumentdirs_pi2%5Bdownloadtyp%5D=stream&tx_danpdocumentdirs_pi2%5Buid%5D=595)>. Acesso em: 24 out. 2010.

<sup>127</sup> MIGRANT crisis: Migration to Europe explained in graphics. **BBC**, Londres, 9 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-34131911>> Acesso em 23 out. 2015.

fugindo da guerra civil da Síria e da violência propagada pelo Estado Islâmico. Assim, eles entram na Europa com a intenção de conseguir asilo político.

As principais rotas de entrada pelo sul da Europa são a Espanha, Itália e Grécia. Entre janeiro e agosto de 2015, pela Espanha entraram cerca de 7892 refugiados. A maioria era da Síria, Guiné e Argélia. Pela Itália, de janeiro a setembro, 128619 refugiados entraram na Europa, vindos da Eritreia, Nigéria e outros países da África sub-saariana não especificados. Pela Grécia, também entre janeiro e setembro, 359171 refugiados da Síria, Afeganistão e Iraque.<sup>128</sup> Sendo assim, estima-se que pelo menos a metade do total de refugiados são originalmente da Síria.

Grande parte, se não praticamente todos, chegaram à Europa em condições deploráveis. Ainda na África, os interessados em sair do continente devem pagar cerca de 1000 dólares a um traficante e 200 dólares para o agente do traficante. De acordo com o depoimento de uma vítima, dias antes da viagem as pessoas são colocadas numa casa pequena sem infra-estrutura adequada e espaço suficiente para acomodar muitas pessoas. Passados alguns dias, eles são levados para a praia para saírem da África. As embarcações não passam de meros botes infláveis ou barcos pesqueiros que devem acomodar um número de pessoas muito além da capacidade máxima permitida.

No dia 11 de outubro de 2013, um barco com 250 pessoas afundou próximo à ilha italiana de Lampedusa. 50 corpos foram resgatados, 10 deles de crianças. Um adolescente de 17 anos (Anas) e seus primos (A) e (B) que, sobreviveram ao naufrágio, relatam sua experiência<sup>129</sup> à Anistia Internacional (ver anexo A para os relatos completos):

Anas: Quando a água veio, eu fui empurrado para uma sala ou compartimento e depois tudo ficou preto. De repente eu vi uma pequena luz, eu nadei até que ficou mais perto e maior e eu percebi que era uma janela. Eu atravessei. Quando nós estávamos na água, eu vi pessoas se agarrando aos corpos [das pessoas mortas]. [...] Eu fui preso em Malta por três dias, eu vomitava sangue mas eles ainda me levaram para a detenção. A prioridade principal deles era colher minhas digitais. [...]

B: Eu deixei a Síria para tirar minha família de lá, mas agora eles têm as minhas digitais e eu não posso trazer minha família aqui. Nossa

<sup>128</sup> MIGRATORY routes map. **Frontex**. c2015. Disponível em: <<http://frontex.europa.eu/trends-and-routes/migratory-routes-map/>> Acesso em: 23 out. 2015.

<sup>129</sup> DON'T get on the boat. Testimonies from Syrian refugees in Italy. **Amnesty International**. c2015. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/latest/news/2013/12/dont-get-boat-testimonies-syrian-refugees-italy/>>. Acesso em: 24 out. 2015.

primeira experiência da Europa é uma mentira. Minha experiência não destruiu só os meus sonhos; destruiu os sonhos da minha família.

Neste ano, em agosto de 2015, outro barco carregando refugiados afundou após sair da Líbia. 400 pessoas estavam na embarcação, 200 morreram. Grande parte das vítimas estavam presas no porão do navio no momento em que ele virou. Os tripulantes eram da África sub-saariana, Paquistão, Síria, Marrocos e Bangladesh.<sup>130</sup>

Apesar de entrarem na Europa pelos países do sul ou leste e passarem algum tempo neles, o destino principal dos refugiados é a Alemanha, Áustria e Suécia, devido ao tratamento dado aos refugiados nestes países, com garantia de moradia, alimentação e segurança. A Alemanha estipula que até o fim deste ano, 1.5 milhões de imigrantes buscarão refúgio no país<sup>131</sup>. A população alemã em sua grande parte acolhe os refugiados de braços abertos numa tentativa de reverter o genocídio causado pelo país na Segunda Guerra Mundial.

No entanto, nem todos os países da Europa são tão generosos como a Alemanha. A entrada descontrolada de refugiados no continente é objeto de desavenças políticas e sociais e pode ser um fator que ameace a integração europeia. O tópico a seguir trata das opiniões de alguns destes países.

### 3.6 OPINIÃO EUROPEIA FRENTE À ENTRADA DESCONTROLADA DE REFUGIADOS

A seguir, serão apresentadas as posições de alguns países da União Europeia.

#### 3.6.1 Alemanha

Angela Merkel, chanceler da Alemanha, inicialmente não estava lidando muito bem com a entrada descontrolada de refugiados no país. Em julho de 2015, a líder foi criticada mundialmente ao fazer uma garota refugiada de 14 anos chorar porque

<sup>130</sup> KINGSLEY, Patrick. Migrant crisis: Up to 200 dead after boat carrying refugees sinks off Lybia. **The Guardian**, Londres, 28 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/aug/27/at-least-30-dead-after-boat-carrying-migrants-sinks-in-mediterranean>>. Acesso em 24 out. 2015.

<sup>131</sup> KARNITSCHNIG, Matthew. Germany now expects 1.5 million refugees in 2015. **Politico**, Nova York, 05 out. 2015. Disponível em: <<http://www.politico.eu/article/germany-now-expects-1-5-million-refugees-in-2015-report/>>. Acesso em: 24 out. 2015.

disse a Merkel que a sua família corria o risco de ser deportada por estarem na Alemanha há 4 anos. Merkel respondeu:

Eu entendo o que você diz. A política é difícil às vezes. Há mais milhares e milhares nos campos palestinos de refugiados no Líbano. E se nós dissermos “você todos podem vir para cá”, “você todos podem vir da África”, nós não podemos lidar com isto.<sup>132</sup>

Merkel agora adere a uma política de braços abertos aos refugiados, causando descontentamento perante a direita ressurgente e violenta. Com a medida anunciada em agosto, Angela Merkel suspendeu as leis imigratórias da União Europeia na Alemanha, e declarou que todos os sírios que entrarem no país receberão o status oficial de refugiados, o que garantirá a estas pessoas o direito de permanecer na Alemanha por pelo menos 3 anos, benefícios previdenciais generosos e dá à família do refugiado o direito de se relocar para a Alemanha para ficar junto dele.<sup>133</sup>

No entanto, sabendo dos efeitos negativos que o grande número de refugiados pode causar aos sistemas sociais, a chanceler acredita que a Europa deve estabelecer quotas por países para assim distribuir os refugiados e não sobrecarregar nenhum país.<sup>134</sup>

Boa parte da população tem sido muito prestativa com os refugiados, mas isso não impediu que a ideia de Merkel fosse considerada controversa internacionalmente e muitos líderes europeus não concordam com ela. Todos estes fatores combinados, como o descontentamento interno e externo com Merkel, pode ser uma ameaça à carreira política da chanceler.<sup>135</sup>

Recentemente, alguns dos centros destinados a receber refugiados futuramente, como ginásios, foram incendiados. A polícia acredita que o incêndio foi

---

<sup>132</sup> DEGER, Allison. Angela Merkel makes a 14-year-old Palestinian girl cry by telling her she is not welcome in Germany. **Mondoweiss**, Nova York, 16 jul. 2015. Disponível em: <<http://mondoweiss.net/2015/07/palestinian-telling-welcome>>. Acesso em: 24 out. 2015. Tradução nossa.

<sup>133</sup> TRAYNOR, Ian. Confusion as Germany announces curbs on Syrian refugees. **The Guardian**, Londres, 06 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/nov/06/germany-imposes-surprise-curbs-on-syrian-refugees>>. Acesso em: 09 nov. 2015.

<sup>134</sup> AISCH, Gregor; ALMUHKTAR, Sarah. Seeking a fair distribution of migrants in Europe. **The New York Times**. Nova York, 22 set. 2015. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/interactive/2015/09/04/world/europe/europe-refugee-distribution.html>>. Acesso em: 24 out. 2015.

<sup>135</sup> HOCKENOS, Paul. Nothing can take down Angela Merkel – except 800,000 refugees. **Foreign Policy**, 22 out. 2015. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2015/10/22/nothing-can-take-down-angela-merkel-except-800000-refugees-germany-cdu-pegida/>> Acesso em: 24 out. 2015.



criminoso. Outros ataques ocorreram, desta vez num abrigo lotado. 40 refugiados ficaram feridos num ataque de spray de pimenta na cidade de Massow.<sup>136</sup>

No primeiro semestre deste ano, o político Götiz Ulrich, do partido Democrata Cristão e organizador de um abrigo incendiado que receberia refugiados, foi ameaçado por ativistas da extrema direita, dizendo que iriam lidar com o homem de acordo com “métodos franceses revolucionários”, ou seja, decapitando o político.<sup>137</sup>

Outra política alemã sofreu um ataque durante uma campanha no país por um homem que se diz descontente com as políticas que lidam com os refugiados. Henriette Reker, de 58 anos, foi atingida no pescoço, mas felizmente sobreviveu.<sup>138</sup>

No dia 23 de outubro, um ataque neo-nazista a refugiados foi prevenido pela polícia alemã. Os suspeitos pretendiam invadir um abrigo com explosivos, facas, tacos de *baseball* e uma arma. Entre os materiais encontravam-se muitos emblemas da suástica, um símbolo nazista, além de artigos adquiridos na época do Terceiro Reich. Alguns dos suspeitos são membros de um partido extremista chamado Die Rechte (A Direita), outros apoiam um grupo anti-Islã.

Estes acontecimentos dão sustentação à ideia de que a extrema direita e o nacionalismo estejam ganhando força na Europa. Dentre os tipos de nacionalismos mencionados no primeiro capítulo, é válido afirmar que o tipo de nacionalismo que está em reascensão na Europa é o nacionalismo étnico (pela valorização da etnia alemã em detrimento da etnia dos refugiados) e o ultranacionalismo. O tipo que melhor se aplica aos acontecimentos da Alemanha é o ultranacionalismo, uma versão radicalizada do nacionalismo étnico. O principal fator que dá suporte à esta suposição é o fato de que, de acordo com a mídia, os ataques foram promovidos pela extrema direita e possuem um forte apelo anti-imigração.

### 3.6.2 França

A burocracia no país para processar os pedidos de asilo é alta. O número de acomodações que o país oferece é limitado e a população não aparenta ser

<sup>136</sup> 40 PEOPLE injured in pepper-spray attack on refugee shelter in Germany. **Reuters**, Nova York, 02 set. 2015. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/314094-germany-refugee-shelter-attack/>>. Acesso em: 24 out. 2015.

<sup>137</sup> GERMAN politician “threatened with beheading” pela extrema direita após abrigo para refugiados ser incendiado. **RT**, Moscou, 07 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/247417-germany-refugee-shelter-fire/>>. Acesso em 24 out. 2015.

<sup>138</sup> GERMAN mayoral candidate Reker stabbed over refugees support. **BBC**, Londres, 17 out. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-34561531>>. Acesso em 25 out. 2015.

calorosa. Por estes motivos, atualmente muitos refugiados estão evitando se estabelecer na França, e a maioria dos que estão ali, querem tentar entrar no Reino Unido, que também discordou com a política de distribuição de Angela Merkel e não quer aceitar refugiados em seu território.

Em setembro, a polícia atirou gás de efeito lacrimogênio durante uma evacuação forçada de um acampamento de refugiados improvisado na cidade de Calais.<sup>139</sup> O acampamento, chamado de “nova selva”, parece estar localizado num país extremamente subdesenvolvido, com barracas espalhadas por todos os lados. É motivo de piada e comparação entre o tratamento oferecido para os refugiados pelo governo alemão e francês.

Na Alemanha, o governo possui abrigos preparados para receber os imigrantes. Na França, cerca de 6 mil refugiados acampam nos arredores de Calais, e a administração da cidade cogita pedir ajuda do exército para conter a violência no acampamento.<sup>140</sup>

Também no mesmo mês, a revista satírica Charlie Hebdo, vítima de um massacre no início do ano,<sup>141</sup> publicou charges debochando dos refugiados que afogaram no mar ao tentar chegar na Europa. Uma das imagens, ilustrada abaixo, inclui Aylan Kurdi, um garotinho de 2 anos que foi achado morto na beira da praia na Turquia após o barco em que ele estava com o irmão e mãe virou. Em outra, há um desenho de Jesus Cristo caminhando sobre o mar enquanto uma criança pequena se afoga de pernas pro ar. A legenda diz “os cristãos caminham sobre a água, crianças muçulmanas se afogam.”

---

<sup>139</sup> SAMUEL, Henry. Refugees shun France, land of red tape, unemployment and poor housing. **Telegraph**. Paris, 21 set. 2015. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/france/11880391/Refugees-shun-France-land-of-red-tape-unemployment-and-poor-housing.html>>. Acesso em: 24 out. 2015.

<sup>140</sup> SAMUEL, Henry. Send in the army, says Calais mayor, as migrant population doubles. **Telegraph**, Paris, 19 out. 2015. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/france/11941305/Send-in-the-army-says-Calais-mayor-as-migrant-population-doubles.html>>. Acesso em: 24 out. 2015.

<sup>141</sup> Dois muçulmanos fundamentalistas cometeram um massacre na redação do jornal Charlie Hebdo após uma das edições debochar do profeta Mohammed, figura sagrada do Islamismo.



Figura 1 – Charges de Charlie Hebdo

Fonte: Examiner

Tradução (esquerda): Tão perto [do objetivo]... Promoção! Dois menus infantis pelo preço de um.

Tradução (direita): A prova que a Europa é cristã: os cristão caminham sobre a água. As crianças muçulmanas se afogam.

Marine Le Pen, uma política francesa da extrema direita líder do partido Frente Nacional, filha do polêmico Jean-Marie Le Pen,<sup>142</sup> foi acusada por uma associação muçulmana de incitar o racismo quando, há 5 anos, comparou um grupo de muçulmanos rezando na rua com uma ocupação, pois, em sua opinião, “orar na rua é ilegal. É um meio de tomar um território e impor uma lei religiosa. Estou nos meus direitos como uma líder política de falar sobre um assunto tão fundamental.”<sup>143</sup>

Devido à entrada de muitos refugiados (principalmente muçulmanos) no país, os partidos de extrema direita caracterizados como nacionalistas e anti-imigração

<sup>142</sup> Jean-Marie Le Pen fundou o partido de extrema-direita Frente Nacional, que é completamente anti-imigração. Mas em agosto, Jean-Marie foi expulso do partido por confrontar sua filha Marine e criou um novo partido, chamado Azul-Branco-Vermelho, nomeado após as cores da bandeira francesa. Também há rumores de que Marine Le Pen expulsou seu pai de seu partido para fazer com o que o partido pareça menos racista, aumentando assim as chances de Marine ganhar as eleições presidenciais de 2017. JEAN-MARIE Le Pen launches new political party in France. **The Guardian**, Londres, 05 set. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/sep/05/jean-marie-le-pen-launches-new-political-party-in-france>>. Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>143</sup> SAMUEL, Henry. Marine Le Pen stands trial for Muslim street prayer outburst. **Telegraph**, Paris, 20 out. 2015. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/france/11943110/Marine-Le-Pen-stands-trial-for-Muslim-street-prayer-outburst.html>>. Acesso em: 25 out. 2015. Tradução nossa.

vêm adquirindo cada vez mais seguidores na França. Esta tendência tende a se intensificar ainda mais após os atentados terroristas de 13 de novembro de 2015, causados pelo Estado Islâmico.

### 3.6.3 Hungria

Localizada no centro da Europa, a Hungria faz fronteira com 7 países e tem estado sob a luz dos holofotes durante os últimos meses devido à tomada de decisões polêmicas quanto à entrada em massa de refugiados no país.

O país cercou sua fronteira com a Sérvia e a Croácia com arame farpado para impedir que os imigrantes que saem dos dois países em direção ao norte da Europa passem pela Hungria.<sup>144</sup>

O Primeiro Ministro da Hungria, Viktor Orban, afirma que os “refugiados escapando de conflitos e pobres condições econômicas no Oriente Médio afetarão os valores europeus.”<sup>145</sup> Numa entrevista à televisão espanhola, o político diz que ninguém sabe que tipo de pessoas os refugiados são, quais são seus planos, como eles desejam manter seus próprios ideais, e os europeus não sabem se os refugiados irão respeitar a cultura e as leis europeias. A entrada de refugiados na Europa, de acordo com Orban, é um processo descontrolado, é a definição de uma invasão.<sup>146</sup>

Viktor ainda acusa a mídia europeia de manipular as notícias, dizendo que isto não condiz com os princípios de liberdade de informação. Segundo o ministro, a mídia só mostra imagens de mulheres e crianças nos grupos de refugiados, mas na verdade 70% das pessoas dos grupos são homens jovens e eles “parecem um exército.”<sup>147</sup> Orban não quer deixar os refugiados seguirem para o norte da Europa, mas ofereceu viagens de trem para levá-los de volta para a Grécia ou Turquia.<sup>148</sup>

<sup>144</sup> HUNGARY closes borders to refugees as Turkey questions EU deal to stem crisis. **The Guardian**, Londres, 17 out. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/oct/17/hungary-closes-border-to-refugees-as-turkey-questions-eu-deal-to-stem-crisis>>. Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>145</sup> HARRESS, Christopher. Hungarian prime minister says refugees will harm European values. **International Business Times**, Manhattan, 24 out. 2015. Disponível em: <<http://www.ibtimes.com/hungarian-prime-minister-says-refugees-will-harm-european-values-2155108>>. Acesso em: 25 out. 2015. Tradução nossa.

<sup>146</sup> Ibid.

<sup>147</sup> REFUGEES ‘look like an army’, says Hungarian PM Viktor Orban., **The Guardian**, Londres, 23 out. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/oct/23/refugees-look-like-an-army-says-hungarian-pm-viktor-orban>>. Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>148</sup> Ibid.

### 3.6.4 Grécia

Um dos países da Europa que mais sofrem com a crise econômica, a Grécia, é também o portão de entrada dos refugiados no continente europeu. Ilhas e cidades litorâneas estão sobrecarregadas de refugiados, e o país, que mal consegue sustentar seus próprios cidadãos, depende bastante da ajuda financeira da União Europeia e também da ajuda de grupos humanitários como o Comitê Internacional de Resgate,<sup>149</sup> que, entre outros tipos de ajuda, informa os refugiados sobre seus direitos e de como serem propriamente registrados no país. As estimativas dizem que por semana chegam 50 mil novos refugiados na Grécia. Neste ano, mais de 500 mil já passaram pelo país.<sup>150</sup>

O então primeiro ministro grego Alexis Tsipras falou sobre a crise de refugiados em seu discurso (ver anexo B para o discurso completo) num dos encontros da Assembleia Geral da ONU:

[...] Desde o começo do ano mais de 300 mil pessoas – a maioria da Síria, Iraque e Afeganistão – entraram no país com a intenção de transitarem para os países europeus ocidentais.

A Grécia – como todos os outros países europeus – foi pega de surpresa por este fato.

Apesar disto, as pessoas da Grécia, mostraram sua solidariedade garantindo comida e abrigo aos refugiados.

No entanto, para alguns o único modo de lidar com este desafio é contruindo muros mais altos, para repelir os migrantes pela força ou para assegurar que eles continuem sendo a responsabilidade de outro alguém – o mais longe o possível. Nós não acreditamos que o futuro da Europa ou do nosso mundo possa ser construído com muros cada vez mais altos, ou crianças morrendo na nossa porta. Também não podemos nos esquecer que muitos de nossos ancestrais eram migrantes e refugiados. Não podemos permitir que o racismo e xenofobia destruam nossos princípios em comum.<sup>151</sup>

Apesar do posicionamento positivo do primeiro ministro grego, recentemente, homens armados e usando máscaras próximos das ilhas gregas começaram a interceptar barcos e botes infláveis vindos da Turquia com destino à Grécia,

<sup>149</sup> International Rescue Committee, c2015. Disponível em: <<http://www.rescue.org/where/greece>>. Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>150</sup> SPENCER, Richard e LAWLER, David. More than 56,000 migrants arrive in Greece in one week, the highest total of 2015. **The Telegraph**, Londres, 23 out. 2015. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/greece/11950421/More-than-56000-migrants-arrive-in-Greece-in-one-week-the-highest-total-of-2015.html>>. Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>151</sup> ADAMOPOULOS, Anastassios. Greek prime minister talks refugees and economic crises at UN General Assembly. **Greek Reporter**, Atenas, 1 out. 2015. Disponível em: <http://greece.greekreporter.com/2015/10/01/greek-prime-minister-talks-refugee-and-economic-crises-at-un-general-assembly/> Acesso em: 25 out. 2015. Tradução nossa.

removendo os motores destes barcos e furando os botes infláveis para que eles afundem. Alguns dos barcos são puxados de volta para a Turquia pelos homens.<sup>152</sup>

### 3.6.5 Reino Unido e Grã Bretanha

O Reino Unido (composto pela Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte) planejou um sistema de quotas diferente do que foi desenvolvido pela União Europeia. Neste sistema, o Reino Unido de fato aceitará refugiados em seu território, mas apenas aqueles que vierem diretamente do Oriente Médio. “Há milhões ainda na região e nós não devemos encorajá-los a fazer esta jornada”<sup>153</sup> disse o primeiro ministro da Grã Bretanha (composta pela Inglaterra, Escócia e País de Gales) David Cameron a um programa de notícias do canal americano Columbia Broadcasting System (CBS). O político acredita que a Europa deve fazer mais para mandar os refugiados de volta a suas terras natais.

A medida adotada pelo Reino Unido foi muito criticada por vários líderes europeus, pois ao aceitar somente refugiados que ainda estão na Síria, Iraque, Afeganistão, Líbano ou Turquia, não vai ajudar a distribuir o número de refugiados que estão na União Europeia.

David Cameron declarou ainda que a crise de refugiados influencia na saída da Grã Bretanha da União Europeia,<sup>154</sup> que deve ter um referendo para decidir se continua na União ou não em 2017.

Theresa May, membra do Partido Conservador do Reino Unido, defende que “quando a imigração é muito alta, é impossível construir uma sociedade coesa”.<sup>155</sup> Diz ainda que os benefícios econômicos da imigração aproximam-se de zero. Para a

<sup>152</sup> ARMED, masked Greek men attack refugee boats, leaving stranded people to die at sea. **RT**, Moscou, 23 out. 2015. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/319515-greece-refugees-sink-boats/>>. Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>153</sup> WHITMAN, Elizabeth. European refugee crisis 2015: Britain defends asylum policy, amid criticism from EU leaders. **International Business Times**, Manhattan, 02 out. 2015. Disponível em: <<http://www.ibtimes.com/european-refugee-crisis-2015-britain-defends-asylum-policy-amid-criticism-eu-leaders-2124636>>. Acesso em: 25 out. 2015. Tradução minha.

<sup>154</sup> HOSEHOUSE, Matthew. DAVID Cameron: refugee crisis 'complicates' job of keeping Britain in EU. **Telegraph**, Bruxelas, 29 set. 2015. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/eu/11899058/David-Cameron-refugee-crisis-complicates-job-of-keeping-Britain-in-EU.html>> Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>155</sup> MILLER, Nick. UK Home Secretary Theresa May echoes John Howard in controversial anti-immigration speech. **The Sydney Morning Herald**, Sydney, 07 out. 2015. Disponível em: <<http://www.smh.com.au/world/migrant-crisis/uk-home-secretary-theresa-may-echoes-john-howard-in-controversial-antiimmigration-speech-20151006-gk2tb7.html>>. Acesso em: 25 out. 2015. Tradução nossa.

política, “nem daqui 1000 anos” a Grã Bretanha participaria de uma política comum de imigração e asilo com a Europa.<sup>156</sup>

No dia 21 de outubro, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), ou Agência da ONU para Refugiados, disse que o Reino Unido deve reassentar os 114 refugiados que chegaram na base militar britânica no Chipre após serem abandonados na costa por traficantes. O Ministério de Defesa do Reino Unido contradiz a declaração da ACNUR e afirma que os refugiados são responsabilidade do Chipre.<sup>157</sup>

A este respeito, a população parece dividida. Muitos dizem que os refugiados são bem vindos, outros preferem que o Reino Unido não aceite refugiados na região.

Tendo analisado o posicionamento de alguns países da União Europeia, é preciso discutir agora sobre um dos motivos que fazem tantos líderes políticos e pessoas serem contra o recebimento de refugiados do Oriente Médio em seus países: grande parte destes refugiados são muçulmanos, praticantes da religião mais odiada do mundo após o atentado terrorista ocorrido no dia 11 de setembro. O próximo tópico trata do termo islamofobia, que é a aversão aos praticantes do Islã.

### 3.7 ISLAMOFOBIA

O Islã é uma religião monoteísta que foi criada no Oriente Médio no século VII antes de Cristo. Possui cerca de 1.5 bilhões de seguidores no mundo todo. A palavra “islã” significa rendição ou submissão, e a religião é baseada nos ensinamentos do Profeta Muhammad, que propôs que um indivíduo deve submeter-se à vontade de Allah, o deus da religião, criador do mundo.

Como o Cristianismo, o Islã também possui um livro sagrado chamado Alcorão, que contém os ensinamentos do Profeta revelados a ele por Allah. A religião possui cinco pilares que constituem as práticas do Islã. São eles a fé, a oração, a caridade, o jejum e a ida à Meca, um dos lugares mais sagrados do Islamismo. A maioria dos muçulmanos oram 5 vezes ao dia.<sup>158</sup>

<sup>156</sup> MILLER, loc. cit.

<sup>157</sup> WEAVER, Matthew et al. UK must resettle refugees who arrived on Cyprus military base, says UN. **The Guardian**, Atenas, 21 out. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/oct/21/refugee-boats-akotiri-uk-military-base-in-cyprus>> Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>158</sup> ISLAM. **Patheos Library**, c2008-2015. Disponível em: <<http://www.patheos.com/Library/Islam>> Acesso em: 26 out. 2015.

A Europa possui uma associação antiga com o Islã, pois a religião existe na região dos Balcãs, na Península Ibérica, Chipre e Sicília há séculos. Mas a maioria dos muçulmanos presentes na Europa chegaram no continente após o *boom* econômico da década de 1960. Mais tarde, nos anos 90, vieram os refugiados. Outro fator que influencia na migração de muçulmanos para a Europa são as ligações imperiais que os países europeus possuíam com suas colônias no Oriente Médio.<sup>159</sup>

As características étnicas dos grupos de muçulmanos interferem diretamente nas suas atitudes e práticas da religião, além de influenciar no modo em como os grupos interagem com pessoas que não são muçulmanas. Grande parte dos muçulmanos na Europa são sunitas, com uma minoria xiita e outras divisões como *alevis* e *sufis*.<sup>160</sup>

Os ataques terroristas cometidos no dia 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos pela organização terrorista Al-Qaeda, o atentado na Espanha em 11 de março de 2004,<sup>161</sup> o ataque ao produtor holandês Theo Van Gogh<sup>162</sup> e os ataques de Londres em 2005<sup>163</sup> fizeram com que o mundo todo passasse a acreditar que o objetivo principal do Islã é destruir o Ocidente e comandar o mundo. Assim, muitas pessoas acreditam que todos os muçulmanos compartilham deste mesmo ideal, quando na verdade é uma pequena minoria que promove ataques terroristas e realmente quer a destruição do ocidente.

O fato é que pouquíssimas pessoas procuram saber por que estes grupos odeiam tanto os países ocidentais. Nem todos sabem que estes grupos querem que o ocidente pague por anos de exploração de recursos naturais, intervenção nos assuntos internos e a matança de civis inocentes. No entanto, nada justifica os atentados que os grupos cometeram nos países citados acima ou os ataques que o

<sup>159</sup> WINKLER, Beate. **Muslims in the European Union: discrimination and islamophobia**. European Monitoring Center on Racism and Xenophobia, 2006. p. 24.

<sup>160</sup> Ibid., p. 26.

<sup>161</sup> Na manhã do dia 11, 10 bombas explodiram em 4 vagões de trens em Madrid que seguiam para o centro da cidade. A polícia suspeitava que os autores do ataque fosse um grupo de jovens do Oriente Médio que queriam que o ataque influenciasse o resultado das eleições que aconteceriam dali 3 dias. Para o grupo, o atentado poderia fazer com que o Partido Socialista ganhasse, e este tinha planos de retirar as tropas espanholas do Iraque. 191 pessoas morreram no atentado. A polícia tentou prender os suspeitos três semanas após o ataque, mas ao entrarem no apartamento os suspeitos acionaram bombas e cometeram suicídio. Este foi considerado o pior ataque terrorista da Europa.

<sup>162</sup> Em 2004, Theo produzia um filme que se tratava da exploração da mulher muçulmana e foi assassinado por Mohammad Bouyeri.

<sup>163</sup> No dia 7 de julho de 2005, quatro muçulmanos extremistas promoveram ataques suicidas no metrô de Londres e num ônibus. O objetivo do grupo era especificamente atingir civis. 52 pessoas morreram e mais de 700 ficaram feridas.



ocidente promoveu no Oriente Médio após os atentados. Ambos os lados são, portanto, culpados.

A aversão ao islamismo aumentou quando o Estado Islâmico começou a ganhar prominência na mídia ocidental. Como os outros, o grupo também luta contra a presença do Ocidente no Oriente Médio, mas nenhum fator é capaz de justificar a brutalidade extrema dos integrantes, que destroem tudo o que encontram pela frente, estupram e matam crianças, mulheres e idosos em suas áreas de influência, principalmente no Iraque e na Síria.

A presença do Estado Islâmico na região fez com que muitas pessoas fugissem para se proteger. Eles buscaram refúgio na Europa e a grande onda de refugiados entrando no continente incitaram a reascensão do nacionalismo étnico e do ultranacionalismo na região. No nacionalismo étnico, é perfeitamente claro o racismo e a islamofobia presente nos discursos dos europeus. Este discurso, no entanto, apesar de ofensivo não chega a ser violento ou incitar a violência contra os muçulmanos. As pessoas “simplesmente” valorizam sua identidade nacional, seu idioma, e não quer que pessoas “de cor” e de outros lugares manchem sua cultura.

Já o ultranacionalismo, a forma violenta do nacionalismo étnico, incita o ódio e a violência contra um grupo em favor do próprio país. O ultranacionalismo tem discursos anti-imigração e é aderido por pessoas que possuem uma ideologia de extrema direita. Na Alemanha, uma candidata a prefeita foi esfaqueada durante uma campanha por apoiar a entrada de refugiados no país. Em 2014, no Reino Unido, um homem pendurou suásticas e símbolos do grupo americano Ku Klux Klan (KKK) <sup>164</sup> num local onde uma mesquita seria construída, além de escrever as palavras “queime no inferno”.<sup>165</sup> Segundo o *website* Telesur TV, “mais de 47 mil casos de crime de ódio foram registrados entre 2012 e 2014.”<sup>166</sup>

Neste sentido, conforme destaca a autora Beate Winkler, “pode-se concluir que muçulmanos são potencialmente afetados pela discriminação, o que por sua vez, pode colocá-los em risco de alienação da sociedade na qual eles vivem.”<sup>167</sup> Este fato pode ser comprovado se levarmos em conta o fato de que na França e na

<sup>164</sup> Grupo de ódio Americano cujo principal alvo é a população negra, mas também ataca judeus, imigrantes, homossexuais e até mesmo católicos.

<sup>165</sup> ANTI-muslim hate crimes soar in UK as far-right sentiment grows. **Telesur TV**, Caracas, 15 maio 2015. Disponível em: <<http://www.telesurtv.net/english/news/Anti-Muslim-Hate-Crimes-Soar-in-UK-as-Far-Right-Sentiment-Grows-20150515-0027.html>> Acesso em 26 out. 2015. Tradução nossa.

<sup>166</sup> Ibid.

<sup>167</sup> WINKLER, op. cit., p. 35. Tradução nossa.

Suécia, refugiados ou não, a maioria dos muçulmanos estão aglomerados em bairros da periferia e não interagem muito com o resto da população.

Outro assunto relacionado à islamofobia é o fato de que alguns países da União Europeia proíbem ou pelo menos discutem proibir as mulheres muçulmanas em seus países de usarem em lugares públicos (inclusive escolas) a *hijab*, tecido utilizado para esconder o cabelo da mulher e a *burka*, que cobre o corpo todo da mulher, exceto os olhos. A discussão baseia-se no argumento de não permitir que as pessoas usem artigos religiosos considerados “extravagantes”, incluindo itens cristãos grandes (como crucifixos) e vestimentas judaicas.

O uso da *hijab*, *burka* e outros, é considerado no Ocidente um símbolo de opressão feminina pelo patriarcado e desigualdade de gênero, o que influencia a proibição. Para muitas muçulmanas, isto atinge a liberdade de praticar sua religião. Para Beate Winkler, o uso das vestimentas possui mais motivos que estão além do argumento da opressão:

As verdadeiras motivações para se usar o véu podem variar significativamente. Algumas mulheres muçulmanas são obrigadas pela família ou grupo social a vesti-lo. Em algumas instâncias, usar o véu pode fazer com que jovens mulheres ganhem liberdade de movimento num ambiente, e se não estivessem vestindo-o as expectativas sociais e da família as obrigariam a ficar em casa. Algumas muçulmanas usam o véu como afirmação da identidade muçulmana. [...] Outras podem usar o véu porque consideram isto sua obrigação religiosa.<sup>168</sup>

Já para a autora Shaista Gohir, fundadora do *website* Big Sister que dá destaque às mulheres inspiradoras muçulmanas do passado e do presente, a proibição do véu não promove a igualdade de gênero, mas sim a islamofobia de gênero.<sup>169</sup>

Quanto ao nível de desemprego entre a comunidade muçulmana na Europa, Winkler faz uma comparação com um experimento feito um programa de TV exibido no Reino Unido pelo canal British Broadcasting Company (BBC):

50 firmas receberam aplicações de seis candidatos fictícios com nomes sugerindo fortemente um *background* branco britânico, africano e muçulmano. Os candidatos brancos tinham mais chance (25 por cento) que os candidatos negros (13 por cento) de ser convidado para uma entrevista, mas aqueles com um nome

<sup>168</sup> WINKLER, op. cit., p. 42. Tradução nossa.

<sup>169</sup> GOHIR, Shaista. **The Veil Ban in Europe: Gender Equality or Gendered Islamophobia?** Washington D.C: Georgetown Journal of International Affairs, 2015.

muçulmano (9 por cento) tiveram menos sucesso que todos os outros.<sup>170</sup>

Entre alguns países analisados pela autora, como Alemanha, França e Bélgica, pesquisas confirmam que a taxa de desemprego entre os muçulmanos é mais alta que entre os nativos. Logo, é coerente afirmar que eles sofrem discriminação até no momento de arrumar um emprego.

Os dados analisados por Winkler mostram ainda que nem todos os migrantes num país sofrem racismo e discriminação no emprego, mas os muçulmanos são o grupo principal afetado. E as mulheres muçulmanas ainda enfrentam “discriminação dupla” por serem mulheres e pela questão de sua etnicidade e religião.<sup>171</sup>

Muitos sugeriram que o fluxo desordenado de refugiados na Europa pode ser benéfico para o mercado de trabalho europeu, já que o continente está envelhecendo e carece cada vez mais de mão de obra. O problema é que quem defende uma posição anti-imigração não irá se importar com este argumento racional. Isto sugere que será difícil para os refugiados de origem muçulmana conseguir trabalhar quando receberem a devida autorização para se juntar à força de trabalho europeia.

Percebemos o quão longe estamos da formação de uma sociedade cosmopolita idealizada por Immanuel Kant ao nos depararmos com estas informações. Kant acreditava que todos os seres humanos são seres igualitários sem quaisquer distinções, não importa a cor da nossa pele ou o lugar onde nascemos, pois afinal todos nascemos no mesmo planeta.

Entretanto, hoje vemos que a religião e cultura de alguém define o seu valor perante à sociedade estrangeira. Pode-se perder uma oportunidade de emprego por ter um nome que não é “branco” e europeu o suficiente. Pode-se ser acusado de querer explodir o mundo porque algumas pessoas que possuem a mesma religião que eu querem isto. Pode-se ser assassinado, simplesmente, por ser muçulmano.<sup>172</sup> Kant estaria decepcionado.

<sup>170</sup> GOHIR, op. cit., p. 46. Tradução nossa.

<sup>171</sup> WINKLER, op. cit., p. 48. Tradução nossa.

<sup>172</sup> SULLIVAN, Kevin; BERMAN, Mark, KAPLAN, Sarah. Three Muslims killed in shooting near UNC; police, family argue over motive. **The Washington Post**, Washington D.C., 11 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/post-nation/wp/2015/02/11/three-killed-in-shooting-near-university-of-north-carolina/>>. Acesso em: 26 out. 2015.

### 3.8 POLÍTICA DE CONCESSÃO DE ASILO A REFUGIADOS NA EUROPA

Uma pessoa que busca asilo político em outro país não é automaticamente considerada um refugiado. Para ela ser considerada como tal, sua petição precisa ser avaliada pela ACNUR ou pelo governo do país em que ela se encontra, desde que o Estado seja signatário da Convenção de Refugiados das Nações Unidas de 1951.<sup>173</sup> Entrevistas são conduzidas com quem requer o refúgio e se for comprovado que aquela pessoa não está fugindo de perseguição política, miséria e conflito, ela pode ser mandada de volta ao seu país de origem.

Contudo, no caso da entrada descontrolada de indivíduos em algum território, não há tempo suficiente para determinar se alguém realmente é um refugiado devido ao alto número de pessoas na mesma condição chegando naquele local todos os dias. Assim, estas pessoas são declaradas refugiados *prima facie*, expressão em latim que pode ser traduzida como “a primeira vista”.

A Europa possui uma lei denominada *Dublin Regulation*<sup>174</sup>, que determina que os refugiados devem permanecer no primeiro país em que eles entraram em território europeu, e este país está inteiramente responsável de processar as petições de concessão de refúgio a estas pessoas. O refugiado que sair deste país para ir a outro corre o risco de ser deportado.

No entanto, muitos dos países na fronteira externa da Europa que são os principais pontos de entrada de refugiados no continente, como a Itália, Grécia e Espanha, pararam de aplicar a *Dublin Regulation* por não serem capazes de processar tantas aplicações por dia, além de não terem condições de se responsabilizarem por tantas vidas devido à falta de recursos causada pela crise econômica.<sup>175</sup>

Então, os refugiados têm liberdade para sair do país e, como já foi mencionado anteriormente, grande parte deles seguem para a Áustria, Alemanha e Suécia, que são os países menos atingidos pela recessão econômica na Europa e, conseqüentemente, mais ricos e com mais condições de receber refugiados do que os países fronteiriços do sul da Europa. Mas mesmo assim o número de refugiados

---

<sup>173</sup> REFUGEES and asylum seekers factsheet. **The Salvation Army**, c2015. Disponível em: <<http://hms.salvos.org.au/refugees-asylum-seekers-factsheet/>>. Acesso em: 27 out. 2015.

<sup>174</sup> PARK, Jeanne. Europe's migration crisis. **US Council of Foreign Relations**, Nova York, 23 set. 2015. Disponível em: < <http://www.cfr.org/migration/europes-migration-crisis/p32874>>. Acesso em: 27 out. 2015.

<sup>175</sup> Ibid.

nestes países ricos é muito alto, o que está sobrecarregando os sistemas sociais do país. Este fator, por sua vez, pode levar à indignação da população alemã, dando mais força para os partidos anti-imigração da extrema direita.

Por isso, a União Europeia concordou em “dividir” cerca de 120 mil refugiados entre si. Alemanha, França e outros aprovaram o plano, mas a decisão foi controversa entre a Hungria, Romênia, Eslováquia e República Tcheca, que votaram contra a distribuição. O primeiro ministro da Eslováquia, Robert Fico, declarou que enquanto ele for ministro, a Eslováquia não adotará quota alguma.<sup>176</sup>

Angela Merkel, chanceler da Alemanha, tem planos ambiciosos de tentar negociar e estabelecer quotas obrigatórias e permanentes aos países do bloco. De acordo com o jornal *The Guardian*, a Alemanha quer fazer um acordo com a Turquia para relocar uma parte de seus refugiados (cerca de 2,2 milhões) na própria União Europeia e, em troca, a Turquia deve manter os outros refugiados em acampamentos, evitando que eles tentem ir para a Europa.<sup>177</sup> Deve ser frustrante para a Turquia ter os países da UE querendo fazer acordos, mas mesmo assim eles não aceitam que a Turquia passe a fazer parte do bloco.

Uma boa solução para este problema seria dividir o número de refugiados entre países do mundo todo. O problema é que os países que mais têm condições para recebê-los, como Estados Unidos e Austrália, não são receptivos à ideia. O Brasil poderia se habilitar a receber mais refugiados, contanto que exista uma política de assistência e inclusão eficaz à estas pessoas, para que não aconteça com eles a mesma coisa que acontece com os imigrantes haitianos, que saem de um país completamente devastado para passar fome e serem marginalizados em outro.

Também é necessário criar mecanismos de proteção a estas pessoas, visto que o preconceito contra muçulmanos aumentou muito desde os ataques do 11 de setembro de 2001. A extrema direita ganha força no mundo todo e com ela surgem grupos racistas anti-imigração que se envolvem em protestos ou cujos integrantes são até mesmo capazes de matar outras pessoas. No Brasil, seis haitianos foram assassinados em agosto deste ano. Em outubro, outro haitiano foi morto a facadas

---

<sup>176</sup> EU reaches deal on disputed refugees quotas. **Al Jazeera**, Doha, 23 set. 2015. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/2015/09/eu-attempt-resolve-refugee-quota-dispute-150922044717786.html>>. Acesso em: 27 out. 2015.

<sup>177</sup> BAJEKAL, Naina. Germany will push for compulsory EU refugee quotas. **Time**, Nova York, 23 out. 2015. Disponível em: <<http://time.com/4084784/germany-eu-quotas-refugees/>> Acesso em: 27 out. 2015.

em Santa Catarina por ter tentado se defender dos ataques verbais de um grupo de 10 homens. Ambos os ataques foram motivados por razões xenofóbicas e racistas.

Tendo em vista a ascensão da extrema direita na Europa e alguns dos ataques a políticos pró-imigração na Alemanha, cabe analisar no próximo tópico quais os partidos vêm ganhando prominência no continente e qual o grau de aceitação e popularidade em seus respectivos países.

### 3.9 ASCENÇÃO DA EXTREMA DIRETA NA EUROPA

As nações mais afetadas pela crise são também as principais portas de entrada de refugiados na Europa. O objetivo destas pessoas, no entanto, é migrar para os países mais ricos que oferecem mais benefícios e uma melhor qualidade de vida. Mesmo que os países mais ricos tenham mais condições de dar assistência a refugiados, o grande número de migrantes nos países sobrecarregam os sistemas de serviços sociais e cria uma crise de identidade cultural entre parte da população nativa.

Nesta crise de identidade cultural, há o choque e a indignação quando o europeu vê pessoas com o tapete estendido orando na calçada porque a mesquita já está muito cheia. E cada vez há mais pessoas orando na calçada, então o europeu precisa mudar o seu percurso e atravessar a rua para andar do outro lado. São tantas pessoas praticando *aquela* religião que o europeu acredita que ela e seus praticantes destruirão os valores cristãos de seu país. São tantas pessoas com uma cor de pele diferente da sua. Com nomes diferentes. Idiomas estranhos sendo falados em toda parte da cidade.

O europeu sabe que o seu governo oferece assistência àquelas pessoas. Eles têm um lugar pra ficar, alimentação, recebem mensalmente uma determinada quantia em dinheiro e, alguns, mesmo que seja um número bem pequeno, possuem um emprego. O europeu diz que isto é uma afronta, porque o país precisa ajudar os seus nacionais primeiro, ainda mais nesta crise!

E então surge alguém com influência política que compartilha as mesmas ideias do nosso europeu e de muitos outros. Prezam pela valorização da cultura e nacionalidade daquele país, querem mandar aquelas pessoas de volta para o lugar que saíram, querem construir cercas e muros altos e extensos para não deixar que outros entrem.

Na República Tcheca, cerca de 5 mil pessoas participaram de protestos da extrema direita com temáticas anti-imigração e anti-islamismo ocorridos no dia 28 de outubro de 2015, também o dia que o país celebra sua independência do Império Austro-Húngaro.<sup>178</sup>

Os protestos foram organizados pelo partido *Úsvit - Národní Koalice* (Amanhecer – Coalizão Nacional), anti-imigração e eurosceticista<sup>179</sup> e um deles contou com a presença do líder alemão do grupo de extrema direita PEGIDA (Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes – Europeus Patriotas Contra a Islamização do Ocidente), Lutz Bachmann. Num dos discursos, o líder diz que “é mais importante que qualquer outra coisa que os patriotas da Europa se conectem e cooperem para lutar contra este problema.”<sup>180</sup>

Coincidentemente, as manifestações aconteceram uma semana depois que o alto-comissário dos direitos humanos das Nações Unidas acusou a República Tcheca de violar os direitos humanos no que se refere ao tratamento dos refugiados no país. O país só recebeu cerca de 800 pedidos de asilo esse ano, ao contrário da Alemanha, que prevê 800 mil pedidos até o final do ano.

Mesmo assim, o tratamento que o país concede aos imigrantes é considerado desumano, pois eles ficam presos por até três meses em centros de detenção, cada um pagando 10 dólares por dia à polícia tcheca para “cobrir o custo de suas detenções”, sujeitos a revistas íntimas diárias na frente das autoridades para terem seu dinheiro confiscado e também a abusos verbais. Os refugiados também têm seus celulares confiscados para não terem nenhum tipo de contato fora dos centros. O próprio Ministro da Justiça da República Tcheca afirma que as condições nestes centros de detenção são piores do que numa prisão.<sup>181</sup>

Na França, a líder do partido de extrema-direita Frente Nacional, Marine Le Pen, já citada neste trabalho, tem chances de ganhar as eleições presidenciais de

---

<sup>178</sup> CZECH Republic far-right demonstrations attract thousands. **Euronews**, Paris, 28 out. 2015. Disponível em: <<http://www.euronews.com/2015/10/28/czech-republic-far-right-demonstrations-attract-thousands/>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

<sup>179</sup> O euroceticismo é um movimento anti-integração da Europa, com o argumento de que a integração enfraquece o Estado-nação.

<sup>180</sup> CZECH Republic far-right demonstrations attract thousands. **Euronews**, Paris, 28 out. 2015. Disponível em: <<http://www.euronews.com/2015/10/28/czech-republic-far-right-demonstrations-attract-thousands/>>. Acesso em: 01 nov. 2015. Tradução nossa.

<sup>181</sup> GOLDMAN, Russell. U.N. Accuses Czech Republic of Violating Migrants' Rights. **The New York Times**, Nova York, 22 out. 2015. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2015/10/23/world/europe/united-nations-accuses-czech-republic-of-violating-refugees-rights.html>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

2017 no país de acordo com algumas fontes. Dentre elas está o membro do parlamento francês Malek Boutih, do Partido Socialista de François Hollande, atual presidente da França. Malek declarou que “[...] no atual estado das coisas, eu não vejo como Marine Le Pen não possa ganhar a eleição presidencial.”<sup>182</sup>

Na Dinamarca, segundo um artigo do *website* The Week, a extrema direita já faz parte do governo dinamarquês. O Partido do Povo Holandês tornou-se o segundo mais popular nas eleições de junho, diante de um ataque em Copenhagen no qual o filho de imigrantes palestinos matou duas pessoas e feriu cinco. Como resposta, a Dinamarca cortou os benefícios dos migrantes no país pela metade e colocou anúncios em países como o Líbano, avisando refugiados para não irem para a Dinamarca.

Na Suíça, o Partido do Povo Suíço, anti-imigração, recebeu a maior quantidade de votos na última eleição parlamentar do país: “O voto foi claro. A população está preocupada com a imigração em massa”<sup>183</sup>, disse o líder do partido Toni Brunner. Com a eleição, o partido ganhou mais 11 assentos no Parlamento, ocupando 65 de um total de 200. Segundo as palavras do artigo do jornal Newsweek, “foi o melhor resultado de qualquer partido no último século.”<sup>184</sup>

Um dos líderes do partido que se opõe à entrada da Suíça na União Europeia, Christoph Blocher, afirma que a crise de refugiados têm mostrado à Europa que o acordo Schengen, que promove o livre movimento de pessoas entre as partes contratantes (do qual a própria Suíça faz parte), não funciona.<sup>185</sup>

Na Suécia, apesar do acolhimento aos refugiados por parte da população local e suas políticas imigratórias progressistas, a extrema direita também tem adquirido proporção no país escandinavo. Recentemente, a popularidade do partido dos Democratas da Suécia subiu nas pesquisas de opinião. O partido tem raízes neo-fascistas e conseqüentemente é fortemente anti-imigração. A mensagem do

<sup>182</sup> VINOUCUR, Nicholas. French Socialist MP predicts Le Pen presidency. **Politico**, 26 out. 2015. Disponível em: <<http://www.politico.eu/article/french-socialist-predicts-le-pen-presidency-france-elections-boutih/>>. Acesso em: 01 nov. 2015. Tradução nossa.

<sup>183</sup> SWITZERLAND swings to right, as anti-immigration party wins election. **Newsweek**, Nova York, 18 out. 2015. Disponível em: <<http://www.newsweek.com/switzerland-swings-right-election-384575>>. Acesso em: 01 nov. 2015. Tradução nossa.

<sup>184</sup> Ibid.

<sup>185</sup> ATKINS, Ralph. Swiss far-right gains in election overshadowed by migrant crisis. **The Financial Times**, Nova York, 19 out. 2015. Disponível em: <<http://www.ft.com/cms/s/0/e2880e94-75a9-11e5-a95a-27d368e1ddf7.html#axzz3qGtdRpdW>> Acesso em 01: nov. 2015.



partido é clara: “aqueles no caminho à Suécia devem permanecer lá fora. Muitos daqueles que já estão aqui devem voltar para casa.”<sup>186</sup>

Há pouco tempo, escolas que foram convertidas em abrigos para refugiados foram queimadas.<sup>187</sup> No mês de outubro, na cidade de Trollhattan, um homem que a polícia acredita ter afiliações com a extrema direita e com ideias neonazistas, invadiu uma escola e matou um professor e um aluno, além de ferir outros. Nenhuma das pessoas atacadas eram brancas. A seguinte declaração<sup>188</sup> foi dada por um comandante da polícia a um serviço público de rádio da Suécia:

Nós estamos convencidos que o ataque foi motivado por razões racistas quando ele cometeu o ato... Nós chegamos à essa conclusão baseado no que encontramos quando revistamos o apartamento dele e [analisamos] seu comportamento durante o ato, e também com base em como ele selecionou suas vítimas.

Na Áustria, apesar de o partido ter perdido as eleições para escolher a governança de Viena, capital do país, é evidente que o Partido da Liberdade teve uma maior popularidade e o resultado das eleições foi o mais alto para o partido até agora. O partido é liderado por Heinz-Christian Strache, que defende a construção de um muro nas fronteiras do país para conter o fluxo de refugiados. O político afirmou que “nós [os austríacos] temos uma cultura cristã, e queremos manter uma cultura cristã para nossas crianças.”<sup>189</sup> Strache e seu partido ainda afirmam que o fluxo de refugiados é uma porta de entrada para criminosos e terroristas.

Na Holanda, o líder da extrema direita Geert Wilders se opõe a qualquer medida que vise oferecer ajuda a refugiados. Conforme destacou o jornal *The Washington Post*, durante um discurso ao parlamento holandês, Wilders chamou a atenção para um “*tsunami* de asilo islâmico”, chamando os refugiados de “bombas de testosterona” que “ameaçam nossas meninas”. Políticas recentes mostram ainda

<sup>186</sup> WITTE, Griff. Behind Sweden’s warm welcome for refugees, a backlash is brewing. **The Washington Post**, Washington D.C., 19 out. 2015. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/world/europe/behind-swedens-warm-welcome-for-refugees-a-backlash-is-brewing/2015/10/17/b5f4110c-661d-11e5-bdb6-6861f4521205\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/europe/behind-swedens-warm-welcome-for-refugees-a-backlash-is-brewing/2015/10/17/b5f4110c-661d-11e5-bdb6-6861f4521205_story.html)>. Acesso em: 01 nov. 2015.

<sup>187</sup> THIRD refugee shelter burned down in Sweden in 6 days. **RT**, Moscou, 18 out. 2015. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/318996-sweden-refugee-center-fire/>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

<sup>188</sup> FAR-RIGHT believer killed one student and a teacher in Sweden. **NewEurope**, Bruxelas, 23 out. 2015. Disponível em: <<http://neurope.eu/article/far-right-believer-killed-one-student-and-a-teacher-in-sweden/>>. Acesso em: 01 nov. 2015. Tradução nossa.

<sup>189</sup> THAROOR, Ishaan. Europe’s refugee crisis strengthen far-right parties. **The Washington Post**, Washington D.C., 13 out. 2015. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2015/10/13/europes-refugee-crisis-strengthens-far-right-parties/>>. Acesso em: 01 nov. 2015. Tradução nossa.

que o partido de Geert Wilders pode ganhar um grande número de assentos no parlamento do país.<sup>190</sup>

Na Polônia, em consonância com o jornal EU Observer, o homem que pode ser o próximo Primeiro Ministro do país acusa os refugiados de levarem cólera e parasitas para a Europa. Jarosław Kaczyński é membro do partido de direita e nacional-conservador Lei e Justiça que, apesar de não ser um partido de extrema direita, evidentemente passa uma mensagem preconceituosa que propaga ideias anti-imigração:

Também é uma questão para o ministro da saúde. Já existem sinais da emergência de doenças muito perigosas que não têm sido vistas na Europa por muito tempo: cólera nas ilhas gregas, disenteria em Viena, vários tipos de parasitas, protozoários, que não são perigosos para os organismos destas pessoas [refugiados do Oriente Médio], mas que podem ser perigosos aqui. Não é para discriminar ninguém. Mas nós precisamos averiguar.<sup>191</sup>

Entretanto, a popularidade da extrema direita não é tão grande na Europa. Porém, cada vez mais, os partidos que possuem esta ideologia reforçam mais e mais seus discursos nacionalistas e racistas que perpetuam o ódio e o preconceito contra refugiados, principalmente os que são adeptos do Islamismo.

Este tópico do capítulo evidenciou com coerência a ascensão de partidos de extrema direita na Europa. Se eles se tornarem mais populares no futuro, só o tempo pode dizer. O fato é que as ondas de movimentos nacionalistas impulsionadas pela força destes partidos podem ser uma ameaça à segurança dos refugiados futuramente.

### 3.10 A EUROPA E OS REFUGIADOS

Por ser o continente mais devastado pelas guerras e para impedir que outra guerra eclodisse, a Europa foi capaz de promover um processo de integração invejável e até hoje caracteriza-se como o bloco mais avançado em termos de integração. Muitos acreditam que o futuro do bloco seja tornar-se uma federação, embora a ideia seja muito contestada dentro da União Europeia por pessoas que não querem que seus países percam sua soberania.

---

<sup>190</sup> THAROOR, loc. cit.

<sup>191</sup> RETTMAN, Andrew. Poland: Election talk on migrant 'protozoas' gets ugly. **EU Observer**, Bruxelas, 14 out. 2015. Disponível em: <<https://euobserver.com/political/130672>>. Acesso em: 01 nov. 2015. Tradução nossa.

No entanto, ao mesmo tempo que a integração traz benefícios, ela também traz desafios. A mais recente crise econômica foi iniciada nos Estados Unidos, um fruto da ganância dos grandes bancos e seus dirigentes. Dentre todos os continentes do mundo, além das Américas, a Europa foi um dos mais afetados pela crise. Os países do sul europeu foram os que mais sentiram os efeitos dela, como Portugal, Espanha, Itália e principalmente a Grécia.

Dentre estes países, a Grécia é a principal porta de entrada de refugiados do Oriente Médio e de outros lugares da África na Europa, que estão fugindo da miséria e de conflitos envolvendo o governo de um país e seus cidadãos e de conflitos com o Estado Islâmico, um grupo terrorista que é completamente contra a presença do Ocidente no Oriente Médio.

Enquanto muitos europeus são bem receptivos e tratam refugiados como se fossem alguém da família, outros acreditam que a presença de tantos refugiados na Europa só vai piorar ainda mais a situação sócioeconômica do continente afetado pela crise. Alguns países possuem altas taxas de desemprego e não conseguem garantir o suficiente para seus próprios cidadãos.

Mesmos nos países que não foram tão afetados pela crise financeira, como a Alemanha, o grande número de refugiados no país está sobrecarregando os sistemas sociais do país. A mera presença dos refugiados na Alemanha e no resto da Europa, especialmente os que são muçulmanos, é suficiente para causar o desgosto de uma parte da população. Os muçulmanos passaram a sofrer muito preconceito após os ataques de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos.

Esta aversão aos muçulmanos é chamada de islamofobia. Vários países na Europa tiveram manifestações e posicionamentos islamofóbicos. Vale a pena citar as manifestações do grupo PEGIDA, em Dresden, na Alemanha, que reuniram milhares de pessoas. O próprio nome do grupo tenta alertar sobre a “islamização” da Europa.

Percebe-se que a parte da população descontente apresenta características nacionalistas, em que o grupo se revolta contra seu Estado por admitir refugiados no país, exaltando não só sua nacionalidade em detrimento da nacionalidade do refugiado mas também sua etnia e religião.

Estes grupos também pertencem à extrema direita. Uma das fortes características desta ideologia é a xenofobia, a aversão à presença de imigrantes em seus países. Alguns partidos políticos da extrema direita têm ganhado relevância

na Europa por conta da migração descontrolada de refugiados para o continente. Os líderes destes partidos posicionam-se fortemente contra a política de distribuição de refugiados entre os países europeus para amenizar a situação de países onde o número destes imigrantes é muito elevado.

Além disto, demonstrações de violência como incêndios criminosos em centros que estão quase prontos para receberem refugiados estão se tornando comum. Recentemente, na Suécia, um jovem que de acordo com a polícia tinha inclinações à extrema direita invadiu uma escola e matou duas pessoas que não eram suecas ou brancas.

Para determinarmos se estes países terão força o suficiente para governar os países na Europa no futuro, é preciso esperar as próximas eleições para ter certeza. Mas só o fato de eles terem recebido uma maior aprovação este ano em comparação com os anos anteriores já é algo preocupante.

## 4 CAPÍTULO III – A ATUAÇÃO DA ONU NA CRISE DE REFUGIADOS NO ORIENTE MÉDIO E O SISTEMA INTERNACIONAL

A primeira parte do capítulo tem o objetivo de analisar a atuação da ACNUR no Oriente Médio, uma agência especializada das Organizações das Nações Unidas criada em 1950 pela Assembleia Geral da ONU com o propósito de prestar assistência, proteger os direitos e garantir o bem-estar dos refugiados. Um dos maiores problemas enfrentados pela ACNUR atualmente é a falta de dinheiro que afeta outras agências especializadas da ONU, entre elas o Programa Alimentar Mundial (World Food Program) que também colabora na assistência a refugiados.

O segundo tópico debaterá a concepção de que o sistema internacional atual faz parte de uma ordem cosmopolita através da atuação da ONU, União Europeia, Tribunal Penal Internacional, e também através da eficiência da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

### 4.1 A ONU NA CRISE DE REFUGIADOS

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), também conhecido como Agência da ONU para Refugiados, “tem a ordem de dirigir e coordenar a ação internacional para proteger e ajudar as pessoas deslocadas em todo o mundo e encontrar soluções duradouras para elas.”<sup>192</sup> A agência está presente em 123 países e conta com um quadro de funcionários de aproximadamente 9300 pessoas.

Quando uma pessoa não consegue ter garantias de segurança em seu país de origem devido à perseguições políticas ou violência generalizada, entre outras razões, esta pessoa se vê obrigada a buscar proteção internacional. É o que as pessoas que estão migrando do Oriente Médio para a Europa estão fazendo. A ACNUR existe para garantir este direito a qualquer cidadão do mundo, para que ele possa exercer seu direito de buscar refúgio em outro país.

De acordo com a agência, ela não tem o objetivo de tornar-se supranacional ou substituir a proteção dada por países aos refugiados presentes naquele território, mas sim de averiguar se os países estão agindo conforme suas obrigações de protegerem os refugiados e tratá-los como qualquer outro estrangeiro que vive

---

<sup>192</sup> O ACNUR. **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**, c2015. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/o-acnur/>> Acesso em: 04 nov. 2015.

legalmente nos países, especialmente garantindo os direitos fundamentais que todos os seres humanos possuem. Logo, as nações que recebem refugiados não devem forçá-los a retornar a seus países de origem. E também devem permitir que pelo menos o cônjuge e os filhos dependentes da pessoa a quem a proteção temporária ou refúgio foi concedida possam se juntar a ela.<sup>193</sup>

Contudo, quando a situação envolve fluxos massivos de refugiados, os países que os recebem podem se ver obrigados a restringir direitos como a liberdade de circulação, garantia ao trabalho a refugiados adultos ou educação para seus filhos devido à condições sócio-econômicas ruins, ou como no caso da Alemanha, sobrecarregadas.

E quando não restarem mais recursos nestes países, cabe à ACNUR oferecer assistência aos refugiados na forma de doações financeiras, alimentação, materiais sanitários, entre outros, ou até mesmo financiando programas que criam escolas e centros de saúde principalmente para os refugiados que vivem em acampamentos na zona rural.

Para Corinne Lewis, num trecho de sua obra datada de 2012, apesar dos esforços da ACNUR, a União Europeia está limitando os direitos dos refugiados no bloco:

Desenvolvimentos recentes nos padrões regionais de leis sobre refugiados na União Europeia atestam ao fato que os países estão mais interessados em limitar os direitos dos refugiados. A ACNUR inicialmente deu boas vindas à importante iniciativa da União Europeia de harmonizar leis de asilo como uma oportunidade de ter uma proteção similar, elaborada e, era esperado, de alto nível para os refugiados. Contudo, conforme o processo continuava, a ACNUR, organizações não-governamentais e outros, preocupados com os refugiados, ficaram mais e mais alarmados pela propensão em adotar padrões que harmonizavam as leis dos Estados Membros no “denominador comum mais baixo” e que garantia brechas, as quais permitiam aos Estados não aplicar provisões substanciais.<sup>194</sup>

Mesmo que Lewis tenha escrito o livro há três anos, é perceptível como alguns países da União Europeia realmente limitam os direitos dos refugiados. Em alguns casos, como na República Tcheca, os refugiados chegam a ser tratados em

---

<sup>193</sup> Perguntas e respostas. **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**, c2015. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/informacao-geral/perguntas-e-respostas/>> Acesso em: 04 nov. 2015.

<sup>194</sup> LEWIS, Corinne. **UNHCR and International Refugee Law: From Treaties to Innovation**. 1. ed. Londres: Editora Routledge, 2012, p. 30. Tradução nossa.

condições sub humanas, de acordo com o próprio Primeiro Ministro do país (ver capítulo II).

Para o Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados, António Guterres, o mundo demorou demais para dar atenção à crise de refugiados. Em setembro de 2015, o chefe da ACNUR deu uma entrevista à Reuters num encontro da Assembleia Geral da ONU e declarou:

Infelizmente somente quando os pobres entram nos salões dos ricos é que os ricos percebem que os pobres existem.

Até termos este movimento massivo para a Europa, não havia reconhecimento algum no mundo desenvolvido do quão séria era esta crise. Se, no passado déssemos um grande apoio e proteção aos países no mundo em desenvolvimento, isto não teria acontecido. Os refugiados estão vivendo cada vez mais de maneira pior. Eles não estão permitidos a trabalhar e a grande maioria deles vive abaixo da linha da pobreza. Está mais e mais difícil para eles ter alguma esperança no futuro.

Sem a paz na Síria e sem um enorme apoio aos países vizinhos, nós corremos um risco de um êxodo massivo de refugiados da Turquia, Jordânia e Líbano. [...] Uma das razões pelas quais os refugiados começaram a se movimentar em grandes números é porque a assistência internacional diminuiu.<sup>195</sup>

No mesmo encontro, o Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, pediu à Hungria que respeitasse os direitos humanos dos refugiados e migrantes. O líder da organização declarou que entende os problemas enfrentados pela Hungria mas reforçou a importância no respeito aos direitos humanos,<sup>196</sup> visto que o país construiu uma cerca na divisa com a Sérvia para conter os imigrantes que tentavam entrar na Hungria, além de ser acusada de atirar gás lacrimogênio e jatos de água contra aqueles que tentavam cruzar a fronteira.

Em conformidade com o jornal inglês The Guardian, as agências humanitárias da ONU estão à beira da falência e incapazes de contribuir com as necessidades de milhões de pessoas devido à grande proporção da crise de refugiados na África, Oriente Médio e Europa.<sup>197</sup>

<sup>195</sup> REFUGEE crisis: UN says world took too long to respond. **CBC News**, Ottawa, 26 set. 2015.. Disponível em: <<http://www.cbc.ca/news/world/united-nations-refugee-crisis-1.3245508>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

<sup>196</sup> Ibid.

<sup>197</sup> GRANT, Harriet. UN agencies 'broke and failing' in face of ever-growing refugee crisis. **The Guardian**, Londres, 06 set. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/refugee-crisis-un-agencies-broke-failing>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

Numa entrevista com o *The Guardian*, o líder da ACNUR, Antonio Guterres, disse:

Os orçamentos não podem ser comparados com o crescimento na necessidade [de assistência]. Nossa renda em 2015 será aproximadamente 10% menor do que em 2014. A comunidade humanitária global não está enfraquecida – como um todo, ela está mais eficiente do que nunca. Mas nós estamos financeiramente quebrados. Nós sabemos que não estamos fazendo o suficiente, nós estamos falhando [em garantir] as necessidades básicas das pessoas.

A situação está além de irreparável. Se você olhar para o número de crianças que verão suas vidas serem impactadas dramaticamente pela desnutrição e falta de apoio psicossocial, você verá que isto já está acontecendo.<sup>198</sup>

Nos últimos meses a ONU foi obrigada a enviar uma quantidade bem menor de alimentos para refugiados sírios na Jordânia e Líbano e também para refugiados da Somália e Sudão que estão no Quênia; refugiados em Chad foram avisados que a comida nos campos, já limitada, acabará completamente no fim do ano.<sup>199</sup>

Serviços de saúde financiados pela ONU e Organização Mundial da Saúde (OMS) no Iraque também foram fechados, deixando milhares de refugiados sem assistência médica. A OMS está tentando arrecadar 60 milhões de dólares para financiar os centros no Iraque, mas até o mês de setembro a organização só conseguiu 5.1 milhões de dólares.<sup>200</sup>

Muitos fundos de ajuda humanitária no mundo não passam de 20, 30 milhões de dólares. No entanto, os pacotes de ajuda financeira aos países em crise da União Europeia são mais do que o dobro disto. Mas quando o assunto é ajudar os necessitados, ninguém tem dinheiro o suficiente.<sup>201</sup>

O Programa Alimentar Mundial (World Food Program – WFP), uma agência da ONU que fornece auxílio alimentar promoveu cortes na alimentação de 1,6 milhões de refugiados sírios. Uma população mais vulnerável localizada no Líbano tem somente 13 dólares para gastar com alimentação durante o mês inteiro. Segundo a agência, a situação faz com que os refugiados se tornem vulneráveis e podem ser facilmente convencidos não só a se juntarem a grupos extremistas como

---

<sup>198</sup> GRANT, loc cit. Tradução nossa.

<sup>199</sup> Ibid.

<sup>200</sup> Ibid.

<sup>201</sup> Ibid.



o Estado Islâmico, mas também a voltar para a Síria ou pagar um traficante para levá-los à Europa.<sup>202</sup>

Logo, é possível concluir que a grande migração de refugiados da Europa é influenciada não só pelos conflitos na região, mas também pela diminuição na assistência alimentar e médica oferecida pela ACNUR, OMS e demais agências especializadas da ONU. Se a situação dos refugiados que ainda estão no Oriente Médio piorar, a entrada descontrolada de refugiados na Europa só tende a aumentar.

Levando em conta a situação atual das Organizações das Nações Unidas, o próximo tópico analisará a eficiência da Declaração Universal dos Direitos Humanos que foi elaborada pela própria ONU, além de investigar se a Declaração, a ONU e outras instituições internacionais fazem parte de uma ordem cosmopolita.

#### 4.2 INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS, DIREITO INTERNACIONAL E COSMOPOLITISMO

Em uma segunda tentativa de estabelecer uma ordem internacional mais pacífica, a ONU foi criada com a intenção de prevenir que mais conflitos sangrentos como a Primeira e Segunda Guerra Mundial acontecessem novamente. Para tanto, tratados multilaterais (compostos por várias partes contratantes) podem ser negociados, assinados e ratificados no âmbito da Assembleia Geral das Nações Unidas, órgão do qual todos os 193 membros da organização fazem parte.

Um dos principais objetivos da ONU é desenvolver o Direito Internacional, que é definido pelas responsabilidades dos Estados no seu relacionamento uns com os outros e no tratamento de indivíduos. É uma “lei entre Estados” que lida com assuntos como os direitos humanos, crime internacional, desarmamento, migração, refugiados, uso da força, tratamento de prisioneiros, o direito do mar, meio ambiente, entre outros. Todos estes assuntos têm uma capacidade de alcance global porque envolvem o mundo todo.

Apesar de representar a lei entre Estados, o Direito Internacional é confundido com um direito supranacional do sistema internacional. Assim, como no estado de natureza, o indivíduo decide transferir a sua liberdade ilimitada para uma autoridade soberana para que em troca ele possa ter segurança, um direito supranacional seria

---

<sup>202</sup> GRANT, loc cit. Tradução nossa.

um esquema de leis criadas para coordenar a relação entre os Estados e seus indivíduos uns com os outros. Mais do que do uma lei entre Estados, é uma lei que está acima deles. Pressupõe-se que a aceitação a essas regras seja automática.

Em consonância com Immanuel Kant, a anarquia do sistema internacional e o “direito do mais forte” estabelecidos na Paz de Westphalia em 1648, deveriam ser superados através da “extensão do republicanismo para as relações internacionais”,<sup>203</sup> por ele ser a melhor forma de governo que facilita a auto-determinação individual e coletiva, o que teria o poder de garantir a liberdade e autonomia dos cidadãos.<sup>204</sup>

Assim, deveria ser estabelecida uma entidade republicana supranacional para supervisionar e regular a relação entre os Estados, além de criar uma lei universal, cosmopolitana, que definiria os direitos e obrigações de todas as pessoas sem distinção por etnia ou nacionalidade. Esta é a ideia principal do cosmopolitismo, uma teoria das relações internacionais já citada no primeiro capítulo. No âmbito desta teoria, a nacionalidade de um indivíduo não é levada em conta porque antes de ele ser brasileiro ele é considerado um habitante da Terra. Todos somos habitantes da Terra, logo, somos todos iguais.

Portanto, se temos uma Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>205</sup> que envolve todos as pessoas do mundo, o sistema internacional atual é um sistema cosmopolita? E considerando o estabelecimento da ONU, uma organização revolucionária que permite que os países relacionem-se cordialmente entre si após séculos de guerras sangrentas entre Estados, seria ela uma instituição também pertencente a uma ordem cosmopolita?

Também é importante mencionar a criação do Tribunal Penal Internacional, que julga indivíduos acusados de cometer crimes sérios como genocídio e crimes contra a humanidade. 123 países são signatários do Tratado de Roma, o instrumento que criou a organização. O órgão é uma entidade independente, que não faz parte das Organizações das Nações Unidas e é utilizado em última

---

<sup>203</sup> WOLIN, Richard. **The idea of cosmopolitanism: from Kant to the Iraq War and beyond**. Ethics & Global Politics Journal. Nova York: Editora Co-Action, 2010. p. 144. Tradução nossa.

<sup>204</sup> Ibid.

<sup>205</sup> United Nations Declaration of Human Rights. **United Nations**, c2015. Disponível em: <<http://www.un.org/en/documents/udhr/>>. Acesso em 07 nov. 2015.

instância. O TPI não julga pessoas que já estão sendo julgadas pela jurisdição nacional de seu país, exceto se for comprovado que o julgamento não é genuíno.<sup>206</sup>

Apesar da Declaração Universal dos Direitos Humanos ter sido adotada por 48 do total dos membros da Assembleia Geral da ONU em 1948, com nenhuma oposição e apenas 8 abstenções, o documento não tem força de lei. Embora a lei seja destinada para todos os seres humanos, muitas pessoas são perseguidas por seus Estados diariamente. Um ponto importante destacado por Aristoteles Constantinides refere-se à relação do Estado com a Declaração:

Muitos também discutem que o Estado não representa mais tanta ameaça aos direitos humanos. Ao invés disso, os processos de militarismo, reestruturação econômica, comércio e liberalização financeira são considerados as causas primárias dos abusos de direitos humanos. [...] O corpo dos direitos humanos desconsidera abusos [causados] por instituições e/ou grupos que têm ganhado um poder político e financeiro imenso devido ao processo da globalização. A exploração de indivíduos, povos e recursos naturais pelas multinacionais atualmente não estão dentro do alcance da lei internacional de direitos humanos, porque é altamente considerado que eles não são afetados por uma estrutura estatal.<sup>207</sup>

Portanto, a Declaração Universal dos Direitos Humanos faz parte de uma ordem cosmopolita em síntese ao incluir em seu escopo todos os seres humanos do mundo, mas por não ser vinculativa, sua aplicabilidade não é eficaz.

Muitos consideram a ONU e a União Europeia exemplos de uma ordem cosmopolita. A ONU, contudo, não é uma instituição supranacional. Uma organização não pode ter poderes superiores aos de um Estado quando ela é formada pelos mesmos. Qualquer decisão a ser tomada depende da aprovação dos países; cada país antes de aceitar qualquer acordo deve primeiro ter o tratado aprovado em âmbito interno. A organização está sujeita à soberania de seus membros; promove negociações entre Estados. Logo, a ONU não é fruto de uma ordem cosmopolita por não possuir o caráter da supranacionalidade.

A função do Conselho de Segurança, órgão da ONU, é de agir em defesa da comunidade internacional quando algum evento representa uma ameaça à paz e segurança internacional. É uma concepção comum a ideia de que o órgão pode intervir em qualquer país que ameace o sistema, mas as próprias soberanias que

<sup>206</sup> ICC at a glance. **International Criminal Court**, c2015. Disponível em: <[https://www.icc-cpi.int/en\\_menus/icc/about%20the%20court/icc%20at%20a%20glance/Pages/icc%20at%20a%20glance.aspx](https://www.icc-cpi.int/en_menus/icc/about%20the%20court/icc%20at%20a%20glance/Pages/icc%20at%20a%20glance.aspx)> Acesso em 07 nov. 2015.>

<sup>207</sup> CONSTANTINIDES, Aristoteles. **Questioning the Universal Relevance of the Universal Declaration of Human Rights**. 1. ed. Nicosia: University of Cyprus, 2008. pp. 10-11.

fazem parte do Conselho de Segurança dificultam a atuação do órgão e colocam em risco a sua eficácia, principalmente pelas divergências entre Estados Unidos e Rússia, dois dos cinco membros permanentes do Conselho que têm poder de veto nas votações.

A União Europeia possui um parlamento onde as regras, quando aprovadas, passam a ter efeito em todos os países do bloco. Porém, cada um dos 751 membros<sup>208</sup> representa os interesses dos 28 países da União e agirão de acordo com as prioridades de seus próprios Estados.

Até mesmo a união econômica e monetária do bloco, apesar de obrigar que todos os membros adotem o euro como moeda<sup>209</sup>, abriram uma exceção para a Dinamarca e Reino Unido pois eles não tinham interesse em aceitar a medida. Isto mostra como a UE não consegue ser mais forte que as soberanias de alguns dos membros mais poderosos do bloco.

Já o Tribunal Penal Internacional, que julga indivíduos que cometeram sérios crimes internacionais se eles não estiverem sendo julgados por seus próprios Estados ou se for comprovado que o Estado não esteja conduzindo o julgamento honestamente, também não pode ser uma instituição supranacional de característica cosmopolita porque o órgão apresenta o princípio de complementaridade.<sup>210</sup>

Neste princípio, a prioridade de julgamento é dada ao Estado nacional do acusado. O TPI não tem a intenção de julgar alguém sem o consentimento do Estado ao qual o indivíduo faz parte. E, também, se este Estado se recusar a entregar a pessoa ao Tribunal, não existe a menor chance de um julgamento internacional tomar forma.

Em vista disto, é válido estabelecer que nenhuma das organizações e regimes aqui analisados, sendo eles a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Organização das Nações Unidas, o Conselho de Segurança (órgão da ONU), a União Europeia e o Tribunal Penal Internacional pertencem a uma ordem cosmopolita, mas sim ao sistema internacional que conhecemos, que privilegia a

<sup>208</sup> EUROPEAN Parliament MEPs. **Europarl**, c2015. Disponível em: <<http://www.europarl.europa.eu/meps/en/map.html>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

<sup>209</sup> WHO can join and when? **European Commission**, c2015. Disponível em: <[http://ec.europa.eu/economy\\_finance/euro/adoption/who\\_can\\_join/index\\_en.htm](http://ec.europa.eu/economy_finance/euro/adoption/who_can_join/index_en.htm)>. Acesso em: 07 nov. 2015.

<sup>210</sup> UNDERSTANDING the International Criminal Court. **International Criminal Court**, c2015. Disponível em: <<https://www.icc-cpi.int/iccdocs/PIDS/publications/UICCEng.pdf>> Acesso em: 07 nov. 2015.

anarquia mas ao mesmo tempo faz com que os Estados tentem se valer de uma proteção mútua através da criação de acordos.

Esta conclusão preliminar vale-se das ideias que em 3 dos 5 objetos de análise, as organizações dependem da negociação entre Estados, o que representa uma das características do Direito Internacional. A Declaração Universal dos Direitos Humanos não é vinculativa, logo não tem poder nenhum sobre os Estados. E o TPI é somente um órgão complementar, não pode julgar um indivíduo à força sem o consentimento de seu Estado.

O cosmopolitismo, no sentido de estabelecer uma entidade supranacional para regular as relações entre os Estados, é uma concepção excelente que visa a paz entre as nações e o bem comum da humanidade, mas é limitada pela soberania estatal que ainda é forte.

Os Estados não são tão evoluídos para desistirem da anarquia e transferirem suas soberanias para um ator mais forte que eles, o que não significa que o cosmopolitismo nunca existirá ou que a soberania nunca deixará de ser importante, pois o processo atual de globalização é capaz de apresentar situações e problemas que fogem completamente do poder da soberania de qualquer país.

#### 4.3 A COMUNIDADE INTERNACIONAL E A QUESTÃO DOS REFUGIADOS

Apesar de alguns países europeus facilitarem a entrada de refugiados em seus países, como na Alemanha, outros dificultam até mesmo o trânsito das pessoas pelo território, como a República Tcheca. É de comum acordo entre alguns autores que a União Europeia “harmonizou” as leis de refúgio no bloco para dificultar a entrada e permanência dos refugiados.

Quando os países que não têm condições de dar assistência a tantos estrangeiros, mesmo já tendo recorrido à comunidade internacional por ajuda, a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) trabalha para ajudar estes países. Entretanto, devido ao fato de que a arrecadação financeira da ONU diminuiu, todas as suas agências sofrerão cortes em seus orçamentos. Há assentamentos de refugiados ainda no Oriente Médio que já fazem racionamento de comida.

Para o Alto Comissário da ACNUR, a comunidade internacional demorou demais para notar a situação do Oriente Médio e do continente africano. Isto só aconteceu quando os refugiados chegaram na Europa. O Oriente Médio e a África possuem altos números de refugiados que estão indo embora diariamente para a

Europa. A falta de assistência na região, seja pelas agências da ONU que não têm dinheiro o suficiente, seja pela comunidade internacional, aumentará ainda mais o fluxo de refugiados entrando na Europa.

A existência da ONU era algo inimaginável um século atrás. Poucos anos após uma guerra devastadora, a organização permitiu que países anteriormente inimigos tivessem uma relação cordial entre si. Por ser compostas de países, existe a concepção de que a ONU é uma unidade federativa que representa todos os povos, algo proposto pela teoria cosmopolita que visa a criação de uma entidade supranacional que coloque um fim na anarquia do sistema internacional e crie uma lei universal dos seres humanos, tal qual a Declaração Universal dos Direitos Humanos que é aplicável a todos.

No entanto, nem a ONU e nem as outras instituições analisadas (União Europeia, Tribunal Penal Internacional, etc) possuem supranacionalidade. Umas são frutos do relacionamento entre países, outras apresentam uma função de complementaridade, outras não são vinculativas. Assim, cabe afirmar que ao contrário do que é defendido por alguns autores, não estamos inseridos num sistema internacional cosmopolita, mas sim num sistema internacional de ordem unimultipolar, com a presença de uma superpotência (Estados Unidos) e outras potências menores. Os Estados ainda não estão prontos para se sujeitarem a um órgão supranacional.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do planejamento do tema da monografia, no começo de 2015, não era esperado que o mesmo ganhasse tanta repercussão nos noticiários do mundo todo. O fluxo de entrada de refugiados do Oriente Médio na Europa começou a aumentar ainda mais no segundo semestre.

Agora, o assunto ganhou força no mundo todo e diariamente são divulgadas notícias sobre refugiados, sejam elas para anunciar quantos deles chegaram ao continente esta semana, ou infelizmente, quantas pessoas se afogaram quando a embarcação ou bote cheios de refugiados afundou no caminho à Europa.

O número de pessoas da África e do Oriente Médio que entraram ilegalmente na Europa este ano difere, dependendo da fonte analisada. Algumas fontes afirmam que foram 350 mil, outras dizem que são mais de 700 mil. Dentro destes números existem refugiados fugindo de conflitos, miséria extrema e perseguição política e existem também migrantes econômicos (não menos dignos), que querem ter uma condição de vida melhor na Europa. Este trabalho deu mais atenção aos refugiados do que aos migrantes econômicos, justamente pelo fato de que os refugiados do Oriente Médio, de origem árabe, são as principais vítimas do nacionalismo europeu.

Sabia-se que havia uma possibilidade que o fluxo migratório faria com que os movimentos nacionalistas ganhassem força, visto que a Europa não se recuperou totalmente da crise financeira de 2008. O problema, porém, vai mais além de simplesmente não querer receber o outro porque o meu país está com pouco dinheiro; logo, é necessário priorizar os nacionais do meu país ao invés de priorizar *eles*.

A princípio, foi discutido se o fenômeno nacionalista europeu poderia ser chamado definitivamente de nacionalismo, e não patriotismo. As definições são inúmeras, e as divergências também. Às vezes a definição de um parecia com o outro. Quando o conceito finalmente parecia claro, algum autor explicava-o de maneira completamente diferente. Foi estabelecido, então, que o patriotismo é um amor saudável à pátria; é simbolizado quando o Brasil ganha a copa do mundo e o brasileiro diz que tem orgulho do Brasil, que ama seu país.

O nacionalismo também pode ser caracterizado como o amor à pátria, mas o sentimento nacionalista geralmente nasce com o surgimento de um problema e ele

pode incitar a violência. Ele é representado por um grupo de brasileiros que atiram em imigrantes haitianos porque eles “irão roubar nossos empregos”.

Observou-se que o fenômeno europeu realmente é um fruto do nacionalismo e não do simples patriotismo. No continente, o nacionalismo é caracterizado pelos europeus que não querem que seus respectivos países concedam refúgio às pessoas fugindo da guerra porque não há recursos suficientes para tal, ou porque a religião e etnia delas é prejudicial aos valores cristãos e ocidentais.

Coube em seguida definir qual o tipo de nacionalismo presente na Europa com relação à crise de refugiados, visto que existem vários nacionalismos como o nacionalismo de esquerda, expansionista, anti-colonial, cívico, étnico e ultranacionalista, todos apresentados no primeiro capítulo. Para tanto, foi necessário analisar as posições de alguns países da União Europeia a respeito da crise.

Na Alemanha, a chanceler Angela Merkel não era favorável à entrada de refugiados no país, mas após ser criticada globalmente por suas atitudes, foi decidido que os refugiados sírios seriam bem-vindos na Alemanha e, devido ao pleno reconhecimento de seu status de refugiados, poderiam gozar de todos os seus direitos como tal como ter a garantia de poder ficar no país por pelo menos 3 anos, poder trazer suas famílias junto deles e receber uma boa assistência financeira.

A maioria dos alemães foram muito receptivos, mas nos últimos meses aumentou a ocorrência de ataques a abrigos de refugiados e a políticos pró-imigração. Este ano, dois políticos foram feridos a facadas, e nas últimas semanas um homem atirou uma bomba dentro de um apartamento onde vive uma família refugiada. Felizmente, as vítimas só tiveram ferimentos leves. Um dos grupos anti-imigração mais populares da Alemanha denomina-se PEGIDA, que em português significa Europeus Patrióticos Contra a Islamização do Ocidente.

Estando ciente da grande fatia de refugiados que o país já recebeu e dos outros que chegarão, Merkel propôs que a União Europeia estabelecesse uma quota de refugiados que cada país deve receber para aliviar os sistemas sociais da Alemanha e conter os ataques da oposição. O plano teve a aprovação de alguns países, mas inúmeras críticas de vários outros, o que tem um impacto negativo sobre a opinião pública de Angela Merkel no bloco europeu.

Ao contrário da Alemanha, a França não estava preparada para receber tantos imigrantes e as periferias de algumas cidades do país mais se parecem com países de terceiro mundo, com suas barracas improvisadas e acampamentos sem



estrutura ou saneamento básico algum. A maioria dos refugiados que entram na França esperam conseguir refúgio no Reino Unido.

A Hungria é claramente contra a entrada de refugiados no país. O primeiro ministro húngaro acusa a mídia europeia de manipular a informação, mostrando apenas fotos de mulheres e crianças entre os grupos de refugiados, quando a maioria é composta por homens que se parecem com membros de um exército. O ministro também declarou que a entrada destas pessoas na Europa deveria ser considerada uma invasão, além de não se saber se os refugiados estão dispostos a respeitar os valores europeus.

A Grécia, por estar localizada no sul da Europa e próxima à Turquia, é a principal porta de entrada dos refugiados na Europa. Arrasada pela crise financeira de 2008, a nação não tem recursos suficientes para garantir asilo aos refugiados que lotam as cidades litorâneas gregas. Então, eles esperam até serem registrados e partem para outros países do continente, como a Alemanha, Áustria e Suécia, por toda a assistência e direitos garantidos.

O Reino Unido, por sua vez, recusou adotar o plano de quota de refugiados aceito pela União Europeia e desenvolveu seu próprio plano. De acordo com David Cameron, primeiro ministro britânico, a região aceitará refugiados, mas somente aqueles que saírem diretamente da Síria para o Reino Unido, sem entrar na Europa antes. O asilo deverá ser concedido a estes refugiados antes mesmo de saírem da Síria.

A medida foi criticada pela União Europeia, pois o Reino Unido não contribuirá na divisão dos refugiados que já estão na Europa. Além disso, Cameron disse que a entrada de tantos refugiados na UE contribui ainda mais para a possível saída da Grã-Bretanha da União Europeia.

Percebe-se que entre estes e outros países destacados em outros tópicos, desde o começo do ano, a extrema direita vem recebendo cada vez mais apoio nestes lugares. A principal característica destes partidos da extrema direita é o discurso anti-imigração e racista, o que explica o aumento em sua popularidade devido ao alto fluxo de refugiados no continente europeu.

Portanto, é válido caracterizar os movimentos nacionalistas europeus como nacionalismo étnico e ultranacionalismo. por valorizar a etnia europeia em detrimento da etnia do “outro” e por incitar o ódio racial, o preconceito contra muçulmanos, além de permitir que partidos de extrema direita ganhem prominência

e influenciar os ultranacionalistas a atacarem os abrigos de refugiados, os próprios refugiados e os políticos pró-imigração.

Alguns políticos europeus acreditam que Marine Le Pen, líder do partido de extrema direita francês Frente Nacional, pode ser uma forte candidata à presidência francesa em 2016. Marine responde por um processo devido à declarações preconceituosas contra imigrantes muçulmanos na França.

Na Dinamarca, um partido de extrema direita já está no comando do país, sendo o segundo mais popular nas últimas eleições. Devido a um ataque de um filho de refugiados palestinos a nacionais dinamarqueses, o país cortou os benefícios de todos os refugiados pela metade. A Polônia também pode eleger um primeiro ministro da extrema direita nos próximos anos, e na Suécia foi confirmado que um jovem de 21 anos que atacou imigrantes não brancos com uma espada, também possui afiliação com a extrema direita, além de apresentar tendências nazistas.

A principal razão que leva os europeus a não aceitarem a presença de refugiados em seus países deve-se ao fato de que a maioria deles são muçulmanos. A islamofobia, a aversão aos praticantes da religião islâmica, aumentou muito após os atentados terroristas contra os Estados Unidos da América. Assim, é comum ver pessoas em diversas redes sociais, até mesmo quem não é europeu, dizer que parte dos refugiados na Europa são membros do Estado Islâmico e outras organizações terroristas, e que a entrada destas pessoas na Europa que estão supostamente fugindo de conflitos na Síria e demais países árabes, faz parte do plano das associações terroristas de espalhar o Islã pelo mundo.

Como exemplo, podemos citar a revista francesa Charlie Hebdo, que divulgou diversas caricaturas de Mohammed, o profeta do Islamismo. No início do ano de 2015, a redação da revista em Paris foi atacada por um muçulmano que matou várias pessoas. O acontecimento reacendeu o debate da islamofobia no mundo e problematizou a liberdade de expressão e tolerância religiosa por parte dos cartunistas e do atirador.

De um lado, as caricaturas podem contribuir para o aumento da islamofobia, mas isto não justifica o crime cometido pelo atirador porque da mesma forma que Charlie Hebdo zombou de uma figura islâmica, o mesmo foi feito com os papas católicos Benedito XVI e Francisco. E nenhum católico invadiu o prédio da redação para matar alguém.

O que também não justifica a postura anti-ética da revista de zombar do menino sírio Aylan Kurdi que foi encontrado morto numa praia da Grécia. Aylan tinha 2 anos e se afogou junto com a mãe e o irmão, também pequeno, quando o bote em que estavam virou. Caçoar de uma figura religiosa é uma coisa, mas fazer isto com uma criança indefesa é completamente imoral.

Outro fator que exemplifica a islamofobia é a proibição do uso das vestimentas femininas que escondem parte ou a totalidade do corpo da mulher muçulmana. Muitos ocidentais exaltam a opressão de gênero imposta pelo Islã para justificar a proibição, enquanto algumas praticantes da religião acreditam que esta limitação imposta sobre elas interfere em seu direito de expressar sua identidade religiosa.

A própria mulher ocidental ainda sofre muita opressão, foram necessários séculos de lutas para que pudéssemos ter alguns direitos garantidos. Como acreditar que os políticos que sugeriram e votaram a favor da proibição fizeram isto somente para conter a opressão de gênero islâmica? O verdadeiro motivo por trás da proibição é o preconceito e a intolerância, é não aceitar ter alguém “diferente” no mesmo lugar que eles estão. Logo, a proibição do uso da *burqa*, *hijab*, *niqab*, entre outros, incita a islamofobia de gênero.

Além da teoria nacionalista e considerando os avanços e efeitos negativos proporcionados pela globalização, foi analisada a teoria do cosmopolitismo com vistas a comparar a sociedade cosmopolita idealizada por Immanuel Kant com a sociedade internacional baseada nos princípios do Direito Internacional.

Para Kant, todos os cidadãos do mundo são considerados absolutamente iguais uns aos outros, possuindo os mesmos direitos e obrigações, porque mesmo que sejamos americanos, africanos e argentinos, somos em primeiro lugar habitantes da Terra. A partir disso, deveria ser elaborada uma lei universal (como a Declaração Universal dos Direitos Humanos) que garantiria estes direitos e obrigações a toda e qualquer pessoa do planeta, além de criar uma unidade federativa republicana e supranacional que seria responsável por todos os Estados e pessoas do mundo.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, como já foi mencionado, não é vinculativa. A Síria é apenas um dos países que assinaram a declaração e violam os direitos humanos diariamente, pois as próprias forças do Estado sírio bombardeiam hospitais que abrigam feridos e voluntários. Se a declaração fosse respeitada, não

teríamos milhões de refugiados no mundo todo fugindo de guerras, perseguição política, fome e miséria.

Melhor ainda, se fôssemos membros de uma sociedade cosmopolita onde todas as pessoas do mundo seriam consideradas iguais, não estaríamos debatendo se os refugiados, não importa onde estejam, merecem ter os mesmos direitos que nós temos e ter acesso às mesmas oportunidades.

Mesmo que Kant tenha defendido somente o direito de visitar um país que não seja o seu e não o direito de poder permanecer nele, como seres humanos temos a obrigação de tratar os refugiados com respeito sem acusá-los de serem terroristas. A globalização permitiu o desenvolvimento dos meios de transporte e democratizou o acesso aos mesmos. Nada impede um terrorista de verdade de pegar um avião e visitar algum país se ele tiver os documentos necessários. Um terrorista legítimo poderia estar na sua cidade agora mesmo sem os habitantes se darem conta disto.

Levando em consideração todos os fatores analisados neste trabalho; a comprovação da ascensão de movimentos nacionalistas e o aumento na popularidade da extrema direita europeia, é possível afirmar que a corrente teórica que melhor explica o tratamento de refugiados muçulmanos na Europa, não só por autoridades políticas, mas também pela população em geral, é a teoria nacionalista. Grande parte dos europeus ainda vê o refugiado muçulmano como o *outro*, como um invasor que quer matar todos em nome do Islã.

Os ataques terroristas cometidos contra Paris em 13 de novembro de 2015 por membros do Estado Islâmico reforçarão ainda mais esta opinião, garantindo ainda mais força aos movimentos nacionalistas e aos partidos de extrema direita. Sendo assim, a possibilidade da aceitação universal de uma ordem multiculturalista num futuro próximo é difícil, mas não de todo improvável.

Para o multiculturalismo, é preciso aumentar o fluxo de intercâmbio entre pessoas de diferentes culturas, pois nada nos faz enxergar melhor outra cultura como estando inseridos nela. É necessário também intensificar os estudos internacionais em todos os níveis educacionais, instigando assim a curiosidade dos estudantes em descobrir novas culturas, diminuindo qualquer possibilidade da existência de uma aversão ao estrangeiro, ao que é diferente.

A aceitação de uma ordem cosmopolita, é, no entanto, mais difícil de ser alcançada. A soberania dos Estados ainda tem muito poder para uma sociedade

internacional cosmopolita ser estabelecida. Os próprios princípios e regras positivadas do Direito Internacional não são genuinamente respeitados, mesmo sendo formulados e negociados em conjunto. Não há qualquer interesse em criar uma entidade republicana supranacional para fazer com que a lei seja cumprida.

Como em um *video game*, não podemos passar para outro nível sem ter devidamente completado o nível atual. Estamos condenados a não evoluir no “jogo” enquanto não aprendermos a tratar uns aos outros como seres humanos.

## REFERÊNCIAS

ABOUT Moody's Ratings. **Moody's**, c2015. Disponível em: <<https://www.moodys.com/Pages/amr002002.aspx>>. Acesso em: 18 out. 2015.

ADAMOPOULOS, Anastassios. Greek prime minister talks refugees and economic crises at UN General Assembly. **Greek Reporter**, Atenas, 1 out. 2015. Disponível em: <http://greece.greekreporter.com/2015/10/01/greek-prime-minister-talks-refugee-and-economic-crises-at-un-general-assembly/> Acesso em: 25 out. 2015.

AISCH, Gregor; ALMUHKTAR, Sarah. Seeking a fair distribution of migrants in Europe. **The New York Times**. Nova York, 22 set. 2015. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/interactive/2015/09/04/world/europe/europe-refugee-distribution.html>>. Acesso em: 24 out. 2015.

A GUIDE to the UK's planned in-out EU referendum. **BBC**, Londres, 10 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/uk-politics-32810887>>. Acesso em: 18 out. 2015.

ALLMENDINGER, Jutta; VON DEN DRIESCH, Ellen. **Social Inequalities in Europe: Facing the Challenge**. 1. ed. Berlim: Social Science Center, 2014.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. 1. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.

ANTI-muslim hate crimes soar in UK as far-right sentiment grows. **Telesur TV**, Caracas, 15 maio 2015. Disponível em: <<http://www.telesurtv.net/english/news/Anti-Muslim-Hate-Crimes-Soar-in-UK-as-Far-Right-Sentiment-Grows-20150515-0027.html>> Acesso em 26 out. 2015.

ARMED, masked Greek men attack refugee boats, leaving stranded people to die at sea. **RT**, Moscou, 23 out. 2015. . Disponível em: <<https://www.rt.com/news/319515-greece-refugees-sink-boats/>>. Acesso em: 25 out. 2015.

ATKINS, Ralph. Swiss far-right gains in election overshadowed by migrant crisis. **The Financial Times**, Nova York, 19 out. 2015. Disponível em: <<http://www.ft.com/cms/s/0/e2880e94-75a9-11e5-a95a-27d368e1ddf7.html#axzz3qGtdRpdW>> Acesso em 01: nov. 2015.

BAJEKAL, Naina. Germany will push for compulsory EU refugee quotas. **Time**, Nova York, 23 out. 2015. Disponível em: <<http://time.com/4084784/germany-eu-quotas-refugees/>> Acesso em: 27 out. 2015.

CAVERO, Teresa; POINASAMY, Krishnah. **A Cautionary Tale: the True Cost of Austerity and Inequality in Europe**. 1. ed. Oxford: Editora Oxford GB, 2013.

CHRYSOPOULOS, Philips. EUROSTAT: 1 In 3 Greeks Is Poor Or Facing Unemployment. **Greek Reporter**. Atenas, 17 out. 2015. Disponível em: <<http://greece.greekreporter.com/2015/10/17/eurostat-1-in-3-greeks-is-poor-or-facing-unemployment/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

CONSTANTINIDES, Aristoteles. **Questioning the Universal Relevance of the Universal Declaration of Human Rights**. 1. ed. Nicosia: University of Cyprus, 2008.

Convenção relativa ao estatuto dos refugiados (1951). **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**. c2015. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados)>. Acesso em: 24 out. 2015.

CZECH Republic far-right demonstrations attract thousands. **Euronews**, Paris, 28 out. 2015. Disponível em: <<http://www.euronews.com/2015/10/28/czech-republic-far-right-demonstrations-attract-thousands/>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

DEGER, Allison. Angela Merkel makes a 14-year-old Palestinian girl cry by telling her she is not welcome in Germany. **Mondoweiss**, Nova York, 16 jul. 2015. Disponível em: <<http://mondoweiss.net/2015/07/palestinian-telling-welcome>>. Acesso em: 24 out. 2015.

EU reaches deal on disputed refugees quotas. **Al Jazeera**, Doha, 23 set. 2015. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/2015/09/eu-attempt-resolve-refugee-quota-dispute-150922044717786.html>>. Acesso em: 27 out. 2015.

EUROPEAN Parliament MEPs. **Europarl**, c2015. Disponível em: <<http://www.europarl.europa.eu/meps/en/map.html>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

FAR-RIGHT believer killed one student and a teacher in Sweden. **NewEurope**, Bruxelas, 23 out. 2015. Disponível em: <<http://neurope.eu/article/far-right-believer-killed-one-student-and-a-teacher-in-sweden/>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

FERGUSON, Charles. **Inside Job: the financiers who pulled off the heist of the century**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 36.

GARDNER, Zen. Patriotism vs Nationalism – The Deliberately Blurred Line. **ZenGardner.com**. c2015. Disponível em: <<http://www.zengardner.com/patriotism-vs-nationalism-the-deliberately-blurred-line/>> Acesso em: 11 nov. 2015.

GELLNER, Ernest. **Nations and Nationalism**. 1. ed. Oxford: Editora Basil Blackwell, 1983.

GERMAN mayoral candidate Reker stabbed over refugees support. **BBC**, Londres, 17 out. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-34561531>>. Acesso em 25 out. 2015.

GERMAN politician “threatened with beheading” pela extrema direita após abrigo para refugiados ser incendiado. **RT**, Moscou, 07 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/247417-germany-refugee-shelter-fire/>>. Acesso em 24 out. 2015.

GERMAN unemployment steady at historic low in September. **RTE**, Dublin, 30 set. 2015. Disponível em: <<http://www.rte.ie/news/business/2015/0930/731338-german-unemployment/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

GLOBAL recession. **The Guardian**, Londres, 10 jul 2001. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/business/2001/jul/10/globalrecession>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

GOHIR, Shaista. **The Veil Ban in Europe: Gender Equality or Gendered Islamophobia?** Washington D.C: Georgetown Journal of International Affairs, 2015.

GOLDMAN, Russell. U.N. Accuses Czech Republic of Violating Migrants’ Rights. **The New York Times**, Nova York, 22 out. 2015. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2015/10/23/world/europe/united-nations-accuses-czech-republic-of-violating-refugees-rights.html>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

GRANT, Harriet. UN agencies ‘broke and failing’ in face of ever-growing refugee crisis. **The Guardian**, Londres, 06 set. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/sep/06/refugee-crisis-un-agencies-broke-failing>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

HARRESS, Christopher. Hungarian prime minister says refugees will harm European values. **International Business Times**, Manhattan, 24 out. 2015. Disponível em: <<http://www.ibtimes.com/hungarian-prime-minister-says-refugees-will-harm-european-values-2155108>>. Acesso em: 25 out. 2015.

HELD, David. **Cosmopolitanism: Ideals and Realities**. 1. ed. Cambridge: Editora Polity, 2010.

HOBBS, Thomas. **Leviathan**. 1. ed. Seattle: Editora CreateSpace, 2011.

HOBBS, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1870: Programa, Mito e Realidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1990.

HOCKENOS, Paul. Nothing can take down Angela Merkel – except 800,000 refugees. **Foreign Policy**, 22 out. 2015. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2015/10/22/nothing-can-take-down-angela-merkel-except-800000-refugees-germany-cdu-pegida/>> Acesso em: 24 out. 2015.

HOSEHOUSE, Matthew. DAVID Cameron: refugee crisis 'complicates' job of keeping Britain in EU. **Telegraph**, Bruxelas, 29 set. 2015. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/eu/11899058/David-Cameron-refugee-crisis-complicates-job-of-keeping-Britain-in-EU.html>> Acesso em: 25 out. 2015.



HUNGARY closes borders to refugees as Turkey questions EU deal to stem crisis. **The Guardian**, Londres, 17 out. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/oct/17/hungary-closes-border-to-refugees-as-turkey-questions-eu-deal-to-stem-crisis>>. Acesso em: 25 out. 2015.

ICC at a glance. **International Criminal Court**, c2015. Disponível em: <[https://www.icccpi.int/en\\_menus/icc/about%20the%20court/icc%20at%20a%20glance/Pages/icc%20at%20a%20glance.aspx](https://www.icccpi.int/en_menus/icc/about%20the%20court/icc%20at%20a%20glance/Pages/icc%20at%20a%20glance.aspx)> Acesso em 07 nov. 2015.

**International Rescue Committee**, c2015. Disponível em: <<http://www.rescue.org/where/greece>>. Acesso em: 25 out. 2015.

INSIDE JOB. Direção: Charles Ferguson. Produção: Charles Ferguson e Audrey Marrs. Nova York: Sony Pictures, c2015. 1 DVD.

ISIS'S advance in Iraq. **Financial Times**, Londres, 6 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.ft.com/ig/sites/2014/isis-map/>>. Acesso em: 23. Out. 2015.

ISLAM. **Patheos Library**, c2008-2015. Disponível em: <<http://www.patheos.com/Library/Islam>> Acesso em: 26 out. 2015.

JEAN-MARIE Le Pen launches new political party in France. **The Guardian**, Londres, 05 set. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/sep/05/jean-marie-le-pen-launches-new-political-party-in-france>>. Acesso em: 25 out. 2015.

KANT, Immanuel. **Perpetual Peace: A Philosophical Sketch**. 1. ed. Indianapolis: Editora Hackett, 2003

KARNITSCHNIG, Matthew. Germany now expects 1.5 million refugees in 2015. **Politico**, Nova York, 05 out. 2015. Disponível em: <<http://www.politico.eu/article/germany-now-expects-1-5-million-refugees-in-2015-report/>>. Acesso em: 24 out. 2015.

KINGSLEY, Patrick. Financial crisis: timeline. **The Guardian**, Londres, 7 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/business/2012/aug/07/credit-crunch-boom-bust-timeline>>. Acesso em: 18 out. 2015.

KINGSLEY, Patrick. Migrant crisis: Up to 200 dead after boat carrying refugees sinks off Lybia. **The Guardian**, Londres, 28 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/aug/27/at-least-30-dead-after-boat-carrying-migrants-sinks-in-mediterranean>>. Acesso em 24 out. 2015.

LEWIS, Corinne. **UNHCR and International Refugee Law: From Treaties to Innovation**. 1. ed. Londres: Editora Routledge, 2012.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARQUES, Thomas. Nacionalismo. **Ordem ou Regresso**, c2013. Disponível em: <<http://ordemouregresso.blogspot.com.br/2013/08/nacionalismo.html>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

MOTYL, J. Alexander. **Encyclopedia of Nationalism**. 1. ed. Waltham: Editora Academic Press, 2000.

MIGRANT crisis: Migration to Europe explained in graphics. **BBC**, Londres, 9 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-34131911>> Acesso em 23 out. 2015.

MIGRATORY routes map. **Frontex**. c2015. Disponível em: <<http://frontex.europa.eu/trends-and-routes/migratory-routes-map/>> Acesso em: 23 out. 2015.

MILLER, Nick. UK Home Secretary Theresa May echoes John Howard in controversial anti-immigration speech. **The Sydney Morning Herald**, Sydney, 07 out. 2015. Disponível em: <<http://www.smh.com.au/world/migrant-crisis/uk-home-secretary-theresa-may-echoes-john-howard-in-controversial-antiimmigration-speech-20151006-gk2tb7.html>>. Acesso em: 25 out. 2015.

NACIONALISMO anti-colonial. **Segunda Guerra Mundial**, c2011. Disponível em: <<http://segundaguerramundial2011-m01.blogspot.com.br/2011/10/nacionalismo-anti-colonial.html>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

NACIONALISMO de Esquerda x nacionalismo de Direita. **Economia Política Brasil**, c2009. Disponível em: <<http://economiapoliticabrasil.blogspot.com.br/2009/01/nacionalismo-de-esquerda-x-nacionalismo.html>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

NACIONALISMO expansionista. **ABC.es**, c2015. Disponível em: <[http://www.abc.es/hemeroteca/historico-10-12-2005/abc/Opinion/nacionalismo-expansionista\\_1012882804004.html](http://www.abc.es/hemeroteca/historico-10-12-2005/abc/Opinion/nacionalismo-expansionista_1012882804004.html)>. Acesso em: 11 nov. 2015.

NUMBER of refugee arrivals to Greece increase dramatically. **United Nations High Commissioner for Refugees**, c2015. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/55d32dcf6.html>>. Acesso em 19 out. 2015.

ONG'AYO, O. Antony. **Political instability in Africa: where the problem lies and alternative perspectives**. 1. ed. Amsterdã: The African Diaspora Policy Centre, 2008.

SYRIA: The story of the conflict., **BBC**, Londres, 9 out. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-26116868>>. Acesso em: 23 out. 2015.

ORWELL, George. Notes on Nationalism. **Resort**, c2015. Disponível em: <<http://www.resort.com/~prime8/Orwell/nationalism.html>> Acesso em: 11 nov. 2015.

PARK, Jeanne. Europe's migration crisis. **US Council of Foreign Relations**, Nova York, 23 set. 2015. Disponível em: <<http://www.cfr.org/migration/europes-migration-crisis/p32874>>. Acesso em: 27 out. 2015.

Perguntas e respostas. **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**, c2015. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/informacao-geral/perguntas-e-respostas/>> Acesso em: 04 nov. 2015.

PETRAKIS, E. Panagiotis; KOSTIS, C. Pantelis; VALSAMIS, G. Dionysis. **European Economics and Politics in the Midst of the Crisis: From the Outbreak of the Crisis to the Fragmented European Confederation**. 1 ed. Berlim: Editora Springer, 2013.

Protocolo de 1967 relativo ao estatuto de refugiados. **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**, c2015. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos/?tx\\_danpdocumentdirs\\_pi2%5Bmode%5D=1&tx\\_danpdocumentdirs\\_pi2%5Bpointer%5D=0&tx\\_danpdocumentdirs\\_pi2%5Bsort%5D=doctitle,sorting,uid&tx\\_danpdocumentdirs\\_pi2%5Bdownload%5D=yes&tx\\_danpdocumentdirs\\_pi2%5Bdownloadtyp%5D=stream&tx\\_danpdocumentdirs\\_pi2%5Buid%5D=595](http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos/?tx_danpdocumentdirs_pi2%5Bmode%5D=1&tx_danpdocumentdirs_pi2%5Bpointer%5D=0&tx_danpdocumentdirs_pi2%5Bsort%5D=doctitle,sorting,uid&tx_danpdocumentdirs_pi2%5Bdownload%5D=yes&tx_danpdocumentdirs_pi2%5Bdownloadtyp%5D=stream&tx_danpdocumentdirs_pi2%5Buid%5D=595)>. Acesso em: 24 out. 2010.

RAJAN, Raghuram. **Has financial development made the world riskier?** 1 ed. Cambridge: National Bureau of Economic Research, 2005.

REFUGEE crisis: UN says world took too long to respond. **CBC News**, Ottawa, 26 set. 2015.. Disponível em: <<http://www.cbc.ca/news/world/united-nations-refugee-crisis-1.3245508>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

REFUGEES and asylum seekers factsheet. **The Salvation Army**, c2015. Disponível em: <<http://hms.salvos.org.au/refugees-asylum-seekers-factsheet/>>. Acesso em: 27 out. 2015.

REFUGEES 'look like an army', says Hungarian PM Viktor Orban., **The Guardian**, Londres, 23 out. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/oct/23/refugees-look-like-an-army-says-hungarian-pm-viktor-orban>>. Acesso em: 25 out. 2015.

RETTMAN, Andrew. Poland: Election talk on migrant 'protozoas' gets ugly. **EU Observer**, Bruxelas, 14 out. 2015. Disponível em: <<https://euobserver.com/political/130672>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **The Social Contract**. 1. ed. Seattle: Editora CreateSpace, 2011.

SAMUEL, Henry. Marine Le Pen stands trial for Muslim street prayer outburst. **Telegraph**, Paris, 20 out. 2015. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/france/11943110/Marine-Le-Pen-stands-trial-for-Muslim-street-prayer-outburst.html>>. Acesso em: 25 out. 2015.

SAMUEL, Henry. Refugees shun France, land of red tape, unemployment and poor housing. **Telegraph**. Paris, 21 set. 2015. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/france/11880391/Refugees->

shun-France-land-of-red-tape-unemployment-and-poor-housing.html>. Acesso em: 24 out. 2015.

SAMUEL, Henry. Send in the army, says Calais mayor, as migrant population doubles. **Telegraph**, Paris, 19 out. 2015. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/france/11941305/Send-in-the-army-says-Calais-mayor-as-migrant-population-doubles.html>>. Acesso em: 24 out. 2015.

SCHENGEN visa countries list. **Schengen Visa Info**, c2015. Disponível em: <<http://www.schengenvisa.info.com/schengen-visa-countries-list/>>. Acesso em 06: out. 2015.

SHERMANN, Bret. Leverage, the Downside; An attempt to simplify. **Wall Street Law**, c2014. Disponível em: <<http://wallstreetlaw.typepad.com/sherman/leverage-ratio/>>. Acesso em: 18 out. 2015.

SPENCER, Richard e LAWLER, David. More than 56,000 migrants arrive in Greece in one week, the highest total of 2015. **The Telegraph**, Londres, 23 out. 2015. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/greece/11950421/More-than-56000-migrants-arrive-in-Greece-in-one-week-the-highest-total-of-2015.html>>. Acesso em: 25 out. 2015.

STANDISH, Reid. Russian troops are in Syria and we have the selfies to prove it. **Foreign Policy**, 8 set. 2015. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2015/09/08/russian-troops-are-in-syria-and-we-have-the-selfies-to-prove-it/>>. Acesso em: 23 out. 2015.

SULLIVAN, Kevin; BERMAN, Mark, KAPLAN, Sarah. Three Muslims killed in shooting near UNC; police, family argue over motive. **The Washington Post**, Washington D.C., 11 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/post-nation/wp/2015/02/11/three-killed-in-shooting-near-university-of-north-carolina/>>. Acesso em: 26 out. 2015.

SWIFT, Jonathan. Lest We Forget: Why We Had a Financial Crisis. **Forbes**, Nova York, 22 nov 2011. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/stevedenning/2011/11/22/5086/>>. Acesso em: 06 out. 2015.

SWITZERLAND swings to right, as anti-immigration party wins election. **Newsweek**, Nova York, 18 out. 2015. Disponível em: <<http://www.newsweek.com/switzerland-swings-right-election-384575>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

THAROOR, Ishaan. Europe's refugee crisis strengthen far-right parties. **The Washington Post**, Washington D.C., 13 out. 2015. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2015/10/13/europes-refugee-crisis-strengthens-far-right-parties/>>. Acesso em: 01 nov.

THE SUNNY-Shia Divide. **US Council of Foreign Relations**, c2015. Disponível em: <[http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=ppc-Google-grant-sunni\\_shia\\_infoguide&gclid=Cj0KEQjwtaexBRCohZOAoOPL88oBEiQAr96eSGe3-s2AtB9mL8M59M9nI0sSmfNNghSjlreMHg5zeeYaAmHi8P8HAQ#/> >. Acesso em: 23 out. 2015.](http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=ppc-Google-grant-sunni_shia_infoguide&gclid=Cj0KEQjwtaexBRCohZOAoOPL88oBEiQAr96eSGe3-s2AtB9mL8M59M9nI0sSmfNNghSjlreMHg5zeeYaAmHi8P8HAQ#/)

THIRD refugee shelter burned down in Sweden in 6 days. **RT**, Moscou, 18 out. 2015. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/318996-sweden-refugee-center-fire/>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

TRAYNOR, Ian. Confusion as Germany announces curbs on Syrian refugees. **The Guardian**, Londres, 06 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/nov/06/germany-imposes-surprise-curbs-on-syrian-refugees>>. Acesso em: 09 nov. 2015.

TREATY of Amsterdam: Amending the Treaty on European Union, the Treaties Establishing the European Communities and Certain Related Acts. **Europarl**, c2015. Disponível em: <<http://www.europarl.europa.eu/topics/treaty/pdf/amst-en.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2015.

THE BURSTING of the US house price bubble. **Tresor**, c2015. Disponível em: <<https://www.tresor.economie.gouv.fr/file/326995>>. Acesso em: 11 out. 2015.

THE HISTORY of European Union. **Europa.eu**, c2015. Disponível em: <[http://europa.eu/about-eu/eu-history/index\\_en.htm](http://europa.eu/about-eu/eu-history/index_en.htm)>. Acesso em: 06 out. 2015.

UNEMPLOYMENT statistics. **Eurostat**, c2015. Disponível em: <[http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Unemployment\\_statistics](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Unemployment_statistics)>. Acesso em: 19 out. 2015.

UNDERSTANDING the International Criminal Court. **International Criminal Court**, c2015. Disponível em: <<https://www.icc-cpi.int/iccdocs/PIDS/publications/UICCEng.pdf>> Acesso em: 07 nov. 2015.

United Nations Declaration of Human Rights. **United Nations**, c2015. Disponível em: <<http://www.un.org/en/documents/udhr/>>. Acesso em 07 nov. 2015.

VINOCUR, Nicholas. French Socialist MP predicts Le Pen presidency. **Politico**, 26 out. 2015. Disponível em: <<http://www.politico.eu/article/french-socialist-predicts-le-pen-presidency-france-elections-boutih/>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

WEAVER, Matthew et al. UK must resettle refugees who arrived on Cyprus military base, says UN. **The Guardian**, Atenas, 21 out. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/oct/21/refugee-boats-akotiri-uk-military-base-in-cyprus>> Acesso em: 25 out. 2015.

WEBER, Max. **A política como vocação**. 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003. p. 8.

WHAT is Islamic State. **BBC**, Londres, 8 out. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-29052144>>. Acesso em: 23 out. 2015.

WHITMAN, Elizabeth. European refugee crisis 2015: Britain defends asylum policy, amid criticism from EU leaders. **International Business Times**, Manhattan, 02 out. 2015. Disponível em: <<http://www.ibtimes.com/european-refugee-crisis-2015-britain-defends-asylum-policy-amid-criticism-eu-leaders-2124636>>. Acesso em: 25 out. 2015.

WHO can join and when? **European Commission**, c2015. Disponível em: <[http://ec.europa.eu/economy\\_finance/euro/adoption/who\\_can\\_join/index\\_en.htm](http://ec.europa.eu/economy_finance/euro/adoption/who_can_join/index_en.htm)>. Acesso em: 07 nov. 2015.

WHY is EU struggling with migrants and asylum? **BBC**, Londres, 21 set. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-24583286>>. Acesso em :19 out. 2015.

WILDE, Robert. The Wars of the Former Yugoslavia. **About.com**, c2015. Disponível em: <<http://europeanhistory.about.com/od/thebalkansandturkey/a/The-Wars-Of-The-Former-Yugoslavia.htm>>. Acesso em 11 nov. 2015

WITTE, Griff. Behind Sweden's warm welcome for refugees, a backlash is brewing. **The Washington Post**, Washington D.C., 19 out. 2015. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/world/europe/behind-swedens-warm-welcome-for-refugees-a-backlash-is-brewing/2015/10/17/b5f4110c-661d-11e5-bdb6-6861f4521205\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/europe/behind-swedens-warm-welcome-for-refugees-a-backlash-is-brewing/2015/10/17/b5f4110c-661d-11e5-bdb6-6861f4521205_story.html)>. Acesso em: 01 nov. 2015.

WOLIN, Richard. **The idea of cosmopolitanism: from Kant to the Iraq War and beyond**. Ethics & Global Politics Journal. Nova York: Editora Co-Action, 2010. p. 144.

ZIKAKOU, Ioanna. Greece Has The Largest Number of Unemployed Graduates. **Greek Reporter**. Atenas, 14 out. 2015. Disponível em: <<http://greece.greekreporter.com/2015/10/14/greece-has-the-largest-number-of-unemployed-graduates/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

40 PEOPLE injured in pepper-spray attack on refugee shelter in Germany. **Reuters**, Nova York, 02 set. 2015. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/314094-germany-refugee-shelter-attack/>>. Acesso em: 24 out. 2015.

## ANEXOS

### **ANEXO A – ENTREVISTA DOS TRÊS SOBREVIVENTES DE UM NAUFRÁGIO ENVOLVENDO REFUGIADOS**

Anas: Quando a água veio, eu fui empurrado para uma sala ou compartimento e depois tudo ficou preto. De repente eu vi uma pequena luz, eu nadei até que ficou mais perto e maior e eu percebi que era uma janela. Eu atravessei. Quando nós estávamos na água, eu vi pessoas se agarrando aos corpos [das pessoas mortas]. Eu vi homens tentando tirar o colete salva-vidas de mulheres. O motivo de somente metade das pessoas tinham coletes salva-vidas era porque você tinha que comprá-los na Líbia, e o traficante disse que não valia a pena porque o barco era seguro. Nós somos uma família grande. Eu estava viajando com a minha mãe, irmão, primos, o marido da minha prima e a família dele. Eu não tenho ideia de onde eles estão. Eu fui preso em Malta por três dias, eu vomitava sangue mas eles ainda me levaram para a detenção. A prioridade principal deles era colher minhas digitais. [...]

A: Nós pagamos 1000 dólares cada e mais 200 dólares para o agente do traficante. Meu irmão de 9 anos pagou 500 dólares. Dois dias depois nós fomos levados para uma casa apertada com aproximadamente 300 pessoas e só um banheiro. Nós estivemos lá por 9 dias. Os traficantes agrediam as pessoas quando achavam que elas estavam fazendo muito barulho. Eles nos colocaram numa van de carne, como ovelhas, e nós fomos para a costa. Tinha aproximadamente 500 pessoas no barco. Um homem, quando ele viu o quão cheio o barco estava, disse que ele não subiria. Os traficantes disseram que ele podia nadar e eles ficariam com o dinheiro dele. Depois que nós saímos da Líbia, um barco líbio gritou para a gente para que voltássemos, dizendo que estávamos em direção à morte. Pais seguravam seus bebês. Os líbios nos seguiram até de manhã. E então eles atiraram, primeiro no ar e depois na parte de baixo do barco. Eles estavam tentando atingir o motor. Depois que o barco afundou, não pude encontrar meu irmão e meu pai. [...]

B: Eu fui colocado num acampamento [depois do acidente]. Fomos levados a um escritório onde colheram digitais. O delegado disse que eu seria preso se recusasse. Depois disso eu estava livre, então fui para Milão. Eu deixei a Síria para tirar minha família de lá, mas agora eles têm as minhas digitais e eu não posso trazer minha família aqui. Nossa primeira experiência da Europa é uma mentira. Minha experiência não destruiu só os meus sonhos; destruiu os sonhos da minha família.

## **ANEXO B – DISCURSO DE ALEXI TSIPRAS NA ASSEMBLEIA GERAL DA ONU**

Desde o começo do ano mais de 300 mil pessoas – a maioria da Síria, Iraque e Afeganistão – entraram no país com a intenção de transitarem para os países europeus ocidentais.

A Grécia – como todos os outros países europeus – foi pega de surpresa por este fato.

Apesar disto, as pessoas da Grécia, mostraram sua solidariedade garantindo comida e abrigo aos refugiados.

Em cooperação com a União Europeia e outras organizações internacionais, nós estamos fazendo tudo o que podemos para administrar estes fluxos de uma maneira efetiva e humanizada, através da melhoria das instalações de recepção e procedimentos de identificação como também providenciando internet para facilitar a relocação.

No entanto, para alguns o único modo de lidar com este desafio é contruindo muros mais altos, para repelir os migrantes pela força ou para assegurar que eles continuem sendo a responsabilidade de outro alguém – o mais longe o possível. Nós não acreditamos que o futuro da Europa ou do nosso mundo possa ser construído com muros cada vez mais altos, ou crianças morrendo na nossa porta. Também não podemos nos esquecer que muitos de nossos ancestrais eram migrantes e refugiados. Não podemos permitir que o racismo e xenofobia destruam nossos princípios em comum.

No quadro da ONU, devemos contruir o mecanismo de reassentamento necessário nos países vizinhos da Síria e ao mesmo tempo apoiando-os diretamente no recebimento de refugiados, e no desmanche das redes de tráfico. Este mecanismo de reassentamento junto com o mecanismo de relocação na Europa



dará esperança a estas pessoas, desencorajando-os de confiarem nos traficantes. Além disso, temos que aumentar o apoio aos países europeus na linha de frente, como a Grécia, nos seus esforços em administrar estes fluxos.